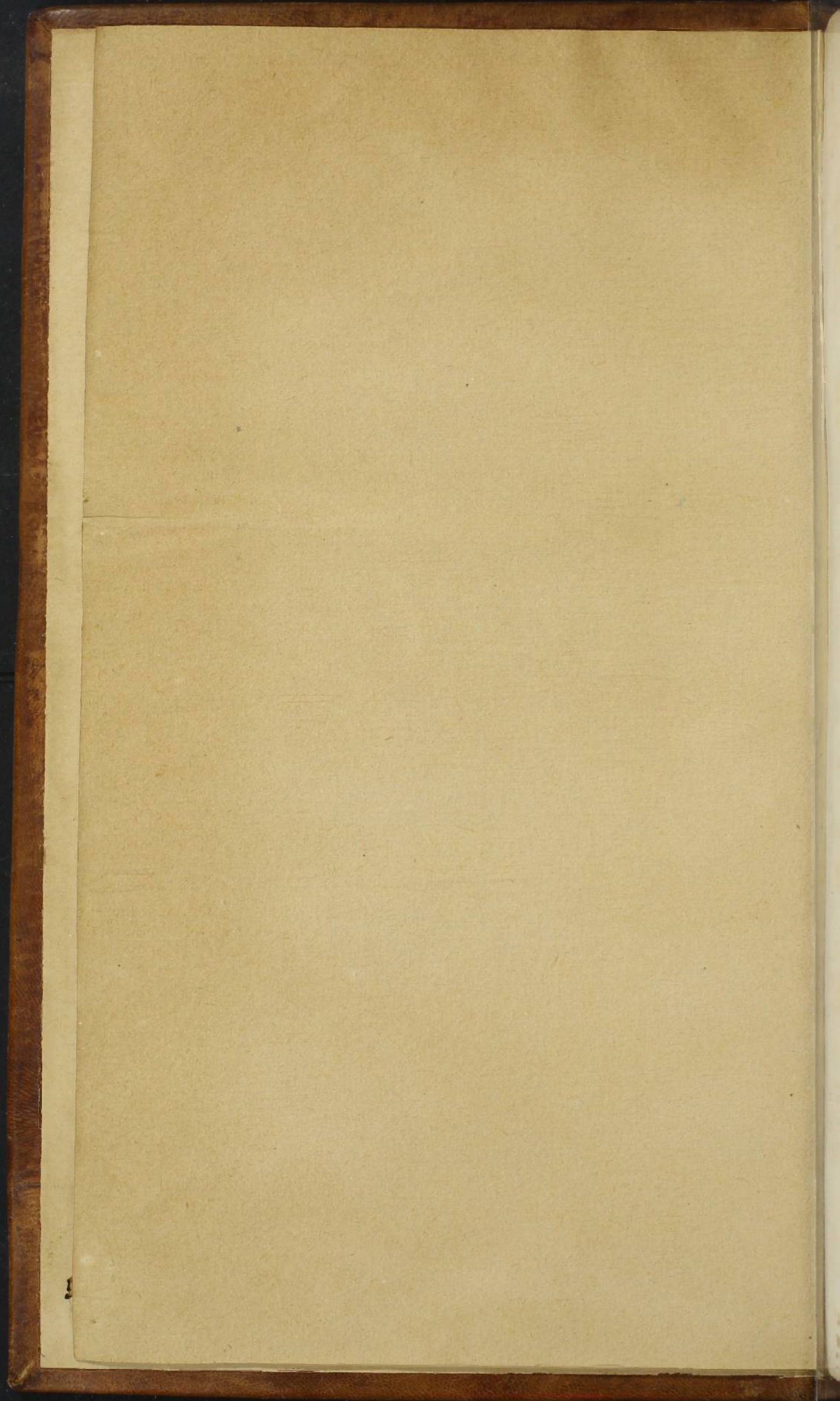


le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



HISTORIA

UNIVERSAL

IV

UNIVERSITY
OF TORONTO



COLOMBO

HISTORIA UNIVERSAL

DESDE

OS TEMPOS MAIS REMOTOS ATÉ AOS NOSSOS DIAS

RELATANDO

OS ACONTECIMENTOS MAIS NOTAVEIS EM TODAS AS EPOCHAS

E OS FEITOS DOS HOMENS MAIS CELEBRES DE TODOS OS POVOS

composta sobre o plano

DE GABRIEL GOTTOFREDO BREDOW

PROFESSOR DE HISTORIA NA UNIVERSIDADE DE BRESLAU

E ENRIQUECIDA COM NOTAS

POR UM BRASILEIRO

ORNADA COM 24 ESTAMPAS

TOMO QUARTO

**Desde o descobrimento da America; até o Tratado de
Hubertsburgo.**



RIO DE JANEIRO

EM CASA DOS EDITORES-PROPRIETARIOS

EDUARDO E HENRIQUE LAEMMERT

Rua da Quitanda n.º 77

1847

HISTORIA UNIVERSAL

IN TEMPORE HUIUS REIPUBLICAE

DE REIPUBLICA HUIUS REIPUBLICAE

DE REIPUBLICA HUIUS REIPUBLICAE

ORDINA TOMEI REIPUBLICAE

TOMEI REIPUBLICAE

Typographia Universal de Caemert
Rua do Lavradio, 53.



TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE CAEMERT

RUA DO LAVRADIO, 53.

HISTORIA UNIVERSAL

CAPITULO XLV.

Christovam Colombo, ou descobrimento do Novo Mundo, Americo Vespucio (*), Vasco da Gama, e as Indias Orientaes. Conquista do Mexico e do Peru', Luiz XII. Veneza. Leão X. Luthero. Estados do Norte ().**

Já a navegação tinha exercido grande influencia sobre o systema politico da Europa, quando um homem veio ainda augmentar-lhe esta influencia por um novo prodigio de audacia e de

(*) Americo Vespucio, oriundo de uma nobre familia de Florença em 1441, foi educado por seu tio Jorge Antonio Vespucio, que superintendia a publica instrucção d'esta cidade, d'onde partiu em 1490 para a Hespanha. Apenas porém ahí chegado, sabendo que Colombo acabava de descobrir um novo mundo, ambicionou partilhar sua gloria. Fernando, rei de Hespanha, lhe entregou quatro navios.

(**) Desde o fim do seculo xv até o anno de 1519.

concepção. No capitulo xiv d'esta obra demos a historia da navegação desde sua origem provavel até os nossos dias; agora porém referiremos alguns factos, que tem immediata relação com a materia que nos occupa. Os antigos Dinamarquezes, particularmente os da Noruega, chegando em 874 até a Islandia, estabeleceram alli uma consideravel colonia. Em 982 descobriram a Groenlandia, e fizeram outro estabelecimento; mas o que parece

com os quaes partiu de Cadix em 1497. Depois de ter explorado as costas da Terra-Firme, até o golfo do Mexico, voltou Vespucio á Hespanha passados dezoito mezes. Deixando a Colombo a gloria de ser o primeiro que aportou nas ilhas da America, pretendeu para si a de ter descoberto o continente. Um anno depois d'esta primeira viagem, fez Vespucio outra com seis embarcações, ainda debaixo da obediencia de Fernando e Izabel, e aportou não só nas Antilhas, mas ainda muito além, na Goyanna, Venezuela, &c., e voltou em Novembro de 1500 para Cadix, trazendo copia de pedras preciosas e outros objectos de valor. Todavia os Hespanhóes se lhe mostraram pouco reconhecidos, e tal ingratição o penalizou sensivelmente. D. Manoel, rei de Portugal, informado do descontentamento de Vespucio, o attraheu a seus Estados, e lhe deu tres embarcações para empreehender outra viagem ás Indias occidentaes. — Americo Vespucio, depois de muitas outras viagens, morreu em 1516 na ilha Terceira, legando seu nome á metade do globo, em manifesto prejuizo de Colombo. O Diario de suas quatro viagens, publicado em italiano e em francez, foi traduzido em latim, Pariz 1532, e em Basilea 1555. Existe um folheto raro e curioso, contendo as *cartas* de Vespucio, a ultima das quaes é datada em 4 de Setembro 1514, impresso em Florença 1516. Diz-se que só se imprimiram d'este opusculo dez exemplares para os dez soberanos da Europa.

admiravel, e o Sr. Mallet dá por sufficientemente provado, é que pouco tempo depois descobriram os Dinamarquezes uma terra da America, á qual deram o nome de Vinlandia, e n'ella fundaram uma nova colonia (*).

(*) Humboldt, que é de todos os escriptores o que melhor fez conhecer não sómente o estado physico, mas tambem a historia da descoberta da America, notou que foram os Scandinavos os primeiros navegantes, que visitaram o nosso continente. Com effeito as ultimas indagações parecem ter demonstrado, que quando Colombo visitou a Islandia em 1477, alli ouviu contar a descoberta da America pelos Scandinavos, e que foi este um dos mais poderosos incentivos, que o levaram a emprender sua arriscada viagem. Mas este facto em nada quebranta a gloria que elle adquiriu pela elevada intelligencia e pelo infatigavel zelo, com que encarou todos os obstaculos e perigos para terminar esta nobre empresa, que nos revelou uma nova parte do mundo, em circumstancias proprias a pô-la immediatamente sob a protecção e influencia sempre crescente das nações civilisadas da Europa. Este facto altamente contestado por autores distinctos dos tempos modernos, acaba de ter a sua sanção pelos documentos publicados pela Sociedade Real dos Antiquarios do Norte. Sem necessidade de recorrer á obra intitulada — *Antiquitates Americanæ* — de que possui um exemplar a Bibliotheca publica d'esta côrte, bastará ler as duas excellentes peças, transcriptas no numero 6.º da Revista Trimensal do Instituto Historico Geographico Brasileiro, ás paginas 202 e 208, com os seguintes titulos: — « Noticia sobre a obra intitulada — *Antiquitates Americanæ, sive Scriptores septentrionales rerum ante-columbianarum in America* — publicada pela Sociedade Real dos Antiquarios do Norte em Copenhagen: » — « Memoria sobre o descobrimento da America no seculo decimo,

« E d'esta colonia que fallam as chronicas Islan-
 dezas muitas vezes até o anno de 1121. « Desde
 » aquelle tempo, diz Mallet, parece que a Vinlan-
 » dia principiou a ser esquecida pouco a pouco
 » em o Norte, até que finalmente perdendo-se a
 » Groenlandia christãa, a Islandia inteiramente
 » decahida do que dantes tinha sido, o norte
 » assolado pela peste e enfraquecido pelas suas
 » divisões intestinas, perdeu-se totalmente a lem-
 » brança de tudo; ao mesmo tempo que cessando
 » a colonia de Vinlandia de ter commercio com
 » a Europa, degenerava da sua parte por motivos,
 » que são mais faceis de imaginar do que de refe-
 » rir com certesa. » Conjectura-se ser a Ilha de
 Terra nova a Vinlandia dos Noruegos, e serem
 os Eskimaos os descendentes da sua colonia.

No decimo quinto seculo, antes dos descobri-
 mentos do illustre Christovam Colombo, parecia

« escripta por *Carlos Christiano Rafn*, secretario da So-
 « ciedade dos Antiquarios do Norte, e membro honorario
 « do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, »

. A memoria de Colombo jámais se riscará da mente
 das gerações presentes e futuras; mas os habitantes do
 norte tambem não poderão olvidar-se dos seus dignos
 predecessores, que sem auxilios de qualidade alguma,
 sendo mui escassos os seus conhecimentos mathematicos,
 ignorando o uso da bussola e das cartas, embarcaram
 em frageis baixeis, e ousaram aventurar-se no grande
 Oceano para irem em demanda de novas terras. Foi por
 isso que elles descobriram, e occuparam succesivamente
 a Islandia no seculo nono, a Groenlandia no decimo, e
 depois infinitas ilhas e costas da America no fim do
 decimo seculo, e no principio do undecimo,

chimera a existencia dos antipodas. A convexidade da terra, que fôra conhecida pelos antigos, apresenta-se ao entendimento como uma idéa repugnante. Entes collocados em um hemispherio opposto ao nosso andariam com a cabeça para baixo. Que loucura! exclamavam os theologos. E d'esta sorte era uma verdade de facto havida por um erro absurdo e por impiedade. Se não se tivesse inventado a bussola, talvez teria sido invencivel a illusão. Assim que os navegantes tiveram este seguro guia, foram capazes de emprehender tudo, e começaram a usar d'ella no seculo decimo quarto. As ilhas Canarias tinham sido antes d'isso descobertas, o que era um novo motivo de esperança e de empresa.

O Infante D. Henrique, filho de D. João II Rei de Portugal, excitou pelo seu genio, no principio do seculo decimo quinto, o ardor da navegação. Voltaram-se os Portuguezes para as costas occidentaes da Africa, e passando o cabo de *Não*, tido por uma barreira invencivel, descobriram a ilha da Madeira em 1420. O Infante julgou que devia dirigir-se a Roma afim de animar uma nação supersticiosa, e Martinho V favorecendo as suas idéas, concedeu aos Portuguezes o direito de conquista des do cabo Bojador até os extremos das Indias Orientaes. Por morte de Henrique em 1461, continuaram os Portuguezes as suas empresas, passaram finalmente o Equador, chegaram á ponta da Africa, e deram ao cabo das *Tempestades* o nome de cabo da *Boa Esperança*.

Já um genio superior estendia as suas vistas

para o outro hemispherio. Christovam Colombo, Genovez domiciliado em Lisboa, vendo os felizes successos de tantos navegantes afoutos, persuadiu-se que navegando sempre para o Oeste acharia passagem para a India e para a China. Esta conjectura, posto que falsa, foi a origem do maior descobrimento a que os homens tem chegado. Não deixou, como bom cidadão, de propôr logo a empresa á sua patria; mas tiveram-no os Genovezes por um visionario, e este mesmo conceito fizeram d'elle as côrtes de Portugal, de França e de Inglaterra, ás quaes successivamente se dirigiu. Este grande homem não desanimou, e desprezando as zombarias e os insultos tratou do seu negocio com Isabel, Rainha de Hespanha, de quem nada obteve por espaço de oito annos; mas afinal, movendo as molas de religião, conseguiu que lhe dessem tres navios pequenos com o titulo de Almirante.

Satisfeito pois e alegre embarca-se a 3 de Agosto de 1492, e no fim de trinta e tres dias sómente de navegação, exposto de continuo ás murmurações e rebellião de sua gente, descobre uma das ilhas Lucayas, e logo as outras: descobre tambem Cuba, Hespanhola ou S. Domingos, e volta no fim de nove mezes a dar conta da sua missão. D. Fernando e D. Isabel honraram grandemente aquelle mesmo que tinha sido tratado por louco antes do successo. No mez de Setembro de 1493 fez-se de novo á véla com desoito náus para a segunda viagem, com o titulo de Almirante das Indias Occidentaes. Teve então muito que soffrer

dos seus , gente aventureira e perdida , a quem era difficil conter com severidade e muito menos com brandura. Os colonos rebellam-se contra elle ao passo que seus invejosos o calumniam na côrte. Conheceu Colombo a necessidade de voltar á Hespanha para justificar-se , o que conseguiu sem grande custo (*).

(*) Á imitação do Papa Nicoláu V , que por bulla de 8 de Janeiro de 1454 , fez concessão a D. Affonso V de todos os descobrimentos , que se tinham feito sob a influencia do Infante D. Henrique nas costas de Africa ; a qual foi confirmada por outra bulla de Calixto III , e depois outra de Sixto IV em 1481 confirmando as anteriores ; e exceptuando as ilhas Canarias , como pertencentes ao Rei de Castella ; do mesmo modo o Papa Alexandre VI expediu uma bulla de concessão , em 4 de Maio de 1493 , ao Rei Fernando e a D. Isabel sua esposa , e para seus successores nas coroas de Castella e de Leão , declarando pertencer-lhes , porque o dito Papa lhes concedia , todas as terras ou ilhas descobertas ou por descobrir , que se achassem ao meio dia e ao occidente de uma linha , que se devia considerar tirada do polo do norte ao do sul , e que passasse mais ao occidente de qualquer das ilhas chamadas de Cabo Verde , na distancia de cem leguas , por se acharem estas já possuidas por outro Principe Christão.

D. João II de Portugal reclamou immediatamente ao Papa , que lhe respondeu com outra bulla ; porém o Rei não se conformou com a resposta , e dirigiu-se aos Reis catholicos , que se prestaram a uma accommodação , fazendo um tratado , que se concluiu em 7 de Junho de 1494 ; pelo qual se ampliavam as cem leguas ao occidente de *Cabo Verde* até trezentos e setenta. Este tratado posto que confirmado pelo Papa Julio II , nunca chegou a executar-se , e deu lugar a muitos outros entre

Embarcou-se outra vez em 1498, e chegando ao continente da America, remonta por algum tempo o rio Orinoco; mas cedendo ás importunações dos seus marinheiros voltou para S. Domingos, onde o aguardavam novas ingratições. Colombo é remettido para Hespanha carregado de ferros; muito grande injustiça era esta e teve as mesmas consequencias que a primeira. Por quarta vez ainda foi mandado á frente de uma frota em 1502, tornou a encontrar perseguidores e ingratos, e ainda assim descobriu o Isthmo de Darien. Voltando Colombo para Hespanha, já não achou a Rainha D. Isabel sua protectora, e Fernando lhe pagou os serviços, que tinha feito, com bellas promessas. Morreu Christovam Colombo opprimido de dissabores e enfermidades

as duas côrtes, que bem pelas armas ou por negociações, foram sustentando seus suppostos direitos até o tratado preliminar de 1777, confirmado pelo definitivo de 1.º de Março de 1778. Foram estes dois ultimos tratados os que accalmaram as desordens provenientes do direito de concessão, abolindo a chamada *Linha Alexandrina*, que tinha sido causa dos differentes tratados de Tordezillas, do de Madrid (1750) que foi annullado em 1760, e dos del Pardo e de Santo Ildeffonso (1777 e 1778).

D'esta pequena analyse se deduz, que muito antes do descobrimento ou posse do Brasil pelos Portuguezes, verificada em 1500, começaram as disputas entre as duas côrtes de Hespanha e de Portugal sobre divisões ou limites imaginarios, isto é, tratou-se do direito antes do facto, pois que a questão começou em 1493 quando o Brasil só foi descoberto em 1500; o que não haveria acontecido se não fosse a denominada *Linha Alexandrina*.

em 1506. Admira-se a sua constancia em servir uma côrte ingrata, de quem recebera tantos desgostos, e tambem se deve admirar sua humanidade para com os selvagens, que tratou quasi sempre com bondade e prudente circumspecção. Depois de Colombo trataram os Hespanhóes com sanguinolenta barbaridade todos estes infelizes.

Com a noticia das viagens de Colombo despertou-se a emulação, ou para melhor dizer, a cobiça de uma multidão de aventureiros. Americo Vespuccio, natural de Florença, commandava um dos navios d'aquella Republica, e attribuiu a si a honra de ter descoberto o novo mundo em 1498, seis annos depois da primeira viagem de Christovam Colombo. Mas, quando este não tivera descoberto o Continente, acaso a sua gloria não deveria eclipsar a d'aquelles que não fizeram mais que seguir os seus passos? Comtudo a America tomou o nome do Florentino, pouco digno da immortalidade: tão sujeita está a propria reputação aos caprichos da fortuna! Alguns Inglezes pretenderam que Madoc, Principe de Galles, fosse o primeiro que entrara em o duodecimo seculo no novo mundo, onde morrera. Este facto, muito menos provado que o dos Noruegos, é muito semelhante a todas as fabulas inventadas pelo orgulho das nações.

Tanto tinham os descobrimentos dos Portuguezes estimulado o genio de Christovam Colombo, quanto os de Colombo excitaram os Portuguezes para tentar novas empresas. Os moveis do entendimento humano foram sempre o exem-

plo e o successo. El-Rei D. Manoel de Portugal, cheio, como seus antepassados, de grandes idéas, mandou em 1497 á India Vasco da Gama, com cento e sessenta homens entre soldados e marinheiros. E porque tão pouca gente? porque os receios ainda igualavam ou excediam as esperanças. Vence Vasco da Gama todos os perigos do Oceano: faz o giro da Africa, chega a Moçambique, a Calicut nas Indias orientaes, e volta dois annos depois a dar conta dos seus descobrimentos; os quaes, assim como a navegação da America, eram proprios para mudar toda a face da Europa pelos thesouros, que deviam accumular-se entre as mãos dos senhores do Oceano.

Em breve tempo atrahiu este novo caminho uma infinidade de Portuguezes. Os seus capitães, especialmente Afonso de Albuquerque, aterraram tudo no Oriente. Goa, Malaca, Ormuz, a ilha de Ceilão fertil em cannela e em pedras preciosas, as ilhas Molucas donde vem o cravo, foram pela maior parte conquistas suas. Fundaram Macáo na China; penetraram até o Japão, e estabeleceram um commercio immenso, que arruinou o dos Venesianos; não podendo estes dar pelo mesmo preço as mercadorias da India, que recebiam por Alexandria. Todas estas empresas são admiraveis á primeira vista; mas se advertirmos que estas mesmas empresas irritaram a sêde do ouro, de tal sorte que fizeram esquecidos os verdadeiros bens da sociedade e da natureza; que fizeram correr rios de sangue em nome de Jesus-Christo; que aventureiros crueis

com o Crucifixo na mão trucidaram milhões de homens, e que foram tão avaros e torpes como supersticiosos e ferozes; não sabemos que mais havemos de admirar, se o seu valor descommunal, ou sua horrorosa superstição.

Para reunirmos em um mesmo quadro objectos da mesma natureza, e que de mais não se ligam ainda com o systema geral da Europa, anticipemos um pouco as éras, e sigamos os Hespanhóes no Mexico e no Perú; pois o resto da America era povoado por hordas errantes e dispersas sem nenhum systema social. Vemos alli dois grandes Imperios, onde eram cultivadas as artes, doces os costumes, e onde reinava uma especie de magnificencia. O Imperio do Mexico, como os do antigo mundo, tinha-se formado por meio de conquistas; a pouca antiguidade, que se lhe attribue, parece provar que a sociedade tinha feito n'elle rapidos progressos. A sua capital encerrava estabelecimentos e obras dignas de um povo civilisado: mercados, tribunaes, escolas publicas, palacios e casas de pedra, templos e praças ornadas de columnas e estatuas, onde brilhava o ouro; arsenaes, jardins de plantas medicinaes (*),

(*) Quando os Hespanhóes viram pela primeira vez no Mexico os Chinampas ou jardins fluctuantes, admiraram com muita rasão uma curiosidade tão interessante como nova para elles; não sómente pelo maravilhoso da industria, como pela risonha apparencia d'aquelles jardins, que pareciam de Fadas. Talvez a invenção nada tenha de particular, e que n'isso só imitassem a natureza d'essas regiões. Nas enchentes dos grandes rios,

caminhos e canaes, &c. Os Mexicanos conheciam o anno de 365 dias, o que prova o progresso que tinham feito em astronomia.

como o Mississipi, o Orenoco e outros, desprendem-se das margens grandes porções de terreno entrelaçado pelas raizes de varias plantas, que parecem ilhas capazes de conter animaes, e muitas conservam as arvores criadas n'ellas; isto mesmo podia acontecer n'aquelles immensos lagos de Tezcuco, Xachimilco e Chalco, e d'esta circumstancia se valeram os primeiros habitantes nas sangui-nolentas guerras que fizeram entre si.

Quando os Tepanecas conquistaram o territorio em torno d'aquelles lagos, os Aztecas, que o occupavam, retiraram-se para as pequenas ilhas, que havia n'aquellas aguas, para se livrarem de seus maiores inimigos, como o fizeram alguns povos Italianos fugindo dos barbaros para as pequenas ilhas do golfo Adriatico, que depois formaram juntas a opulenta Veneza. N'esta situação tão apurada é de suppôr, que se valeram d'aquelles ilhotas fluctuantes para poder semear o milho e procurar alimento, augmentando-os cada vez mais, e fertilizando-os com terra vegetal, aprendendo com a pratica o melhor modo de o effectuar, e dando-lhes uma forma mais vantajosa. Reconciliadas aquellas diversas tribus, e redusidas a uma nação sob o governo dos Chichimecas, os Chinampas foram convertidos em jardins para a criação de fructas delicadas, flores vistosas, e plantas medicinaes. O luxo tinha augmentado muito durante a ultima dynastia dos Soberanos do Mexico; os templos da capital eram adornados todos os dias com novas plantas odoriferas; no palacio imperial consumia-se uma grande quantidade d'ellas; os nobres não andavam sem um ramallete de flores na mão; e os plebeos procuravam imitar os grandes; de maneira que todas as manhãs muito cedo vinham para a capital milhares de canoas carregadas com varias

No reinado de Carlos V, Velasquez, governador da ilha de Cuba, formou o projecto de apoderar-se de uma porção d'este vasto continente, e confiou a empresa a Fernão Cortez, homem habil e valeroso, que com quinhentos homens de infantaria e quasi sessenta cavallos embarcou em 1519, entrou no golfo mexicano, e fundou a cidade de Vera-Cruz; obrigando a republica de Tlascala a dar-lhe soccorros, adianta-se afoutamente até a capital do Imperio. O terror precedia sempre os Hespanhóes; as suas náus, os seus cavallos, os seus arcabuses, eram para os Ameri-

especies de flores e ervas produzidas nos jardins fluctuantes.

A forma mais usual dos Chinampas é quadrangular, e seu tamanho de cincoenta a cem varas de comprimento, e de dez a trinta de largo; em cada um ha uma choça ou cabana para abrigar o jardineiro nas horas de grande calor, ou durante o máu tempo. Quando se julga conveniente mover um chinampa, o modo mais commodo é á vara; e se isto não basta por ser muito grande, leva-se a reboque de botes. Em tempo de sêcca os chinampas são de grande utilidade, porque facilmente se augmenta a sua fertilidade com o limo, que se tira do fundo do lago. Um passeio em botes por entre os diversos jardins é uma das mais agradaveis diversões. Muitos pretendem, que foram estes chinampas os modelos dos jardins botanicos, que se estabeleceram na Italia a meiado do seculo XVI. Eu vi alguns d'esses pequenos jardins fluctuantes no lago de Maracaibo, junto ás cabanas dos indigenas edificadas sobre esteios dentro d'agua; porém são em ponto muito mais pequeno, e sem a cultura e accio dos chinampas do Mexico.

canos cousas tão novas, que os deixavam atonitos e assombrados. Montezuma, undecimo Imperador do Mexico, viu-se obrigado a receber honrosamente estes hospedes perigosos, que pouco tempo depois o retiveram prisioneiro no seu proprio palacio. Velasquez, que se tinha desavindo com Cortez, manda contra elle uma expedição capitaneada por Narvaez, afim de tirar-lhe o mando. Cortez, deixando na cidade do Mexico oitenta homens, vem ao encontro de Narvaez, surprehende-o, fa-lo prisioneiro e atrahe a si todo o seu sequito.

Durante a sua ausencia commetteram os Hespanhóes algumas violencias; os Mexicanos sublevam-se, porém Cortez chega a tempo de os destruir; e querendo acabar a desordem de uma vez, obriga o Imperador a apparecer e fallar a seus vassallos. Montezuma insultado de palavras, recebeu tambem uma pedrada, de cuja ferida morreu poucos dias depois, sem permittir que o curassem. Guatimozin, genro de Montezuma, succedendo-lhe no Imperio, emprehendeu expulsar os Hespanhóes. Cortez sitiado na cidade teve que retirar-se; mas voltando de novo escoltado por todos os inimigos dos Mexicanos, tomou-a em 1521, e subjugou todo o imperio. Guatimozin foi feito prisioneiro; alguns malvados, sem que o General o soubesse, pretenderam obrigar o Imperador a confessar onde tinha occultado os seus thesouros, e collocaram-no para isto sobre carvões em brasa; chegou então Cortez e livrou-o d'este horroroso tormento; mas passa-

dos tres annos mandou-o enforçar sob pretexto de conspiração.

O conquistador do Mexico foi tambem perseguido como Colombo. Carlos V tirou-lhe o governo, deu-lhe um Marquezado em Hespanha, e annullou-o para sempre. O celebre Las Casas, Bispo de Chiapa, diz que Cortez tinha feito perecer quatro milhões de Americanos no Mexico. Tres aventureiros, Pizarro, Almagro e um sacerdote chamado Luque, emprehendem a conquista do Perú. Obedecia este Imperio a uns senhores, que se denominavam Incas. O primeiro de todos era tido por filho do sol. Atahualpa, Ataliba ou Atabalipa, duodecimo Imperador d'esta geração, tinha usurpado a corôa a seu irmão Huascar, o que tinha dado motivo a grandes discordias. Assim que os Hespanhóes entraram n'este paiz, em 1531, favorecidos pelo irmão do Inca, mandaram embaixadores offerecer a sua amisade e annunciar a sua religião. Atahualpa recebe-os benignamente e sáe ao encontro de Pizarro; porém os Hespanhóes cahindo sobre a sua comitiva, mataram-na e prenderam o Inca, estimulados por um frade chamado Valverde (*).

(*) Valverde tanto que viu o Imperador, dirigiu-se a elle e fez-lhe um sermão sobre os nossos mysterios, ameaçou-o com o inferno e com as pragas do Egypto, se o seu coração resistisse á graça, se recusasse suggestar-se ao Papa e ao Rei de Hespanha. Depois d'este discurso, mal tradusido pelo interprete e incomprehensivel para o Inca, Valverde lhe appresentou o seu Breviario, como o livro que continha a prova das verdades que

O Inca prisioneiro offereceu para seu resgate todo o ouro que pudesse caber n'uma das salas do palacio, até a altura do seu braço levantado sobre a sua cabeça, e deu as ordens necessarias para a execução d'esta promessa (*). Não podendo

acabava de proferir. Tendo chegado o livro á sua orelha, o Inca lhe respondeu : *isto não diz nada*, e atirou com elle ao chão. *A's armas*, exclamou o frade, *estes cães insultam a lei de Deos*. Empenhou-se o combate no mesmo instante; os Peruvianos foram cruelmente mortos, e o Inca ficou prisioneiro. Garcilazo de la Vega, descendente dos Incas, achando-se em Hespanha, escreveu a historia dos seus antepassados quasi a principio do seculo XVII. Muitas cousas referidas por elle passam por inverosimeis, sem nos lembrarmos de que seu pai podia ter sido testemunha da catastrophe da sua patria, e por consequencia transmittido a seu filho tudo quanto este refere. A grande estrada de Quito a Cusco, de cerca de quinhentas leguas a travez de montanhas e de precipicios, já talhada na rocha viva ou sobre grandes paredões, de que falla Garcilazo, é tão real e verdadeira, como tambem a destruição que d'ella fizeram os Hespanhóes com medo de que ella servisse para novos conquistadores. Eu vi uma parte d'esta estrada, que ainda existe em ser, vi alguns dos antigos pousos com seus banhos e assentos de pedra; examinei mesmo esta grande obra, que excede a comprehensão dos povos modernos, porque nós ignoramos a força ou o poder d'aquelles governos. Tambem vi em Cajamarca restos do antigo palacio de Atahualpa, e ainda hoje se mostra a salla, que elle mandara encher de ouro para seu resgate, e onde fôra degolado. Tal é a tradição de todos aquelles povos.

(*) Só a quinta parte do resgate do Inca importava mais de treze milhões duzentas e sessenta cinco mil libras de ouro, sem contar a prata. A cada cavalleiro

porém os Peruvianos cevar a cobiça dos conquistadores, condemnaram estes em breve tempo Atahualpa ao fogo como idolatra, concubinario e conspirador. Tendo sido baptisado, foi degolado e seu corpo entregue ás chammas. Tornaram-se Pizarro e Almagro inimigos irreconciliaveis. O primeiro mandou cortar a cabeça ao outro, e foi assassinado por vingança. Um filho de Almagro e um irmão de Pizarro pretenderam reinar no Perú, e ambos morreram de morte violenta. D'este modo a avaresa, a ambição e os crimes dos oppressores da America, vingavam n'elles mesmos a oppressão dos Americanos. Esta conquista trouxe comsigo outro mal, porque foi causa da horrorosa escravidão dos negros; mal tanto maior quanto tem resistido á civilisação moderna, apesar dos esforços de quasi todas as nações da Europa.

Não entra no meu plano dar uma conta circumstanciada de todos os descobrimentos; portanto limitar-me-hei ao que tenho dito sobre o descobrimento da America, e do trajecto da India pelo Cabo da Boa Esperança. Reservo-me entretanto fallar em logar competente do descobrimento do Brasil em 1500 pelos Portuguezes. Magalhães, outro Portuguez, empregado no serviço da Hespanha, descobriu em 1519 o estreito, que ainda hoje conserva o seu nome; e em 1535

Hespanhol coube pela sua parte duzentos e quarenta marcos de ouro. Com que furor não deviam pois correr para a America ?

Almagro, o competidor de Pizarro, aportando no Chili assenhoreou-se d'elle. Não tratarei tão pouco dos costumes dos primeiros Americanos, porque não é dado tratar de passo da indole e natureza de tantos povos, uns mais selvagens que os outros, e todos fóra da esphera commum da civilisação europea; para isto seria mister outra obra que não esta, que não é mais do que um compendio, no qual me propuz reduzir a poucas linhas a Historia Universal.

Tornemos a tomar o fio da historia da Europa em Luiz XII, antes Duque de Orléans, que foi adorado pelos Francezes, porque os aliviou de impostos, ainda que suas empresas trouxessem tambem grandes calamidades para o Estado. Todos admiram estas judiciosas palavras, que Luiz proferiu perdoando aos seus inimigos: *O Rei de França não vinga as injurias do Duque de Orléans.* Por morte de Carlos VIII sem descendencia, não tinha já logar a reunião da Bretanha ao Reino. Luiz pretende repudiar sua mulher, a Princesa Joanna, filha de Luiz XI, para casar com a herdeira da Bretanha. Alexandre VI não pôz difficuldade comtanto que d'essa complacencia tirasse interesse; pretendia fazer particularmente a fortuna do Cardeal Cesar de Borgia, seu filho, e foi este portador da bulla, que confirmava a sentença de divorcio. Luiz fê-lo Duque de Valentinois, e o Cardeal mudou voluntariamente de habitos, porque tinha pouca propensão para a Igreja.

Desgraçadamente deixou-se Luiz dominar pela paixão das conquistas. Os seus primeiros felizes

successos, tomando o Milanez em vinte dias, o precipitaram no infortunio. Liga-se com Fernando o Catholico para a conquista de Napoles; porém quando se tratou de dividir a presa, houve disputas e discordias, do que resultou que os Francezes foram duas vezes derrotados em 1503 por Gonçalo de Cordova, chamado o grande capitão, e ficaram os Hespanhóes senhores da conquista. Morreu por este tempo Alexandre VI, manchado com os mais infames e odiosos crimes. Cesar Borgia tomou posse á força de traições e de assassinios dos feudos da Romania, possuidos por varios senhores; porém qual será o fructo disto? Um Papa ambicioso e guerreiro despojará o filho de Alexandre VI, e as conquistas de Borgia augmentarão os dominios da Igreja. O heroe de Machiavel perderá quanto se lhe tinha dado em França, será remettido para a Hespanha preso por Gonçalo de Cordova; irá refugiar-se na côrte do Rei de Navarra, seu cunhado, e alli acabará victima de uma guerra excitada por suas intrigas.

A pretensão do Cardeal de Amboise ao Pontificado foi causa de uma nova desgraça para Luiz XII, porque perdeu a melhor occasião de reconquistar Napoles. Entretanto foi eleito Pio III, a quem succedeu pouco depois Julião de Rovera com o nome de Julio II. O tratado de Blois em 1504 foi outro erro incomprehensivel, cujo fim era desmembrar a França; porém felizmente pôde ainda emendar esta falta dando sua filha em casamento ao Conde de Angouleme, seu her-

deiro presumptivo, que reinará com o nome de Francisco I e commetterá tambem grandes erros. Isabel, Rainha de Castella, que dominava seu esposo o Rei de Aragão, era governada por seu confessor Ximenes, franciscano illustre, que chegou a ser Arcebispo de Toledo e Cardeal. A expulsão dos Judeos e dos Mouros, e as emigrações para a America despovoavam a Hespanha, que á proporção que adquiria maior grandeza, ia-se enfraquecendo cada vez mais. A morte de Isabel em 1504 causou grandes disturbios, porque Joanna a louca, sua filha, esposa do Archiducque Felipe o Formoso, era sua unica herdeira.

Fernando foi nomeado regente, e com sua constancia e firmeza cessaram os tumultos. O Cardeal Ximenes conquista Orã na Africa, restabelece a universidade de Alcalá, protege as sciencias; porém que de obstaculos não oppunha a inquisição a toda a verdade nova e util? Trasia então Julio II inquieta a Italia; tinha já tomado a Romania a Borgia, Peruza a Baglioni, a Bologha a Bentivoglio, e sublevado Genova contra Luiz XII. Tendo este Principe reduzido os Genovezes á obediencia, ainda foi enganado pelo Pontifice na famosa liga contra os Venezianos. Digamos n'este logar alguma cousa de Veneza, assim de ter alguma noticia de uma republica, que chegou a ser motivo de ciume para as principaes potencias da Europa.

Veneza teve principio no quinto seculo, quando a Italia era victima das innundações dos barbaros. As ilhas pequenas das lagôas do golfo Adriatico

foram o asilo dos povos visinhos, que subsistiram no seu principio da pesca. Cada ilha tinha o seu tribuno para a governar, e cada tribuno se tornou um tyranno. Estes tyrannos, vendo-se na necessidade de se unirem, nomearam um Duque, ou Doge, no principio do seculo VIII; porém estes Doges foram muitas vezes victimas de um poder que não souberam ou não puderam coarctar.

Um conselho composto de cento e quarenta cidadãos, no qual residia a soberana autoridade, suspendeu finalmente tanto o arbitrio dos primeiros magistrados como os tumultos populares. A esta fórma de governo democratico succedeu em 1289 a aristocracia hereditaria. Era impossivel que certo numero de familias privilegiadas deixassem de formar conspirações; o tremendo conselho dos *Dez* foi estabelecido afim de precaver os seus effeitos. O tribunal dos tres Inquisidores de Estado foi um freio ainda mais terrivel; porque o mesmo Doge estava sujeito aos seus occultos procedimentos e arbitrarias sentenças.

Veneza era assim governada por meio do terror, mas de um modo invariavel; rica pelo commercio, entregou-se á ambição das conquistas. No tempo das Cruzadas tinha-se dilatado para o lado da Grecia, e ultimamente tinha invadido na Italia as terras de seus visinhos, e derrotado as tropas do Imperador Maximiliano. Formou-se então occultamente a famosa liga de Cambrai, de que Veneza devia ser a victima, entre o Papa, o Imperador, os Reis de França e de Hespanha,

e o Duque de Saboia. Cada um d'elles reivindicava dominios consideraveis. Luiz XII devia começar a guerra, e com effeito logo no principio humilhou os Venezianos; porém Julio II trahindo os alliados, desobriga Fernando o Catholico da liga, e toma de assalto Mirandola. Luiz perde por fim o Milanez e Genova apesar da esteril victoria de Ravena, e dos prodigios de Bayard e de Gastão de Foix. Finalmente Fernando usurpa a Navarra em virtude de uma excommunhão.

Veneza tinha recusado os auxilios do Turco, certa da nenhuma importancia d'esta liga entre potencias competidoras, e cheias de mutua desconfiança. Morreu Julio II em 1513 sem desistir do grande intento de expulsar da Italia todos os estrangeiros; tão feliz como atrevido em suas empresas, augmentou consideravelmente o Estado da Santa Sé. O Cardeal de Medicis foi eleito Papa com o nome de Leão X. Era filho do famoso Lourenço e tinha os mesmos gostos de seu pai, mas não as qualidades de Bispo. Por morte de Henrique VII de Inglaterra succedeu-lhe em 1509 seu filho Henrique VIII, que teria sido um grande Principe se não fosse guiado pelas mais atroses e immundas paixões. Havia elle entrado na liga, que o Papa Julio formára contra a França. Por morte d'este Papa animou-se novamente a liga no tempo de Leão X. A Picardia e a Borgonha foram invadidas e Dijon sitiada pelos Suissos, que a final levantaram o cerco deixando-se enganar com incrível facilidade.

Luiz vê-se por fim obrigado a fazer a paz com

o Papa e com Henrique VIII, com cuja irmã casou. Esquecido de que tinha cincoenta e tres annos, junto de uma Rainha moça, entregou-se ás delicias do Thalamo, e morreu no seguinte anno, occupado sempre com o designio de re-haver o Milanez. Francisco I, Conde de Angoulême, foi o successor de Luiz XII; moço, valente e ambicioso, seguiu as pisadas de seu predecessor e sogro na Italia. Depois de ter passado os Alpes, ganha contra os Suissos a batalha de Marignan; a conquista do Milanez foi o fructo d'esta victoria. Sforza morreu em França do mesmo modo que Ludovico, seu pai. Entretanto morre Fernando o Catholico em 1516. Deixa todas as suas corôas a Carlos de Austria, seu neto; e o Cardeal Ximenes é nomeado regente de Castella, até a chegada do Archiduque. Morreu Ximenes em desgraça em 1517, de idade de 80 annos, antes de vêr o novo senhor da Hespanha.

Maximiliano deixou vago o imperio por sua morte em 1519. Durante este reinado foi a Allemanha dividida em circulos. No principio foram seis: de Baviera, Franconia, Saxonia, Rheno, Suabia e Westphalia. Pouco depois augmentaram-se com os da Austria, da Borgonha, do Rheno inferior e da Saxonia superior. Uma dieta de Worms creou em 1595 a *Camara Imperial*, estabelecida em Wetzlar, tribunal supremo que sentenciava em ultima instancia as causas civeis dos Estados. O Conselho aulico, cujos membros são todos nomeados pelo Imperador, póde julgar do mesmo modo, porém tem juris

dicção privativa sobre as causas feudaes e as que respeitam á Italia. Quanto ao mais, fluctuante e incerta a constituição germanica até o tratado de Westphalia, pouca solidez adquirirá por elle, visto que a sua imperfeição nascia de tantas soberanias independentes, cujos interesses se chocavam quando se tratava da causa publica.

Logra Leão X fazer com Francisco I uma concordata em 1516, abolindo a celebre Pragmatica de Carlos VII, tantas vezes anathematisada. A universidade, o clero e o parlamento defenderam a Pragmatica com grande fervor; não obstante, a concordata foi registrada por força em 1518, e ainda hoje se observa. Triumphando Leão X de um grande reino, tinha de ser vencido por um frade; pois que das suas imprudencias procedeu o Lutheranismo. O abuso de indulgencias vendidas a titulo, cem vezes renovado, de uma guerra contra os Turcos, fez levantar-se uma disputa na Allemanha entre os Dominicanos e Agostinhos, que foi o signal de uma furiosa revolta. Martinho Luthero, theologo da ordem de Santo Agostinho, aproveitou-se d'esta occasião para desaccreditar na Saxonia as maximas dos Dominicanos sobre as indulgencias, mostrando os seus inconvenientes, e declamando contra os vicios e fraudes de similhante trafico.

Mostrava Luthero no principio respeito e sujeição á Santa Sé; mas, irritado pelo Papa, nada mais respeita; attaca o culto e o dogma, rompe desbocadamente em injurias, e erigindo-se em reformador, fez por meio do fanatismo uma revo-

lução. A *consubstanciação*, que Luthero admittia na Eucharistia em vez de *transsubstanciação*, bastaria per si só para provar quanto Luthero na sua maneira de arrazoar se apartava do verdadeiro caminho. Leão publicou em 1520 uma bulla para condemnar a doutrina de Luthero; o effeito porém da bulla foi manda-la queimar juntamente com as Decretaes por um decreto da universidade de Wittemberg. O Lutherismo fez rapidos progressos; em poucos annos perdeu a Igreja Romana, a Saxonia, a HESSIA, o Estado de Brunswick, a Dinamarca e a Suecia. Zurich, Berne e uma grande parte da Suissa, adoptaram a doutrina de Zuinglio, Cura de Zurich, mais atrevido que Luthero contra o dogma da Eucharistia.

Genebra seguiu logo o mesmo exemplo; assim como veremos a Inglaterra, a Escossia, os Paizes baixos e uma parte da França seguir a torrente da novidade. Quaes foram pois as causas que produziram similhante mudança? A primeira idéa d'ella procedeu da theologia: n'isso encontrou a politica o seu interesse, e o fanatismo promoveu a sua execução. O fanatismo armou em breve tempo os Suissos e os camponezes da Allemanha. Morto Zuinglio em um combate, o seu corpo foi queimado para inflammar o odio atroz de ambos os partidos. Muncer, chefe perigoso dos camponezes Allemães, acabou a vida em um cadafalso, e sem embargo o seu exemplo não desanimou a nova seita dos Anabaptistas, assim chamados porque pretendiam segundo

baptismo, considerando como nullo o baptismo das crianças. (*)

Lancemos os olhos para o norte, ainda submerso na barbaria, o qual já offerece uma revolução importante, cujas consequencias interessarão em breve tempo toda a Europa. Margarida de Waldemar, denominada a Semiramis do norte, reuniu em 1397 as tres corôas da Suecia, Dinamarca e Noruega. Por sua morte rompe-se a união; a Suecia elege Rei a Canutson, tio do famoso Gustavo Wasa; subindo Christiano II ao throno de Dinamarca, Troll, primaz

(*) Entre os Anabaptistas não havia superiores nem dignidades; todos os bens deviam ser communs. Um dos seus chefes, João Bokold, alfaiate de Leyde ainda moço, não deixou, fallando sempre em nome de Deos, de se fazer coroar Rei em Munster. Defendeu porfiadamente esta cidade contra o Bispo e as tropas do Imperio, e finalmente foi preso e atanasado. Quasi todos aquelles furiosos enthusiasts foram degolados, porque não tinham um general nem disciplina. Emfim o fanatismo, já perseguido, já perseguidor, inundará a Europa de sangue com o pretexto de zelo a favor de uma religião de caridade, que manda amar a todos os homens, e fazer-lhes todo o bem possível. Para darmos uma idéa d'esse enthusiasmo, que se creou então na Allemanha, bastará o seguinte facto. Bokold, de quem fallámos acima, casou com quatorze mulheres. Tendo uma d'ellas mostrado alguma duvida a respeito da sua supposta missão divina, cortou-lhe este a cabeça, depois de lhe ter estranhado similhante blasphemia. As outras treze dançaram com grandes demonstrações de alegria ao redor do cadaver. Bem se vê que o fanatismo conduzia ao mesmo tempo para a devassidão e inhumanidade.

da Suecia, alcança uma bulla contra a sua patria, e com ella protege a usurpação de Christiano. Erico Wasa, pai de Gustavo, e noventa e quatro senadores foram mortos cruelmente. Gustavo Wasa fugitivo reúne os camponezes e liberta a Suecia. Christiano foi deposto do throno em 1523 pelos seus mesmos vassallos. Frederico, Duque de Holstein, seu tio, foi eleito Rei de Dinamarca, e Gustavo Wasa Rei da Suecia.

A mudança de Religião operou-se sem tumulto nem violencia; a bulla de Leão X, que tinha servido de pretexto para tantos horrores, as grandes riquezas do Clero, e a parte que tomava em todos os negocios do Estado, foram parte para que o povo desejasse a reforma e a abraçasse sem repugnancia. Morreu Gustavo em 1560; o seu governo foi absoluto, mas nem por isso foi menos feliz a Suecia em obedecer-lhe. Escusado seria alargar-nos a respeito da Moscovia e da Polonia. A primeira, quasi desconhecida n'aquelle tempo, bem que o Czar João Basilowitz I tivesse conquistado os reinos de Casan e de Astracan, não sairá da obscuridade senão quando um grande Principe, dotado de um genio creador, lhe der o nascimento da policia e das artes no principio do seculo XVIII. A segunda, tão pouco illuminada, era o theatro da anarchia feudal. Ladisláo, o primeiro dos Jagellões, eleito Rei em 1382, teve por successores muitos Principes da sua descendencia.

Todavia, não tinha a Polonia sombra alguma de governo, porque o *Veto* de cada nobre podia

exceder a todos os votos; emquanto o povo, escravo d'esses nobres, só tinha o sentimento da sua degradação. Tendo a ordem Teutonica subjugado a Prussia, opprimia-a com as suas injustiças. Abraçando Alberto, Margrave de Brandeburgo e Grão Mestre da Ordem, o Luthernismo, dividiu a Prussia com Sigismundo, Rei da Polonia, em 1525. Isto foi parte para que se distinguisse a Prussia Real da Prussia Ducal. Os descendentes de Alberto conservaram a ultima, isenta de vassallagem; a qual se erigiu em reino no principio do seculo XVIII. Vê-se pois qual foi a origem d'este Estado, que chegou a ser tão poderoso em tempo de Frederico II; bem se póde dizer que Luthero foi quem lançou os seus primeiros fundamentos.

CAPITULO XLVI.

Carlos V Imperador. Francisco I. Henrique VIII. Adriano VI. Clemente VII. Os Protestantes. Luthero ante a Dieta de Worms. Paulo III. O Concilio de Trento. Paulo IV. Henrique II. Maria de Inglaterra. Felippe II. Litteratura (*).

O reinado de Carlos V é um dos mais ferteis em grandes acontecimentos. Nascera este Principe em Gand, no anno de 1500, do Archiduque Felippe, filho do Imperador Maximiliano, e de Joanna, filha de Fernando o Catholico. Era dotado de todas as qualidades proprias para fazer a primeira figura: tinha valor, actividade, prudencia, e vasto engenho cultivado pelo estudo e pelo trabalho. Desgraçadamente ajuntava a isto uma ambição illimitada, e aquella artificiosa politica, reduzida a systema por Fernando seu avô. Subindo ao throno de Hespanha em 1516, teve que lutar contra uma rebelião, que durou

(*) Desde o anno de 1519 até quasi o de 1560.

até 1522. A *santa Liga* (nome que tomaram os Castelhanos rebeldes) tendo por General a Padilha, defendeu os antigos fóros contra os Flamengos depositarios da autoridade, e só foi vencida depois de varios combates e de uma resistencia heroica. Padilha foi executado, e Carlos V consolidou a sua autoridade dando uma amnistia aos *Communeros*.

Já a Hespanha, as Duas Sicilias, os Paizes Baixos e o Franco Condado se achavam debaixo do dominio de Carlos, quando foi eleito Imperador da Allemanha por morte de seu avô Maximiliano em 1519;—apesar dos esforços que fez Francisco I para preferi-lo no Imperio. Assigna Carlos a capitulação afim de manter a liberdade e os direitos do corpo Germanico; dispensa-se de mandar Embaixadores a Roma para annunciar a sua eleição e prestar obediencia ao Papa, como era de costume desde Othon IV; e senhor de tantos Estados foi o primeiro que se arrogou o tratamento de *Magestade*. A rivalidade entre Carlos V e Francisco I devia trazer serias consequencias; Henrique VIII de Inglaterra podia haver mantido o equilibrio entre ambos; porém as suas paixões e as de seu Ministro Wolsey o apartaram de um systema tão glorioso. Leão X, cuja politica era o seu interesse, seguia uma marcha artificiosa entre ambos estes competidores; ateou-se portanto o fogo da guerra em 1521 pela Navarra, que fôra tomada e retomada no mesmo anno.

A França perdeu o Milanez e Genova porque

as dissipações da côrte tinham esgotado o thesouro de Francisco I. Por este tempo morreu Leão X, e foi seu successor Adriano VI, elevado ao Pontificado por influencia de Carlos V, de quem tinha sido mestre. Formou-se então contra a França uma poderosa liga entre o Papa, o Imperador, o Rei de Inglaterra, o Archiduque Fernando, os Venezianos, os Florentinos e os Genovezes. Perseguido em França o Condestavel de Bourbon, abraça este o partido de Carlos V e derrota na Italia o Almirante Bonnivet, valido de Francisco I. A batalha de Biagrasa ou de Rebec é menos celebre pela derrota dos Francezes, do que pela morte de Bayardo, o exemplar dos Cavalleiros. Voa Francisco á Italia, entra novamente no Milanez, porém é derrotado e prisioneiro em Pavia, e conduzido á Hespanha. Por morte de Adriano succede-lhe Clemente VII da casa dos Medicis. Os sentimentos de Carlos V eram já conhecidos, e outra liga se formou contra elle entre o Papa, os Venezianos e o Duque de Milão, para tirar-lhe o reino de Napoles.

Francisco I, prisioneiro em Hespanha, viu-se forçado a accitar as condições do tratado de Madrid em 1526, pelo qual se despojava da Borgonha; porém logo que se viu livre, o tratado não teve effeito e a guerra começou na Italia. Roma foi saqueada pelos Imperialistas, e Clemente VII prisioneiro. No meio dos maiores escandalos occorreram os dois grandes monarchas aos carteis de desafio, accusando-se mutua-

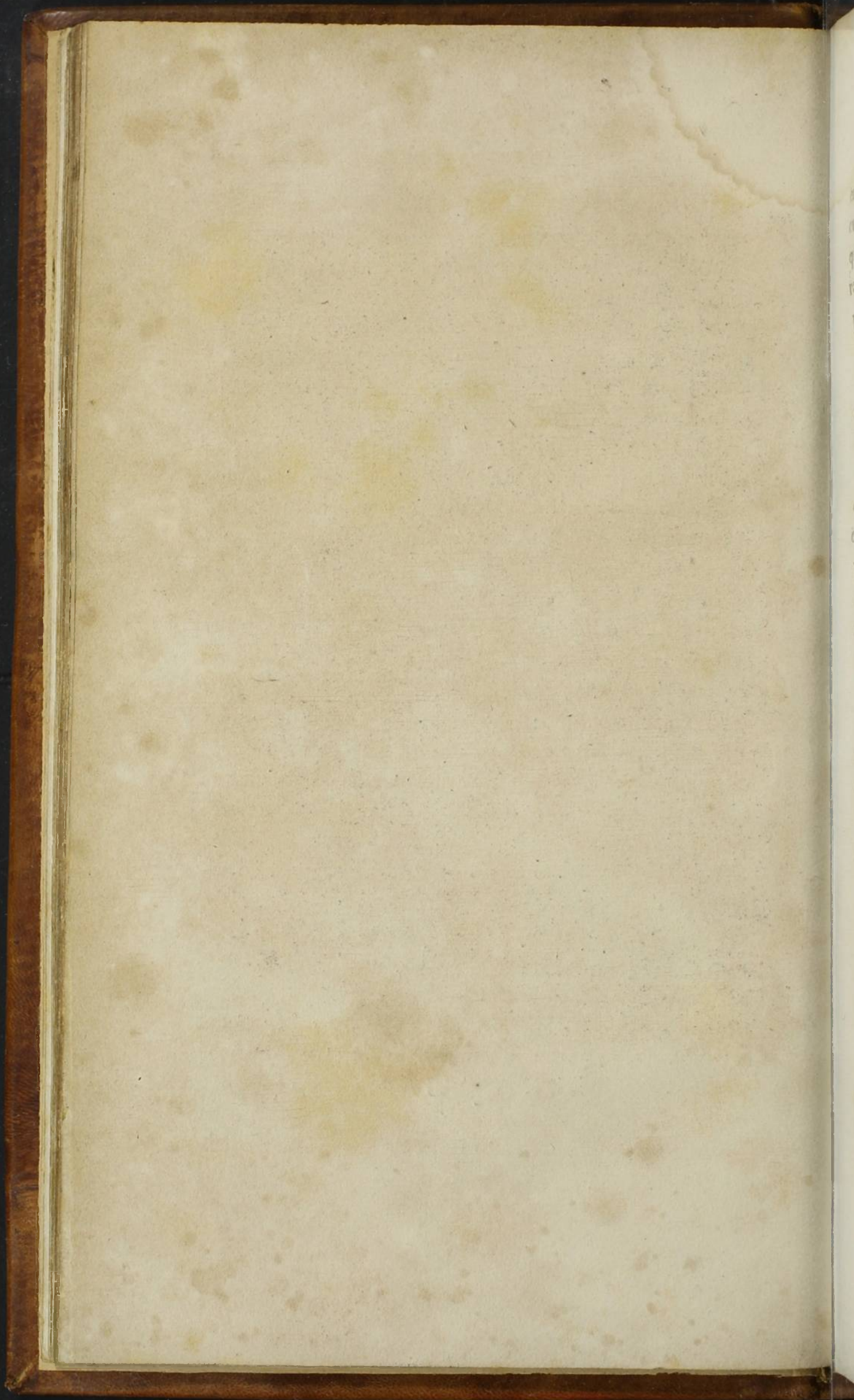
mente de saltos de fé. O tratado de Cambrai em 1529 suspendeu o curso de tantas calamidades. Um exercito Imperial obrigou em 1530 os Florentinos a reconhecer Alexandre de Medicis por soberano. Henrique VIII resolvido a repudiar sua mulher, Catharina de Aragão, para casar com Anna de Boleyn, de quem estava furiosamente enamorado, occorre a Clemente VII pelo divorcio; porém enganado pelo Papa, repudia Catharina e casa com Anna, de quem teve em breve tempo a celebre Isabel.

Já o Clero tinha sido obrigado a reconhecer Henrique por *Protector e cabeça da Igreja de Inglaterra*. Contudo Henrique receiava romper com a cõrte de Roma, e consentiu em ser julgado pelo consistorio; mas a precipitação do Papa causou o schisma funesto, que foi o tumulto do catholicismo n'aquelle reino. Entretanto os Turcos, debaixo do sceptro de Solimão II, filho de Selim I, tinham tomado Belgrado em 1521, e depois Rhodes, donde os Cavalleiros de S. João passaram para Malta. O mesmo conquistador se tinha feito senhor de uma parte da Hungria em 1526. Luiz, Rei de Hungria e de Bohemia, tinha morrido na batalha de Mohacz contra os Turcos. Solimão sitiou Vienna em 1529, mas o inverno obrigou-o a retirar-se. Esta potencia se fazia cada vez mais tremenda, ou pelas suas proprias forças ou pelas desavenças dos christãos; ao passo que as seitas inimigas da Igreja de Roma iam em espantoso progresso.

Compareceu Luthero na Dieta de Worms



LUTHERO



em 1521, munido de um salvo-conducto, e recusou alta e poderosamente retractar-se, em quanto não lhe mostrassem os seus erros. Deixaram-no partir; mas poucos dias depois mandaram prendê-lo; o Eleitor de Saxonia salvou-o, encerrando-o em um castello onde esteve nove mezes occulto. A Dieta de Nuremberg recusa perseguir a Luthero com violencia; os cem artigos d'esta Dieta foram um triumpho para o Lutheranismo. Casa Luthero com Catharina de Boren, religiosa que o mesmo Luthero tinha tirado dos claustros; o que pareceu indecente aos seus proprios amigos, posto que fosse conforme com os principios da seita. A guerra do Imperador com o Papa Clemente VII não podia deixar de ser favoravel á reforma. Tudo o que Carlos exigia da Dieta de Spira, em 1526, era que esperasse com paciencia pelo Concilio geral. Na segunda Dieta de Spira em 1529, o Imperador, depois do seu concerto com o Papa, ainda pedia que nada se innovasse; mas por muito moderado que pareça a este respeito o decreto da Dieta, o Eleitor de Saxonia, o Landgrave de Hesse, outros Principes e quatorze cidades Imperiaes ou livres, protestaram. D'aqui procede o nome de *Protestantes*, que chegou a ser commum a todos os que professaram a religião reformada.

No anno seguinte assistiu Carlos V em pessoa á Dieta de Augsburgo, na qual apresentaram os protestantes a sua confissão de fé, composta por Melanchton, o mais sabio de todos os discipulos de Luthero. Um decreto severo condemnou mui-

tos artigos da doutrina Lutherana. Os protestantes ligam-se em Smalkalde. Carlos ameaçado pelos protestantes e pelos Turcos concede liberdade de consciencia em 1531 até o tempo do Concilio. Por meio d'esta liberdade obtem Carlos um exercito, e com elle teve a gloria de desconcertar os planos de Solimão sem mesmo grandes esforços. O celebre corsario Barba-Rouxa apodeira-se de Tunis, ameaçando a Hespanha e a Italia; embarca-se o Imperador n'uma frota de 500 velas, toma de assalto Goletta, marcha sobre Tunis e derrota Barba-Rouxa, que o esperava com cincoenta mil homens. Muley-Hassan foi restabelecido no seu reino de Tunis com a condição de se reconhecer vassallo da corôa de Hespanha. Barba-Rouxa tinha-se retirado para Bona, onde podia ter acabado, se o tivessem perseguido; mas não o quiz assim a providencia, que ainda o destinava para flagello dos christãos.

Pretende Carlos V conquistar a França em 1536; invade a Provença e tem logo que retirar-se sem dar batalha, sendo inutil a invasão da Picardia pelos Flamengos; renovam-se portanto todos os horrores e escandalos anteriores. O Imperador é citado como vassallo em razão dos Condados de Artois e de Flandres, e confiscados os dois feudos por uma sentença: attribue-se-lhe tambem a morte do Delfim, o que era o mais completo absurdo. — Emfim, Francisco I faz alliança com os Turcos contra o Imperador; porém faltando o Rei a uma junção combinada, os Turcos retiraram-se prudentemente e a alliança não teve

effeito. Paulo III logra que os dois grandes inimigos tenham uma conferencia em Niza, e alli concluíram uma tregoa de dez annos, sem se verem nem fallarem. Os dois competidores encontraram-se depois em Aigues-Mortes, e deram um a outro mutuamente signaes de uma perfeita e sincera amisade. Alcançou o Pontifice o que desejava para seu sobrinho Octavio Farnese, que era a mão de Margarida, filha natural do Imperador e viuva de Alexandre de Medicis, a quem Lourenço, seu parente e amigo intimo, assassinara pela mais damnada traição.

Inutilmente procuraram os catholicos terminar as disputas de religião; o projecto de um Concilio geral continuamente inquietava a Côrte de Roma, que ia contemporisando segundo sua politica ordinaria. Os protestantes, em vez de Concilio, queriam uma conferencia de theologos, e foi o que se fez na Dieta de Ratisbona em 1541, apesar da opposição do Papa. A Dieta publica um decreto, que o Papa condemnou; e ficando todos descontentes, Carlos V fez uma declaração favoravel aos protestantes; porque ainda necessitava poupa-los. Entretanto meditava Carlos V uma grande empresa contra Argel; embarca-se com as melhores tropas que tinha, e vai saltar á vista d'aquella cidade; mas uma horrorosa tempestade arruinou a sua esquadra e inutilisou o seu exercito, a ponto de ser derrotado pelos Argelinos, escapando elle e algumas tropas, que reembarcaram no cabo de Metafuz, onde Doria tinha conseguido salvar uma parte da sua frota.

Pretendia Francisco I romper a tregoa de Niza, pois a má fé do seu competidor o excitava para a vingança. Allia-se para isto com os Reis da Suecia e Dinamarca (primeiro exemplo de confederação com o norte), e renova a sua alliança com Solimão, apesar das intrigas de Carlos V. O Imperador por sua parte une-se com Henrique VIII. Os Francezes e os Turcos poem cerco a Niza, mas são obrigados a levanta-lo. Entretanto ganha Carlos a amisade dos protestantes, deixando-lhes a liberdade de religião. Os Francezes ganham uma victoria completa em Cerizoles, enquanto Carlos e Henrique VIII perdem o tempo em sitiarem praças. Finalmente fez o Imperador a paz com Francisco I pelo tratado de Crepi sem o consentimento do Rei de Inglaterra, o qual continuou as hostilidades até o anno de 1546, em que tambem fez a paz. D'este modo é que se arruinavam com empresas ambiciosas, das quaes esperavam tirar grandes utilidades; mas de quantas quimeras se não alimentavam aquelles ambiciosos?

Vejamos agora o caracter d'esse monarcha, escravo de suas paixões, que tendo nascido com as melhores qualidades para um grande Principe, foi um monstro e o tyranno do seu povo. Henrique VIII depois de haver collocado no throno a Anna Bolena em lugar de Catharina de Aragoão, fe-la decapitar por meras suspeitas, quando outro amor havia desvanecido os seus encantos. No dia seguinte casa-se com Joanna Seymour, que morreu em 1537, depois de lhe ter dado

um filho (o Príncipe Eduardo). Casou-se então Henrique com Anna de Cleves, que foi quasi ao mesmo tempo repudiada por frivolas razões, que houveram por boas o Clero e o Parlamento. Recebeu depois a sua mão a de Catharina Howard, para passar do thalamo ao cadafalso: o crime, por que foi decapitada, era ter tido uns amores na sua mocidade. A mesma sorte quasi que esteve para experimentar Catharina Park, sexta mulher de Henrique, porque na conversação mostrou não discorrer como elle a respeito da theologia; dada estava a sentença, porém Catharina logrou desarmar o tyranno com a sua destresa sem lisongea-lo. Eis-ahi o homem, que assolou a Inglaterra debaixo do pretexto de religião.

Voltemos a tomar o fio da historia. Os catholicos requeriam sempre um Concilio. Paulo III apesar de estar muito occupado com os interesses de sua familia, convoca não obstante o Concilio de Trento para 1545. Os protestantes não se querem sujeitar ao Concilio, e o Imperador cessa de os poupar; porém o seu partido crescia todos os dias, e Luthero ainda gosou antes da sua morte d'este triumpho. Morreu Luthero em 1546, como tinha vivido, pobre e sem fortuna, ainda que foi sempre susceptivel de vaidade. Já a abertura do Concilio estava feita, em 1545. Quarenta Prelados sómente formavam no principio um congresso, que devia representar toda a Igreja. O Papa irrita os protestantes depondo o Arcebispo de Colonia. Carlos V une-se

com o Papa para enfrear os hereges da Alemanha. Armam-se os protestantes, e começa a luta no Imperio. Francisco I morre quando se preparava para restabelecer o equilibrio, do qual necessitava toda a Europa, afim de livrar-se da oppressão. Dois mezes antes da morte de Francisco I morreu Henrique VIII, deixando a corôa a seu filho Eduardo VI ainda menor.

Henrique II, filho e successor de Francisco I, era Principe imprudente, e por isso pouco apto para infundir receios a Carlos V, que começou logo a executar o seu intento contra os chefes da liga protestante. Accommette a Saxonia, derrota e faz prisioneiro o eleitor João Frederico; sujeita o Landgrave de Hesse, e prende-o por uma traição; insulta o corpo Germanico, e restabelece o culto Romano em Augsburgo. O Concilio porém estava a ponto de se dissolver; Carlos pretende regular a fé, do mesmo modo que decidia os negocios do Imperio, e publica um corpo de doutrinas em trinta e seis artigos, chamado o *Interim*. Ambos os partidos ficam descontentes; mas o terror fez com que se executasse o *Interim*, e o Papa conservou-se em silencio. Queria Paulo III ajuntar Parma e Placencia á Santa Sé; Octavio Farnese, filho e herdeiro de Pedro Luiz, que tinha sido assassinado, em vez de condescender com as vistas do Pontifice, entrou em negociações com o Imperador, de quem queria que dependesse a sua fortuna; por cuja causa tanto se enojou Paulo III, que se attribue a sua morte á violencia d'esta paixão.

Tinha Paulo approvedo em 1530 a nova sociedade dos Jesuitas, porque seu fundador Santo Ignacio a consagrou inteiramente ás ordens do Papa. O numero dos professos foi estabelecido no principio, que seria de sessenta. O antigo e o novo mundo, as cidades e as côrtes, encheram-se com tudo em breve tempo de Jesuitas. O Papa Julio III, para satisfazer o Imperador Carlos V convoca novamente o Concilio de Trento, que seu antecessor Paulo III tinha dissolvido. A Dieta de Augsburgo reconheceu a sua autoridade, porque não podia resistir ao Imperador. Mil projectos de ambição obstavam necessariamente ao intento de Carlos V de restabelecer a uniformidade de religião. A Inglaterra no governo de Eduardo VI achava-se envolta em discordias intestinas, e Henrique II, seguro por esta parte, meditava tambem acommetter a casa de Austria. Entretanto tomava o Concilio importantes decisões, posto que não houvesse n'elle senão uns sessenta prelados.

Carlos V tinha humilhado o corpo Germanico; tantos insultos contra as suas liberdades, não podiam deixar de produzir uma revolução. Mauricio, o mais poderoso dos Principes Allemães, depois de ter reunido aos seus Estados hereditarios o Eleitorado de Saxonia, encarregou-se de vingar os ultrages recebidos pelos outros Principes, e preparou com grande sagacidade todos os meios de abater o tyranno commum. Liga-se com a França debaixo do maior segredo; e quando julgou conveniente, declarou-se publi-

cando um manifesto, em que apparecem todas as queixas do corpo Germanico, ao mesmo tempo que Henrique II fez tambem publicar outro manifesto, em que se intitulava *Protector das liberdades da Allemanha e de seus Principes prisioneiros*. O Imperador, que estava em Inspruck muito doente, quasi sem tropas e sem dinheiro, teve que fugir de noite, poucas horas antes que chegasse Mauricio. Triumphante Mauricio, parte para Passaw, onde havia deputados de quasi toda a Allemanha; alli se assentou nas condições que deviam ser impostas a Carlos V, que a final as aceitou.

Bem que os confederados devessem muito ao Rei de França, apenas fizeram menção d'elle no tratado. Henrique II se tinha entretanto apoderado dos tres bispados de Toul, Verdun e Metz, e resolveu defender as suas conquistas. Apenas chegou a Trento o terror da expedição de Mauricio, foi o Concilio novamente interrompido. Carlos V desejando vingar-se do Rei de França, faz grandes preparativos para recuperar o que perdera na Lorena, e o Duque de Guisa prepara-se para defender Metz. O Imperador levanta o sitio, ao mesmo tempo que a fortuna dava-lhe na Italia outros desgostos, perdendo o Principado de Piombino, que foi obrigado a ceder a Cosme de Medicis por uma quantia pouco consideravel. O famoso Mauricio de Saxonia morreu em 1553 depois de uma victoria conseguida contra o terrivel Alberto de Brandeburgo, declarado rebelde ao Imperio por

causa de novas violencias, que commettera. As guerras entre a França e o Imperador chegaram a ser tão crueis, que d'ellas se contam horrores em damno dos povos, victimas da vingança esteril dos Principes.

Tinha Eduardo VI fallecido em Inglaterra no anno de 1553, de idade de quinze annos, e succedeu-lhe Maria, sua irmã, filha de Henrique VIII e de Catharina de Aragão. A conspiração do Duque de Northumberland, que pretendia a corôa para Joanna Grey, só serviu de o perder, assim como a seu filho e a esta virtuosa mulher, que contra sua vontade induzira a entrar na conspiração; todos foram executados. Carlos quiz aproveitar a occasião de fazer seu filho Rei de Inglaterra, e conseguiu o casamento da Rainha com Felippe, bem apesar dos Inglezes. A consequencia era bem facil de imaginar: o catholicismo foi restabelecido em 1554 á custa de muito sangue, como era de esperar depois de tres mudanças de religião em tres reinados consecutivos. Do espirito de perseguição seguiram-se necessariamente muitas calamidades. Convocada nova Dieta em Augsburgo por Fernando, Rei dos Romanos, alli se tratou de apagar o incendio, que as guerras religiosas tinham ateado na Alemanha. O famoso decreto da Dieta estabeleceu a paz da religião, concedendo absoluta liberdade de consciencia aos Estados que seguiam a confissão de Augsburgo.

Similhante acto não podia deixar de desagradar á côrte de Roma. Julio III morreu gozando de

pessima reputação. Marcello II, seu successor, tinha sómente possuido a thiara vinte e um dias. Succedeu-lhe o Cardeal Caraffa com o nome de Paulo IV, Dominico de costumes muito austeros até alli; mas que logo mudou, enchendo-se de altivez insupportavel e de uma intolerancia assombrosa; pelo que estabeleceu a inquisição na Italia; fulminou o decreto de Augsburgo, e ameaçou o Imperador e a Fernando se o não annullassem immediatamente. Carlos V cansado d'este mundo e da fortuna, que o ia abandonando, dá a Europa o espectáculo de uma abdicção não esperada, em 1556, em favor de seu filho Felippe, a quem já tinha cedido o Milanéz e o Reino de Napoles, e depois a soberania dos Paizes Baixos. Antes de abdicar tinha Carlos concluido uma tregoa com a França; porém a ambição de Paulo IV e dos Guisas ateou novamente a guerra. Os Guisas e a famosa Diana de Poitiers, Duqueza de Valentinois e concubina de Henrique II, fizeram prevalecer razões, que o bem publico e a boa fé deviam condemnar.

Os procedimentos violentos do Papa e os escrúpulos de Felippe II iam tornando a guerra desastrosa para a Hespanha; mas o Duque de Guisa foi mal succedido na guerra de Napoles, e o Condestavel de Montmorenci vencido e derrotado pelo Duque de Saboia no cerco de Saint-Quintin. Comtudo, Felippe pouco se aproveitou da victoria, sendo o unico resultado d'ella a construcção do immenso edificio do Escurial,

em virtude de um voto, ou em memoria da batalha ganhada em dia de S. Lourenço. Paulo IV faz a paz com a Hespanha e a humilha. O Duque de Guisa, chamado da Italia para defender o reino, toma Calais, em 1558, cuja praça havia mais de duzentos annos servia de porta para os inimigos da França. Toma depois Thionville; mas um exercito francez, commandado pelo marechal de Termes, foi derrotado pelo Conde de Egmond em Gravelines. Ambos os monarchas já estavam inclinados á paz; Felippe porque não gostava da guerra, e Henrique porque desejava suspender os progressos da heresia no reino. Montmorenci, ainda prisioneiro em Hespanha, foi encarregado para dar principio ás negociações.

Carlos V que tinha abdicado a corôa de Hespanha em seu filho Felippe II, deixa a pesar seu o Imperio a seu irmão Fernando em 1558. A Dieta de Francfort reconheceu sem difficuldade a Fernando I, que encontrou grandes difficuldades em Roma, e só foi reconhecido por esta côrte depois da morte de Paulo IV. Tinha-se Carlos V retirado para o mosteiro de S. Justo na Estremadura, onde morreu com cincoenta e oito annos de idade e no de 1558. Nunca Principe algum nos tempos modernos tinha possuído imperio tão vasto; os seus talentos e a sua prodigiosa actividade sós poderiam corresponder áquelle vasto dominio. Conheceu Carlos os homens, e a eleição dos que empregou foi uma das principaes causas do feliz successo das suas emprezas. Dizia elle um dia: *os fidalgos*

me roubam, as litteratos me instruem, e os negociantes me enriquecem. Conta-se que não podendo no seu retiro ajustar perfeitamente dois relogios, se arguia como de uma loucura, de ter querido sujeitar os homens á uniformidade de uma crença. Felippe II, pelo contrario, parecia que porfiava com Paulo IV, qual dos dois faria mais barbara a Inquisição.

Maria de Inglaterra, cuja crueldade muito concorrera para acabar de desacreditar o catholicismo n'aquelle reino, e cujo governo estava já aviltado pela perda de Calais, despresada por seu esposo, que não era melhor do que ella, morreu sem filhos em 1558. Isabel sua irmã, filha de Anna Bolena, subiu ao throno em conjunctura extremamente delicada. Tratada indignamente por Paulo IV, muda a religião com summa prudencia, e restabelece a reforma como em tempo de seu pai. A França e a Hespanha buscaram ambas a sua amisade; Felippe II offereceu-lhe até a sua mão, que ella recusou. Celebram-se dois tratados: o 1.º entre a Inglaterra e a França, em que Isabel não podendo reivindicar a praça de Calais, cede-a por oito annos, e no fim d'elles por uma somma de quinhentos mil escudos: o 2.º entre a França e a Hespanha, em que a primeira cede muitas praças a titulo de dois matrimonios. Succedendo finalmente as festas aos combates, custaram aquellas a vida a Henrique II, que foi mortalmente ferido em um torneio, depois de ter rompido n'elle algumas lanças.

No mesmo anno de 1559 morreu, amaldiçoado do povo Romano, Paulo IV, um d'aquelles Papas ardentes, que pareciam ter nascido para abrasar a Europa. A sua estatua foi despedaçada e lançada no Tibre; os presos da inquisição foram soltos; a prisão que elle mandara construir, foi demolida como monumento de horror. Pio IV (Medichino) foi seu successor. Este novo Papa reconheceu a Fernando por Imperador e fez celebre o seu pontificado, terminando o Concilio de Trento, interrompido desde 1552. Requeria-se em França um concilio nacional; a Rainha mãe, Catharina de Medicis, arbitra do governo durante a menoridade de Francisco II, propunha ao Papa certas reformas, que eram muito suspeitas á Santa Sé. Pio IV temia menos um concilio geral, do que uma d'estas juntas parciaes, onde se desenvolve tão frequentemente o sentimento nacional, e por isso convocou ou reuniu novamente o concilio de Trento; e não podendo attrahir os protestantes para o concilio, propõe que se armem contra elles.

Entre os mesmos Catholicos se levantaram algumas nuvens de mau agouro para o concilio de Trento; os Francezes foram os primeiros a queixarem-se da influencia dos Legados e dos Italianos. Armam-se muitas intrigas e disputas; propõe-se o decreto para a reforma dos Principes, ao qual se oppõe os Francezes. São confirmadas todas as constituições a respeito das immunidades ecclesiasticas, assim como outros decretos contrarios ao direito commum ou ao direito civil. Po-

rém de tudo quanto se fez em Trento com a mira de reformar a Igreja, o que parece ter produzido o melhor effeito foi o estabelecimento dos seminarios, por ter influido muito nos costumes e na instrucção do Clero. Pio IV fundou o seminario Romano, e o confiou aos Jesuitas; o seu systema serviu de modelo para os outros. Aquelle famoso concilio, o vigesimo e ultimo geral, não acabou senão em 1563; Pio IV confirmou-o com precipitação. Portugal, Venesa e o Duque de Saboia receberam-no sem difficuldades.

O Rei de Hespanha mostrou publicamente a mesma submissão, dando ordens secretas para a conservação da autoridade real. Em França recusaram publicar o Concilio. Maximiliano II, filho e successor de Fernando I, requereu o casamento dos clerigos. O Concilio e o *Index* não fazem senão irritar os protestantes, vendo que este *Index* denegria autores e obras dignas de elogios. N'este tempo levanta-se a seita dos *Socinianos*, que reprova os mysterios. Lelio Socino, natural de Siena, foi o que lançou as suas primeiras sementes, cultivadas depois por Fausto, seu sobrinho, que foi dogmatisar para a Polonia, e alli fundou a seita, que destruia os fundamentos da fé christã. Fausto Socino morreu em 1604. Se as letras podessem consolar o genero humano das infelicidades causadas pelas perturbações da religião, roubar-nos-hiam agradavelmente a attenção os principios do seculo xvi.

A Italia teve Ariosto, Machiavel, Guichardino, Bembo, Sadoletto, Anibal Caro, Paulo Jove, San-

nazar, &c. : a França possuiu Budée, os du Bellai, Ramus, Moulin, os Etiennes, os Escaligeros, e outros sabios. Erasmo illustrou a Hollanda, e mereceu a universal admiração. Copernico descobriu no norte o verdadeiro systema do mundo, que Galileu deu depois d'isso á luz, e que a Inquisição condemnou. Sleidam foi em Allemanha um historiador respeitavel. Por este mesmo tempo faziam Raphael e Miguel Angelo as suas obras primas. Porém os furores da superstição, que cedo exporão aos olhos scenas cada vez mais sanguinolentas, apenas permittiam aos melhores entendimentos dar apreço ás vantagens da litteratura, das sciencias e das artes, que civilisam a humanidade. Além de que o *Principe* de Machiavel, apesar do merecimento de todas as suas obras, continha uma politica abominavel, propria para producir novos crimes.

CAPITULO XLVII.

Francisco II. Guerras de religião em França. Carlos IX. Isabel. Maria Stuart. Pio V. De l'Hôpital. O S. Bartholomeu. Henrique III. O Principe de Orange. Os Guisas. Sixto V (*).

A côrte de França, depois da morte de Henrique II, estava cheia de facções tumultuosas. Catharina de Medicis, mãe de um Rei frouxo e incapaz de tudo, além da vontade de dominar, era dotada do espirito de dissimulação, de perfidia e de atrocidade. Os Guisas, tios da joven Rainha Maria Stuart, estavam de posse do governo. Dois Principes de sangue, Antonio de Bourbon Rei de Navarra, e seu irmão Luiz Principe de Condé, indignavam-se de se verem sem credito, e estavam dispostos a perturbar o Estado. Finalmente o Condestavel de Montmorenci e sua poderosa familia tambem tinham pretensões e

(*) Desde o anno de 1560 até o reinado de Henrique IV.

vistas incompatíveis com a tranquillidade do Reino. Quiz a desgraça que uns e outros se servissem da religião como de um instrumento para os seus interesses e paixões. A doutrina dos protestantes tinha feito grandes progressos em tempo de Francisco I. O mal tinha-se augmentado no reinado de Henrique II com a execução de Cabrieres e Merindol, e com os supplicios que este monarcha multiplicou sem consideração.

Novos exemplos de rigor, durante o governo dos Guisas na menoridade de Francisco II, augmentaram o furor dos protestantes; o supplicio do conselheiro Anna du Bourg exasperou a multidão. Inquietava de mais d'isso o governo continuamente os Calvinistas. Em breve tempo se formou a celebre conjuração de Amboise, em 1560, cuja alma invisivel foi o Principe de Condé, e que sendo descoberta, custou a vida a tantos conjurados. Convoca-se uma grande junta em Fontainebleau, na qual Coligni apresenta um requerimento dos sectarios, e dois Bispos (Montluc e Marillac) fallam com vehemencia contra os abusos, que motivavam tantos tumultos e tamanhas desordens. O Rei de Navarra e o Principe de Condé são chamados aos Estados de Orleans; e chegando ambos com muita confiança, foi preso Condé e processado, e o Rei esteve com sentinella á vista durante o processo. Morre por este tempo Francisco II, depois de ter reinado desesete mezes, e Carlos IX seu irmão sobe ao throno na idade de dez annos.

Catharina de Medicis, cujas vistas todas tinham

por alvo o dominio, muda de politica, e oppõe um contrapeso ao poder enorme dos Guisas. O Principe de Condé é posto em liberdade, o Rei de Navarra é nomeado Tenente General do reino, e o Condestavel de Montmorenci, que estava em desagrado, é restituído com honra. O unico homem capaz de remediar ás infelicidades publicas era o Chancellor Miguel de l'Hospital; mas as leis não tinham força contra a raiva das paixões, e apenas pôde fazer com que o parlamento não conhecesse do crime de heresia, deixando isto aos Bispos pelo Edito de Romorantin. Sustentou o Chancellor nos Estados de Orleans a sua reputação como magistrado sabio, justo e prudente; comtudo a falta de harmonia nos Estados foi um obstaculo invencivel para o zelo do Chancellor. Tudo eram disputas, injurias e violencias. Ajuntaram-se os chefes dos Parlametos, afim de buscar com elles os meios de restabelecer o socego e a boa ordem.

O Chancellor falla n'esta assembléa a favor da tolerancia; depois das deliberações appareceu o Edicto de Janeiro de 1562, pelo qual se concedia aos protestantes o exercicio da sua religião fóra das cidades. Foram necessarias tres ordens para o fazer registrar. Depois da mortandade de Vassy pela comitiva do Duque de Guisa os calvinistas armam-se, e dão principio á guerra civil, em que Ruão foi tomada pelo Rei de Navarra, e o Duque de Guisa ganhou a celebre batalha de Dreux. Em 1563 foi o mesmo Duque de Guisa assassinado no sitio de Orleans pelo Calvinista Poltrot, que

julgou servir a Deus vingando a sua seita. Com um Edicto de pacificação serenaram um pouco as tormentas. Este Edicto perdoava o passado, e declarava que o Principe de Condé e os seus seguidores em nenhuma outra cousa tinham tido a mira senão no serviço do Rei. Suspensa a raiva das facções, o Havre, que tinha sido cedido á Inglaterra por Condé com o fim de obter o seu soccorro, foi retomado pelos Francezes, e as hostilidades acabaram por um ajuste. Veremos agora o que se tem passado em Inglaterra e Escossia quasi no mesmo tempo.

O Calvinismo tinha feito grandes progressos na Escossia no reinado de Jacques V; e Maria de Guisa, viuva d'este Principe, facilitou os meios abrindo d'este modo caminho para a regencia. Porém seus irmãos, que pretendiam collocar a joven Maria Stuart sobre o throno de Isabel, fizeram com que mudasse de politica, e tomasse medidas contrarias ás suas inclinações. A intolerancia irritou os Escossezes, João Knox, que tinha sido discipulo de Calvino, veio augmentar o incendio com a sua predica. Maria Stuart, esposa do Delfim Francisco II, tinha tomado por conselho dos Guisas, seus tios, as armas e o titulo de Rainha de Inglaterra. Isabel irritada por este proceder sustenta os Escossezes. O tratado de Edimburgo, de 1560, pelo qual Maria Stuart devia renunciar o titulo de Rainha de Inglaterra, poz termo a estas pretensões, e deu ao parlamento a authoridade para deliberar a respeito dos negocios de religião. Morto Francisco II,

veiu Maria Stuart para a Escossia, onde soffreu como catholica todo o odio do fanatismo.

Casa Maria Stuart com Henrique Darnley, filho do Conde de Lenox em Inglaterra, e logo se arrependeu pelo character odioso de seu marido; por cuja ordem foi morto o musico Rizio, por suspeitas de criminoso trato com a Rainha. O Rei foi assassinado depois, e Maria casou com o Conde de Bothwel, a quem se attribuia o assassinio do Rei, pelo que foi ella abominada como sua cumplice. Sublevam-se os Escossezes, prendem-na e obrigam-na a renunciar a corôa; foge então para a Inglaterra, onde foi pedir asilo em 1568. Adiante veremos o tratamento, que ella recebeu de Isabel. Governava esta o seu reino com uma prudencia admiravel, cuidando na marinha, no commercio, na agricultura, e em todos os objectos da administração publica; mas não via em Maria senão uma rival, que a excedia em formosura e lhe causava inquietações. Nem era tão generosa, que se não deixasse levar por um fraco ciume de mulher. Voltemos para o continente, sempre agitado pela discordia religiosa, que a prudencia de Isabel sabia prevenir no seu reino.

Pretendia Felippe II, mas em vão, sugeitar á inquisição Napoles e Milão. Os Paizes Baixos ameaçados do mesmo flagello, durante o governo da Duquesa de Parma, irmã do Rei, que se deixava guiar pelo Cardeal Granvelle, Arcebispo de Malinas, romperam em sedição; tanto mais perigosa quão illustres eram os dois homens que tinha por chefes, o Principe de Orange e o Conde

de Egmond. Pio IV acabava de morrer; o novo Papa (Ghisleri) Pio V apenas se viu exaltado á Santa Sé, mandou logo queimar por hereges alguns homens distinctos, um Carnesecchi, um Zannetti e o sabio Paleario. Este Papa bem conhecido pela bulla *In cæna Domini*, publicada em 1568, era bem pouco apparente para as necessidades urgentes da Igreja. Os dos Paizes Baixos, a quem davam o nome de *Pobres* (Gueux), perderam toda a esperança de paz; não obtendo nada pelas suas supplicas, entregam-se aos excessos do fanatismo. O Duque de Alva (Alvaro de Toledo) é mandado com um exercito para Flandres. Os Condes de Egmond e de Horn foram executados. O Principe de Orange se tinha prudentemente retirado para a Allemanha.

O sangue dos Condes de Egmond e de Horn, confundido com o de um numero infinito de victimas, consolidou de algum modo os fundamentos da famosa republica de Hollanda, que veremos formar-se em breve tempo. A França tambem experimentou novamente os horrores da guerra de religião. Os Calvinistas perderam tres batalhas, e na ultima, a de Jarnac, em 1569, foi morto a sangue frio o chefe do partido, o proprio Principe de Condé. O moço Principe de Béarn (Henrique IV), tendo sómente deseseis annos, foi declarado chefe da liga, a qual ainda perdeu outra batalha, a de Montcontour; ainda assim, depois de quatro batalhas perdidas, obtiveram os Calvinistas pelo tratado de S. Germano tudo quanto desejavam. Uma sabia e prudente

indulgencia teria poupado grandes infelicidades; mas a providencia tinha ordenado outra cousa. Brevemente veremos a mortandade cruel do dia de S. Bartholomeu abrir novamente as chagas, assim da Religião como do Estado.

O Chancellor de l'Hospital cáe em desgraça por causa de uma bulla de Pio V, que permittia ao Rei poder alienar bens ecclesiasticos por cincoenta mil escudos de renda, com condição de empregar esta quantia em exterminar os hereges. O Chancellor mostrou a inhumanidade d'esta bulla, e segundo M. de Thou, foi esta a causa da sua desgraça. Tinham os Turcos com tresentas velas bloqueado a ilha de Malta em 1565; o Grão Mestre de la Valette teve a gloria de os rechaçar; apesar disso tomaram Scio no anno seguinte, e accometteram as costas da Italia. Solimão morreu depois de haver conquistado quasi toda a Hungria. Seu filho, Selim II, tomou aos Venesianos a ilha de Chipre em 1571. Formou Pio V uma liga contra os Turcos; D. João de Austria derrota-os completamente perto do golfo de Lepantho, onde perderam os Musulmanos mais de cento e cincoenta galeras. O mesmo Papa tinha sollicitado a alliança dos Arabes e dos Persas contra os Turcos; contradicção digna de reparo, chamando em auxilio dos Christãos, que elle não podia unir, outros povos inimigos da sua fé.

Creou Pio V a Cosme de Medicis Grão Duque da Toscana, e fundava-se para isto nos precedentes de outros Papas, que tambem tinham dado e tirado corôas. Entretanto continuavam

as violencias contra os protestantes; o Duque de Alva redusia os Flamengos á desesperação com o seu tribunal de sangue. Em França acariciavam-nos para os esmagar de um só golpe. O casamento do Rei de Navarra com Margarida, irmã de Carlos IX, trouxe a Pariz o Principe de Condé e os mais grados do seu partido; o mesmo Coligni se deixou cegar por uma illusão lisongeira, tanto que despresou todos os avisos, que lhe deram da premeditada traição. Celebrouse o casamento do Rei de Navarra em 17 de Agosto de 1572; no dia 22 foi Coligni ferido de um tiro de arcabuz; Carlos IX pareceu ou fingiu-se mui sensibilizado com este accidente. Comtudo na noite de 23 para 24 começa por ordem da côrte uma horrorosa carniceria nos protestantes. O Duque de Guisa, Henrique filho de Francisco, mandou degolar o Almirante. As ruas e as casas nadavam em sangue.

A raiva dos assassinos não distingue idade nem sexo; o proprio Rei commette a barbaridade de atirar sobre os infelizes. A mesma matança se ordena pelas provincias; com mil victimas custa esta infernal execução. Os Calvinistas tornaram-se muito mais tremendos pela desesperação e pela vingança; atea-se de novo a guerra civil, de maneira que foi necessario conceder-lhes ainda a liberdade de consciencia. Carlos IX, roido de remorsos desde o fatal dia de S. Bartholomeu, acabou no meio das perturbações em 1574 sem filho varão, na idade de vinte e quatro annos. O Duque d'Anjou, seu irmão, que tinha sido eleito

Rei da Polonia, succede no throno de França com o nome de Henrique III, e em breve tempo perde a sua reputação. Foi elle um dos autores da cruel mortandade; aos mais depravados costumes reunia a apparencia da mais vil superstição. Não tardou muito em grangear o odio dos protestantes e dos mesmos catholicos; n'esta critica situação obtiveram os Calvinistas por quinta vez condições muito mais vantajosas que as precedentes.

Felippe II era a causa de todos estes males; não contente com o que fazia soffrer a seus proprios vassallos, animava a Côrte de França para os mesmos rigores. O Duque de Alva continuava as suas crueldades; porém em 1570 appareceu o Principe de Orange com um pequeno exercito, e a rebelião foi completa. Desoito mil pessoas entregues aos verdugos em cinco annos clamavam vingança contra aquelle feroz assassino, que foi chamado á Côrte em 1573. Requesens, que lhe succedeu, podia haver restabelecido a paz com as grandes virtudes e talentos que tinha, porém morreu em 1576. D. João de Austria, celebre pela victoria de Lepantho e pela tomada de Tunis, foi o successor de Requesens. Toda a doçura de que se valeu D. João no principio foi inutil, porque o enthusiasmo e a vingança se tinham apoderado dos animos. Breve começará a guerra de novo, e Felippe II apesar de todas as suas forças encontrará uma resistencia invencivel:

O ultimo edicto de pacificação, concedido aos Calvinistas em França, irritou sobre-

mancira os Catholicos, e Henrique havia-se muito mal para não ser victima de uns e de outros. O triumpho dos protestantes era no sentir dos catholicos uma especie de crime indelevel. Formase instantaneamente a *Santa Liga*, em 1576, traçada havia muito tempo pelo Cardeal de Lorena. Tinham os protestantes dado em muitas terras o exemplo d'estas confederações. Henrique, Duque de Guisa, dispunha-se para ser o seu chefe, quando o Rei, temendo a sua influencia, se declarou chefe da Liga. Um Principe sabio e prudente teria ao menos precavido as desordens; porém Henrique III occupava-se sómente dos seus praseres, e adormecia no seio das facções, das quaes em breve tempo veiu a ser victima. Nos Paizes Baixos o Principe de Orange lutava com muitas contrariedades; quatro Principes ao mesmo tempo dilaceraram aquellas infelizes Provincias, onde as contendias de religião e os abusos do despotismo eram a origem de todas as desgraças.

Felippe II invejoso de seu irmão, e desconfiando dos seus intentos, não lhe dava os socorros necessarios. D. João todavia venceu os rebeldes em Gemblours, e tomou-lhes algumas praças. Morreu no meio de seus tropheos, deixando o governo a seu sobrinho Alexandre Farnese, Principe de Parma, digno successor de um heroe. Ao mesmo tempo que um Monarcha Hespanhol se via a ponto de perder em breve tempo a Hollanda, a sua ambição se aproveitou de uma corôa, que não devia pertencer-lhe. D. Sebastião,

Rei de Portugal, levado da imprudente impetuosidade do seu genio, e dos preconceitos religiosos, quiz absolutamente assignalar-se em Africa contra os Mouros. Aceitou as proposições de Muley Mahamet, a quem Muley Moluco, seu tio, tinha expulso dos reinos de Fez e de Marrocos, e entregou-se todo, contra o parecer dos homens sabios, a uma expedição que Felippe prudentemente regeitára. Desembarcou em Africa com uns quinze mil homens; os inimigos muito mais numerosos apresentaram a batalha, que elle aceitou arrostando todo o perigo, e onde combateu e foi vencido. Quasi todos os christãos morreram ou ficaram prisioneiros. Ambos os Reis Mouros perderam a vida, do mesmo modo que o Rei de Portugal.

D. Sebastião não tinha filhos; succedeu-lhe em 1579 seu tio o Cardeal D. Henrique, que morreu no anno seguinte. Disputaram a successão Felippe II, o Duque de Bragança, D. Antonio Prior do Crato, os Duques de Saboia e de Parma, Catharina de Medicis, e o mesmo Papa, que além de outras chimeras sustentava o direito de recolher o espolio de um Cardeal. Porém o Rei de Hespanha tinha-se acautelado; um exercito lhe podia servir de titulo, e foi recebido em Lisboa. D. Antonio, Prior do Crato, foi o unico que resistiu; porém teve de refugiar-se em França, e Felippe II triumphou completamente. O Principe de Orange tinha formado desde 1579 a famosa união de *Utrecht* entre os Estados da Hollanda, Zelandia, Utrecht, Zutphen e Gueldres,

Overissel, Frieslandia e Gronninga; união que brevemente foi recebida em Gand, Antuerpia, Bruges, Bruxellas, n'uma palavra, na maior parte das provincias; mas ainda o Rei da Hespanha era reconhecido por seu soberano, e só se chamavam unidas para oppôr-se ás injustiças do governo.

Finalmente os Estados geraes, juntos em Haya, declararam solemnemente a Felippe II privado do Principado, por ter violado contra o seu juramento os privilegios do povo. É certo que Alexandre Farnese ajuntava a todas as qualidades de um bom General as de um politico; porém o Principe de Orange era tão habil como elle; e com quanto as provincias necessitassem de soccorros, ellas os acharam em seus visinhos e na Inglaterra, que não era menos empenhada em solapar o poder do Rei da Hespanha. O Duque d'Anjou, a quem as mesmas Provincias tinham offerecido a soberania, tinha-se retirado para França, onde morreu em 1584. Depois de ter-se livrado de duas conspirações, foi o Principe de Orange victima de um fanatico, natural do Franco-Condado por nome Gerard, que se julgou inspirado para commetter este assassinio. Certifica-se que Felippe II dissera, quando soube a noticia da sua morte: *que aquelle golpe deveria ter-se dado doze annos antes, para interesse da religião e seu: rasão* porque houve quem suspeitasse ter elle sido o autor d'ella.

Por morte do Duque d'Anjou, o Rei de Navarra (a quem desde já chamarei Henrique IV) vinha a ser o herdeiro presumptivo da corôa. O

ambicioso Duque de Guisa, que tambem aspirava ao throno, aproveita-se da occasião para excluir um Principe herege, como para derrubar um Rei fraco, que merecia tanto odio como desprezo, valendo-se das grandes molas do fanatismo. Os da Liga declaram-se finalmente representando o Rei de Navarra como defensor da heresia, e Henrique III como protector dos hereges, apesar de todas as suas devoções. Antes de se sublevarem, consultam o Papa Gregorio XIII, que respondeu verbalmente conforme os seus desejos. Sem embargo, Gregorio naturalmente brando e timido, recusou dar uma bulla para semelhante attentado, e morreu antes de declarar-se a rebellião. A elle se deve a reforma do calendario tão necessaria, e não obstante tão mal recebida pelos protestantes. Sixto V seu successor, varão de engenho vasto, não podia deixar de representar um grande papel n'esses tempos tormentosos.

Como o Duque de Guisa não queria deixar cahir a mascara antes de tempo, poz á frente do partido o velho Cardeal de Bourbon, tio de Henrique IV, que logo se declarou chefe da liga. Sixto V por uma bulla excommunga os Bourbons (Henrique IV e o Principe de Condé), *geração impia e bastarda da illustre casa de Bourbon, hereges, relapsos, inimigos de Deus e da religião*; e declara-os privados de todos os seus direitos. Henrique IV, porém, protestou contra a bulla, e mandou afixar em Roma a sua protestação. A bulla produziu, como era de esperar, duplicada guerra civil, na qual se viu obrigado Hen-

rique III a sustentar a sua authoridade contra os protestantes e contra a liga. Voltemos por um instante os olhos para a Inglaterra, e sigamos os passos de Isabel n'essa sanguinolenta tragedia de Maria Stuart, cujo supplicio foi um dos successos mais celebres d'aquella epocha.

Quando em 1568 Maria, presa pelos seus vassallos, fugiu e refugiou-se em Inglaterra, Isabel ficou indecisa entre a generosidade e o interesse. Sob pretexto de decencia não quiz vêr esta infeliz Princesa, opprimida com atrozes accusações; e apenas fê-la persuadir, que se sugeitasse a um juizo e a tomasse por arbitro, conservando-a prisioneira. A Rainha de Escossia no seu dilatado captiveiro mostrou tanta presença de espirito, e ao mesmo tempo tanta resignação, que excitava geralmente o amor e o respeito, principalmente dos catholicos. O Duque de Norfolk, que pretendeu liberta-la, foi executado; assim como foram outros muitos, que tentaram igual empresa. Sixto V, Felippe II e os Guisas trabalharam para effectuar uma rebellião em Inglaterra, mas em balde; e tantos esforços só conduziram a dar provas para um processo contra a desgraçada Princesa, que a final foi executada, como cumplice da conspiração de Ballard e Babington.

Aleança Isabel por outros caminhos a geral admiração: protege as Provincias Unidas e manda-lhes um poderoso auxilio. Já os corsarios inglezes arrostavam os Hespanhóes até na America. O famoso Drake tinha feito o giro do globo, e voltava carregado de despojos. A Inglaterra viu

a utilidade de suas empresas, e lançou desde então os fundamentos da sua grandesa. Entretanto Sixto V por uma bulla deu a Inglaterra a Felippe II. O armamento do Rei de Hespanha parecia assegurar os effeitos da bulla. Consistia este em cento e trinta naus de linha com vinte mil homens de desembarque. A marinha de Inglaterra se reduzia a vinte e oito naus pequenas; porém foi tão grande o enthusiasmo que Isabel soube crear no povo inglez, que toda a nação se apressou a prodigalisar-lhe soccorros. Londres, a quem a Rainha pediu quinze naus, armou trinta. Os mesmos catholicos rivalisavam em generosidade e em patriotismo. A *Invencivel*, que assim se chamou esta grande armada, foi destruida por pequenos combates e um grande temporal. Isabel ficou, como era, Rainha de Inglaterra, apesar da doação de Sixto V.

Recebeu Felippe II com muito socego a noticia de tão grande desastre. *Tinha eu expedido a minha frota, disse elle, não para combater com os elementos, mas com os Inglezes. Louvado seja Deus!* Os sacerdotes Hespanhóes, cujas prophcias tinham ficado confundidas, attribuiram a causa d'esta perda aos infieis, que ainda havia no Reino. Em França para onde nos guia o fio dos successos, offerecem o fanatismo, a rebellião é a anarchia os mais tristes espectaculos. No centro de Pariz se formou a liga dos *dezeseis*, que tira o seu nome dos dezeseis bairros d'esta cidade, e que excedeu em furor á liga principal. Consistia o seu projecto em privar o Soberano do throno, e dar a

corôa ao Duque de Guisa. Henrique III, longe de unir-se com o Rei de Navarra, como pedia o seu interesse, faz-lhe a guerra. Henrique IV já conhecido como um heróe, ganha a batalha de Coutras, na Guiena, em 1587; porém ao mesmo tempo o Duque de Guisa derrota um exercito allemão, que vinha em soccorro dos calvinistas, e é apregoado em Pariz como o salvador da França.

Cada passo dos Principes de Lorena prognosticava a ruina do Monarcha. Uma junta convocada por elles em Nanci dirige ao Rei um memorial com varias requisições tão insolentes como inadmissiveis. Indignado o Rei sáe finalmente do seu lethargo, ajunta tropas e prepara-se para castigar os *dezeseis*. Prohibe ao Duque de Guisa entrar em Pariz, o que não obstou a sua presença. Os sediciosos armam-se e fortificam as ruas; o Rei foge, e o Duque de Guisa, senhor da capital, impõe as condições da tregoa. Henrique assigna então aquelle edicto de Ruão, em que se compromette a perseguir os protestantes, e exclue do throno a todo o herege ou protector de heresias. D'aqui se seguiu ficar Henrique IV privado do direito de successão. Reunem-se depois os Estados geraes em Blois, e pretendem impôr-lhe condições ainda mais duras. Henrique sem recurso algum de parte das leis, julgou achar a sua salvação na violencia, e mandou assassinar o Duque e o Cardeal de Guisa.

Depois de um golpe tão funesto para os facciosos, seria necessario aproveitar-se da sua cons-

ternação, assenhorear-se de Pariz e esmagar os *dezeséis*. O Rei nada d'isto fez, e contentou-se com a sua apologia por meio de manifestos. Entretanto morre sua mãe, a famosa Catharina de Medicis, origem de tantas guerras e de tantas discordias. Estando para morrer aconselhou ao Rei, que se reconciliasse com Henrique IV, e que deixasse a liberdade ás consciencias. Os *dezeséis* desassombrados pela apathia do Rei puzeram em combustão a capital: prenderam o parlamento e crearam outro, que confirmou a liga com todas as suas condições. Determina finalmente o Rei reconciliar-se com Henrique IV. Aparece então um monitorio de Sixto V, ordenando ao Rei de França que compareça perante elle em pessoa afim de justificar-se do homicidio do Cardeal de Guisa. O Rei ferido com este novo raio, tremia segundo o seu costume. *Vençamos, lhe disse Henrique IV, e seremos absolvidos.*

O monitorio foi publicado em algumas cidades. Ambos os Reis vem sitiar Pariz, e acampam em S. Cloud, onde Henrique III foi apunhalado por Jacques Clemente, religioso Dominico, a quem os pregadores, casuistas, e o seu proprio Prior, tinham indusido a commetter este crime, mostrando-lhe o Ceo como recompensa do regicidio. Sixto V, um dos homens mais extraordinarios do seu seculo, morreu no anno seguinte de 1590. Os elogios que elle fazia a Henrique IV e a Isabel são prova de que, se abusava do poder pontificio contra o direito das corôas, tinha a alma e o genio de um homem feito para reinar. Talvez

que Sixto V tivesse reinado em outra qualquer parte com maior gloria do que no Estado da Igreja. Urbano VII, seu successor, apenas gosou da thiara. Gregorio XIV, Milanez, assignalou o seu zelo em favor da liga, como agora veremos na epocha de um reinado para sempre memoravel.

CAPITULO XLVIII.

Henrique IV. Alexandre Farnese. Mauricio Principe de Orange. Gregorio XIV. Clemente VIII. Fim de Felippe II. Felippe III. Fim de Isabel. Jacques I. Paulo V e os Venesianos. Fim de Henrique IV. Luiz XIII. Principio da guerra dos trinta annos. Frederico V. Fernando II. Conspiração de Venesa, Reflexões sobre a Hespanha (*).

Reinaram successivamente tres filhos de Henrique II, e não deixaram successão. O ramo da casa de Valois achava-se extincto: Henrique de Bourbon, Rei de Navarra, descendente de S. Luiz, era parente do ultimo Rei em vigesimo segundo gráu; comtudo pertencia-lhe a corôa como primeiro Principe de sangue. Valor heroico, bondade generosa, amor da gloria, rectidão, economia e nobre simplicidade, tudo lhe attraía a voluntaria homenagem dos povos; po-

(*) Desde o anno de 1589 até o ministerio do Cardeal de Richelieu em 1624.

rém a sua religião era um obstaculo invencivel para chegar á tranquilla posse do throno, que lhe pertencia por direito de nascimento. O Duque de Mayenna, depois da morte de seus irmãos, declarou-se chefe da liga, e fez dar o titulo de Rei ao velho Cardeal de Bourbon, que se achava prisioneiro. Henrique IV, reduzido a seis mil homens, dos trinta mil com que tinha começado o sitio de Pariz, retira-se para Dieppe, alcança as victorias d'Arques e d'Ivri, e volta no anno seguinte ao cerco de Pariz.

A fome tinha feito grandes estragos entre os sitiados; porém a bondade excessiva de Henrique para com os Parisienses expô-lo a perder o fructo dos seus trabalhos. Tinha Felippe II suas intenções sobre a corôa de França, e ordenou ao Duque de Parma, que marchasse com o seu exercito a levantar o cerco de Pariz. Com a sua chegada levanta o Rei o sitio para ir combater; Farnese evita o combate e torna para os Paizes Baixos, onde Mauricio, filho e successor do Principe de Orange, defendia por seus esforços a Republica Batava. Viu-se Henrique em bem tristes circumstancias, sem dinheiro e quasi sem tropas, emquanto o Duque de Saboya por outro lado invadia a Provença. Gregorio XIV protegia os conspiradores, e excitava-os a não tomar o partido de um Principe *herege*. Alguns soccorros de Inglaterra e da Allemanha restabeleceram um pouco as forças do Rei, que marchou contra Ruão; porém ainda d'esta vez veiu Alexandre Farnese fazer-lhe levantar o sitio. Henrique per-

segue-o na Normandia; mas a sua retirada foi tão gloriosa quanto o Rei a tinha julgado impossível.

Pouco tempo depois morreu em Flandres este grande general. As suas virtudes exaltavam o esplendor dos seus talentos; e elle teria pacificado a Hollanda, se houvesse remedio para as desgraças, que tinham excitado o despotismo e a perseguição. Clemente VIII, que seguia as pisadas de Gregorio XIV, tinha em Pariz um Legado, que dirigia os movimentos da liga. Henrique sabia que a sua religião era uma barreira invencivel, que se oppunha a seus direitos e esforços, e tinha declarado que desejava converter-se; seus amigos lh'o tinham aconselhado, mas Felippe II e a côrte de Roma embaraçavam este passo importante, que por fim deu, abjurando o calvinismo em S. Diniz, na presença de infinitos Parisienses. Todavia o fanatismo ainda o perseguiu não só de palavra como por obra, pois que entrando na capital foi ferido na garganta por um moço fanatico, chamado João Chatel. Dois annos havia que o Rei era catholico, sollicitando sempre a sua absolvição, quando foi finalmente absolvido por Clemente VIII.

Satisfeitas as condições com que fôra absolvido, submeteram-se os principaes da liga, depois de novos e infructuosos esforços. Henrique mostrou-se com uma lealdade exemplar em todas as suas promessas. Desde então cuidou de acabar a guerra sujeitando a Bretanha e o Duque de

Mercoeur. Todavia eram os calvinistas os que mais o inquietavam com suas exorbitantes exigencias; na viagem que fez á Bretanha julgou que os devia satisfazer, e foi este o motivo do famoso edicto de Nantes, por meio do qual não só alcançaram o livre culto da sua religião em diversas cidades, como a facilidade de possuir empregos, e logares de segurança por oito annos. Não querendo a côrte de Hespanha reconhecer a republica da Hollanda, Henrique trata separadamente, e conclue o vantajoso tratado de Vervins, pelo qual entrou na posse de tudo o que os Hespanhóes tinham tomado na Picardia. Felippe II morreu pouco tempo depois em 1598, com 72 annos de idade. Tyranno feroz e implacavel, pretendia reinar por meio do terror; elle mereceu com justo titulo que o denominassem o *Demonio do Meio-dia*.

Desde a perda da grande armada começou a Hespanha a declinar; Felippe III, filho e successor do II, Principe fraco e incapaz, concorreu ainda mais para a sua decadencia. Reinaram os validos, e todos á porfia disputaram a palma do desmazelo, do despotismo, da corrupção e da avareza. O ramo imperial da Austria tambem tinha afrouxado; occupava-se o Imperador Rodolfo II em astronomia, chimica, experiencias e em cavallos; só as competencias das religiões excitavam tumultos na Allemanha. Vemos Gebhar-do, Eleitor de Colonia, abraçar o calvinismo, e casar-se em 1583. O Capitulo e a cidade se sublevam contra elle: Gregorio XIII o excom-

munga e depõe: os protestantes não lhe dão soccorro algum, porque se fez Calvinista e não Lutherano; e elle fica vencido, abandonado, e vai morrer em Strasburgo. Por morte de Affonso II, Duque de Ferrara e de Modena, era seu herdeiro Cesar d'Est, seu primo co-irmão. Todavia Clemente VIII apoderou-se do Estado de Ferrara e de Comaquio, contentando-se o Duque com a investidura de Modena, Reggio, e Carmi, concedida por Rodolfo II em 1598.

Por muito capaz que fosse Henrique IV de governar bem por si mesmo, necessitava de um amigo virtuoso, e de um bom ministro, que o ajudasse a executar os vastos designios, que havia concebido. Um e outro achou Henrique no celebre Duque de Sully (então Marquez de Rosni), homem de extraordinario engenho, que sendo encarregado da administração em 1596, mostrou-se em breve tempo um ministro consumado. Henrique era em extremo sensivel aos attractivos da sensualidade; tinha-lhe roubado o coração a formosa Gabriela de Estrées. Era seu intento casar com ella, repudiando a Rainha Margarida de Valois. Morta Gabriela, apaixonou-se de Henriqueta de Entragues, que inflammou os desejos do Rei por meio de repudios, até que obteve promessa de casamento. Mostra o Rei a Sully a promessa assignada, e este rasga-a cheio de indignação. *Cuido, que estais louco*, diz Henrique colerico! *Assim é, sou um louco*, responde Sully, *e desejara ser o unico louco que houvesse em França*. Quando o ministro julgava ter decaído

sem remedio da graça do Rei, recebeu a patente de Tenente General de Artilharia.

Por fim sempre obteve Henrique o divorcio, e casou com Maria de Medicis, da qual nasceu Luiz XIII em 1601, casamento alias bem infeliz. Já era tempo de castigar o Duque de Saboia, usurpador de Saluce, com quem depois foi demasiado generoso. O Marechal de Biron, que se tinha constituido criminoso unindo-se ao Duque de Saboia e á côrte de Hespanha, foi condemnado e executado, não tanto pelo seu crime como por sua altivez e insolentes pretensões. Ao mesmo tempo que a França gosava dos fructos da melhor administração, urdiam-se diversas conspirações contra Henrique IV. Sua amante (d'Entragues), que o expunha aos enfados da Rainha, foi-lhe traidora. Convencidos o pai, a filha e o Conde de Alvernia de conspiradores, foram presos, condemnados, e Henrique perdoou-lhes; assim como perdoou ao Duque de Bouillon, que tinha sublevado os calvinistas e combatido contra elle. É difficil conceber como um Rei tão bom e generoso estivesse sempre cercado de traidores e de assassinos até cair debaixo do golpe de um d'elles.

Era Isabel de outra tempera; a sua previsão e sagacidade não a deixava confundir a verdadeira generosidade com a fraquesa, nem o perdão com a falta de segurança. Quiz o Conde de Essex, seu valido, ser encarregado de reduzir os Irlandezes; o Conde com forças consideraveis foi mal succedido n'esta empreza, que executou

gloriosamente depois d'elle Lord Mountjoy. A Rainha mostrou-se sentida, e ordenou que não tornasse mais á sua presença; mas o Conde altivo, impetuoso e desesperado, subleva-se; prendem-no, faz-se-lhe um processo summariamente, e morre degolado em 1601. Amava-o ainda a Rainha, tanto que deixou-se ir finando de uma triste melancolia até que morreu em 1603 aos setenta annos de idade. O seu reinado de quarenta e quatro annos não experimentou guerras civis, ao mesmo tempo que o fanatismo armava tantos povos contra os seus soberanos. É verdade que as prerogativas do throno eram immensas n'aquelle tempo; mas isto mesmo que tanto concorreu para a desgraça de seus successores, foi em sua mão um meio de conter os partidos. A vigilancia, a actividade, a sabedoria e prudencia do seu governo, extinguiram toda a centelha de rebellião.

Jacques VI, Rei da Escossia, filho da infeliz Maria Stuart, o primeiro d'este nome em Inglaterra, e o parente mais proximo de Isabel, foi o seu successor, porque Isabel não tinha nunca querido casar. N'ella pois acabou a casa de Tudor para começar a dos Stuarts, que tambem não devia durar muito. Jacques uniu os tres reinos chamados hoje em dia a Grãa-Bretanha. Estes tres reinos juntos valiam menos n'aquelle tempo do que hoje vale sómente a Irlanda, apesar da sua miseria. Quando a industria humana é excitada por boas leis, dirigida pela luz da experiencia e da razão, que prodigiosas mudanças não póde

ella fazer no mundo? D'isto mesmo é uma prova a Hollanda, sendo ainda muito pobre e infeliz, mal defendia a sua liberdade contra a Hespanha. Sully tratou a favor d'ella com Jacques, e se fez uma liga defensiva a favor das Provincias Unidas, que breve chegaram a ser uma potencia.

Henrique IV restabelece os Jesuitas no seu reino para condescender com o Papa, apesar do voto contrario de Sully e do Parlamento. A influencia d'esta ordem, tão dedicada ao estudo e incançavel em seus trabalhos, devia ser temida: os theologos e os Bispos achavam-se em guerra aberta: os calvinistas de França decidiam em seus synodos sobre artigos de fé: os Arcebispos de Aix e de Bordeos excommungavam os parlamentos; quando em 1606 appareceu aquella famosa contenda entre a côrte de Roma e os Venesianos, cujas consequencias teriam sido bem fataes sem a mediação do Rei de França. Tinha Paulo V (Borghese) succedido a Clemente VIII, morto em 1605. No seguinte anno fulmina Paulo interdicto sobre a Republica; os Venesianos preparam-se para defender seus direitos e liberdades; Henrique IV offerece a sua mediação e termina a contenda sem violencia nem desordem. Continua sempre a guerra da Hollanda; Henrique protegia estes valerosos republicanos, e teve a gloria de alcançar-lhes o primeiro titulo de independencia, que não tinha podido obter o seu valor.

Em 1598 tinha Felippe II cedido os Paizes

Baixos, o Franco Condado e a provincia de Charoles á Infanta Isabel, esposa de Alberto, Archiduque de Austria, que d'antes fôra Cardeal e Arcebispo de Toledo; porém os Hollandezes não se sujeitaram por isso, e continuaram a guerra com o mesmo valor e enthusiasmo que d'antes. Não se encontra na historia moderna sitio algum comparavel com o de Ostende, em que a Hespanha perdeu oitenta mil homens, e a Hollanda sessenta mil. Ambrosio Spinola, Genovez ao serviço de Hespanha, acabou gloriosamente o sitio em 1604, depois de tres annos e tres mezes de combates e de mutuos prodigios de valor. Finalmente em 1609 pôde obter Henrique IV uma tregoa de doze annos entre a Hespanha e a Hollanda. Das dezeseite provincias, de que se compunham os Paizes Baixos, perdeu a casa de Austria sete, que eram as mais pobres, mas cuja união formou a mais rica e a mais poderosa de todas as republicas modernas.

— Crer-se-hia por ventura que a Hespanha, depois de tantas perdas, exaurida de homens e de dinheiro, faria a si propria uma chaga profunda pelo mesmo principio de perseguição, que lhe tinha tirado uma grande parte de seus vassallos? Um decreto desasistado ordenou sob pena de morte, que todos os Mouros saíssem da monarchia no espaço de trinta dias. Dizem os historiadores que este decreto privou a Hespanha de quasi um milhão de habitantes, que eram justamente os mais uteis por causa da sua industria e trabalho. Em lugar de os perder,

poderia tê-los convertido, assim como a bondade de Henrique IV, segundo Perefixo, converteu mais de sessenta mil *Huguenotes* (nome que por escarneo se dava aos calvinistas em França), que a inquisição teria queimado ou ao menos expulsado. Entre os grandes intentos d'este monarcha, conta-se o projecto da *republica christãa*, de que falla Sully nas suas memorias; porém o principal era pôr limites á ambição e ao poder da casa de Austria.

Preparava-se Henrique para a guerra na Alemanha: um exercito de quarenta mil homens, e uma reserva de quarenta milhões de escudos, eram os meios que elle e Sully tinham disposto para o exito feliz d'esta campanha. Impaciente para ajuntar-se com o exercito, suspende a sua marcha para assistir á coroação da Rainha, que a requeria com grande ancia. Passando por uma rua, embarça-se o coche, e enquanto pára, Ravailac, fanatico resolutto, chega-se a elle e crava-lhe um punhal no peito á vista de sete cortezãos. Assim acabou em 1610 com cincoenta e sete annos de idade, um Rei digno da immortalidade. Mais de cincoenta conspirações se tinham formado contra elle; a sua memoria foi, e ainda hoje é adorada em França como a do melhor dos Reis. Considerando o estado de França quando Henrique subiu ao throno, e comparando-o com o em que elle a deixava: os desperdicios do Erario, o pessimo systema de justiça, a miseria publica e os abusos, substituidos pela economia e pela reserva, pela boa

administração de justiça, e pela riqueza territorial; pôde-se dizer com Sully: *O tempo é tudo quanto faltou a este grande Principe para as suas gloriosas emprezas.*

Depois da morte de Henrique IV tudo annuncia grandes calamidades. Não tinha Luiz XIII senão nove annos, e uma regencia se preparava para abrir a carreira das mais funestas intrigas. O Duque de Epernon apresenta-se no parlamento, e faz deferir a regencia á Rainha, cuja fraqueza e incapacidade a tornavam, por assim dizer, escrava dos pensamentos e vontade do Florentino Concini, Marquez de Ancre e depois Marechal de França, e especialmente de Leonor Galigai sua mulher. Foi portanto destruido o systema do ultimo reinado, e Sully deixou a côrte. Os tumultos e as desordens se accumulam rapidamente; o Principe de Condé subleva-se juntamente com outros Principes e Grandes; ajuntam-se os Estados geraes em 1614; o Parlamento fez varias representações contra a dissipação do thesouro de Henrique IV; nova rebelião do Principe de Condé, e sua prisão no Louvre em 1616; finalmente Concini, ou para melhor dizer sua mulher, muda então o ministerio, e faz com que seja nomeado secretario de Estado o Bispo de Luçon, Richelieu, que devia reinar um dia em nome de Luiz XIII.

Tinha Concini um inimigo perigoso no mancebo Luinez, cuja fortuna foi quasi tão digna de admiração como a sua, e chegou a alcançar o valimento do monarcha a ponto de persua-

dir-lhe que sacudisse o jugo de uma mãe absoluta. Concini foi preso e morto sob pretexto de resistencia, sua mulher condemnada á pena de fogo por feiticeira; e Maria de Medicis foi desterrada para Blois. Luinez enriqueceu-se com os despojos do Florentino, e chegou a ser Duque e Par, Marechal, Condestavel e Guarda-sellos. A Rainha conspira e foge; porém Richelieu, como homem habilidoso pôde manter a paz, e por este meio abriu novamente o caminho da fortuna. Os Huguenotes pretendem estabelecer uma republica; morre Luinez depois da ignominiosa expedição de Montauban; continua a guerra civil, e por fim logram os rebeldes a confirmação do Editto de Nantes, e outras muitas graças; o que era galardoar a rebellião ainda mais do que os serviços.

Voltam os tempos em que as dissensões religiosas recobram toda a sua atrocidade. A propria Hollanda era victima d'esta incomprehensivel mania, que perturbava o mundo christão havia treze seculos. Arminio e Gomar, dois theologos lentes em Leyde, tinham ateado em 1603 o fogo da discordia. Mauricio de Orange aproveita-se da disputa para perder o Ministro de Estado das Provincias-Unidas, Barneveldt. O famoso synodo de Dordrecht condemna em 1619 a doutrina de Arminio, e Barneveldt acaba a vida em um cadafalso com setenta annos de idade, depois de haver servido quarenta á Republica com o mais feliz successo. Os Hollandezes ao menos nas suas disputas theologicas não perderam de vista o interesse do seu commercio. A companhia das Indias

estendia os seus estabelecimentos; foi Batavia fundada na ilha de Java, e chegou a ser a Amsterdã da Asia.

Veremos em Allemanha atear-se em 1618 uma guerra de trinta annos por motivos religiosos, abrasar outros Estados da Europa, e minar os fundamentos da potencia Austriaca. Antes porém de esboçarmos os preliminares d'esta guerra fatal, para não confundir os objectos, formemos uma idéa do reinado de Jacques I em Inglaterra, Principe douto mas pedante, theologo mas obstinado, pacifico por fraqueza de genio, e entregue a validos indignos de valimento; e apesar d'isso muito cioso da autoridade absoluta, que considerava como direito da sua corôa. Educado na religião protestante, não era afeiçoado aos catholicos; e dizem que foram estes os que no terceiro anno do seu reinado urdiram aquella horrorosa conjuração da *polvora*, para fazer saltar a salla do parlamento com a familia real, os Pares e os Communs. Dois jesuitas, Garnet e Oldecorne, foram accusados de os ter persuadido para este crime no tribunal da penitencia.

Debalde intenta Jacques sugear ao *Episcopado* os Presbyterianos da Escossia; os Puritanos de Inglaterra, animados do mesmo espirito de independencia, chegaram a ser no seguinte reinado os destruidores da corôa. A imprudencia do Rei abriu caminho para esta fatal revolução. Á força de insistir a respeito das maximas do poder arbitrario, seguidas sem obstaculo pelos Tudors, fez nascer entre a nação as idéas republicanas. Não

tendo Jacques economia, o parlamento tirou d'isso vantagem para contestar-lhe certos direitos. Sommerset, seu valido e ministro, foi então expulso, e substituído por outro valido. O moço Villiers faz a mesma figura em Inglaterra que Luinez fez em França, chega a ser repentinamente Duque de Buckingham, Estribeiro-mór e Almirante. O Rei afim de ter dinheiro entrega aos Hollandezes as tres importantes praças de Brille, Flessingue e Rammekins, pela terça parte do que tinham custado á Rainha Isabel.

Tal era o governo de um Principe mais poderoso, e todavia muito mais fraco do que Isabel, quando se manifestaram em Allemanha as scenas sanguinolentas, que desassocegaram a Europa toda. Os protestantes do Imperio tinham-se unido novamente para manter as suas liberdades. Reclamavam contra os procedimentos do Conselho Aulico, e pretendiam que tudo fosse igual entre ambas as religiões. O Archiduque Mathias aproveitando estes tumultos, despojou a seu irmão Rodolfo II de todos os seus Estados, deixando-lhe tão sómente o vão titulo de Imperador. Rodolfo agitado de inquietações, desconfiando dos proprios parentes, morreu em 1612, entregue a todas as suspeitas e ás chimeras da astrologia. Foi Mathias eleito Imperador, e no seu reinado se manifestaram as dissensões pelos protestantes da Bohemia, que se sublevaram tomando a si o governo e expulsando os Jesuitas e os Realistas.

Os Estados da Silesia, da Moravia e os da propria Austria superior, se declararam a favor

dos Bohemios. Os Hollandezes e a União de Hallhes promettem soccorros; tudo prognosticava uma guerra atroz. Morreu Mathias de paixão, em 1619, antes de principiar a luta. Fernando II, seu primo e successor, foi eleito por influencia da França e da Hespanha; porém os Bohemios não o reconheceram por Imperador, e até o depuseram em Praga com o pretexto de ter violado os seus privilegios. Offerecem então a corôa da Bohemia ao eleitor Palatino Frederico V, chefe da liga protestante, e genro d'El-Rei de Inglaterra. Aceita Frederico imprudentemente a corôa, levado a seu pesar para o precipicio pelos conselhos de sua mulher. Perde Frederico em 1620 a batalha de Praga, e vê-se obrigado a fugir. Acommette Fernando no anno seguinte o Palatinado, e leva tudo a ferro e a fogo.

Tinha Jacques I de Inglaterra convocado o parlamento, não com intento de declarar a guerra, mas afim de obter subsidios, como se estivesse bem resolvido a declara-la. Obtendo os subsidios, passou pelo desgosto de vêr acommettida a sua prerogativa na pessoa do seu chanceller, Francisco Bacon, tão famoso em litteratura, o qual foi accusado, condemnado e multado pelos Commons. Privado o infeliz Frederico dos auxilios de seu sogro, foi inteiramente sacrificado á vingança do Imperador, que conferiu ao Duque de Baviera o Eleitorado do Palatino. Tudo se rendia ás armas do Conde de Tilli, Flamengo, e General da liga Catholica. As muitas victorias, que elle alcançara contra os protestantes divididos, eram

outros tantos triumphos para o poder Imperial. Se um genio tal como o de Richelieu, não governasse a França, era de recear que a casa de Austria realisasse os antigos projectos de Carlos V. Antes de fallar do seu ministerio, vejamos o que passa na Hespanha.

Um Monarcha frouxo, indolente e governado por validos: um ministro igualmente incapaz e igualmente governado: taes eram Felippe III, Rei de Hespanha, e o Duque de Lerma. Em um governo cobarde e cego não se extinguiu comtudo a ambição. O Duque de Ossuna, Vice-Rei de Napoles, e o Marquez de Bedmar, embaixador em Veneza, emprehenderam subjugar os Venezianos, e com elles o resto da Italia. Sem approvação da sua côrte formaram uma famosa conjuração, por meio da qual esperavam apoderar-se de Veneza. A vigilancia do Senado descobriu em 1618 tão extraordinaria conspiração. A maior parte dos conjurados foram afogados occultamente. Bodmar fugiu e foi mandado para Flandres, onde foi ministro dos Archiduques, e depois Cardeal. O Duque de Ossuna ficou Vice-Rei de Napoles, por ter feito grandes serviços contra os Turcos, os quaes faziam continuos desembarques na Sicilia, donde tinham levado em menos de trinta annos mais de trescentos mil escravos.

A Hespanha, muito mais despovoada pelas causas destructivas, que havemos mencionado, via-se tão falta de lavradores, que Felippe III publicou em 1620 um alvará concedendo certas honras de nobresa, e isenção do serviço militar, a todos

aqueles que se dessem á agricultura; mas os Hespanhóes preferiram antes permanecer na sua indolencia e miseria. Outros meios teria achado um bom governo para reanimar a mais importante de todas as artes. Felippe III morreu em 1621, tendo recommendado a Felippe IV, seu filho, de deseseis annos de idade, que não mudasse de ministerio. Tudo porém mudou logo de face: Gusmão, Conde e depois Duque de Olivares, chegou a ser arbitro do reino; e ainda que era moço e valido, ao menos se distinguia em talentos politicos. A Ordenação de 1624, em que se observam medidas para cortar muitos males e abusos, prova, quando menos, que o Duque de Olivares procurava remedia-los.

Não ha cousa mais estranha do que vêr uma grande monarchia na posse do ouro do novo mundo, redusida á necessidade de leis sumptuarias. O essencial era sem duvida povoar novamente a Hespanha, e reanimar a agricultura; mas a isto oppunha-se a Inquisição; e ella que tinha despovoado a Peninsula, não lhe havia de restituir os braços que lhe tinha roubado. Demais d'isso tinham concebido os Hespanhóes grande desprezo pelo arado, pelas artes e officios; as suas riquezas eram consequentemente para os estrangeiros, que os alimentavam, vestiam, &c. O despotismo opprimindo um povo antigamente livre, tinha extincto a sua actividade, e enervado todas as suas virtudes. Finalmente a Hollanda, que nenhuma figura fazia antes de sacudir o jugo, zombava das frotas hespanholas; e Felippe IV

falsificou a moeda para pagar as suas dividas. Julguemos agora o que se devia preferir, se possuir a America ou cultivar a Hespanha: se publicar leis sumptuarias ou reformar os vicios do governo.

CAPITULO XLIX.

Ministerio do Cardeal de Richelieu. Continuação da guerra dos trinta annos. Fernando II. Gustavo Adolfo. Wallenstein. O Duque de Saxonia Weimar. Felipe IV. D. João IV. Fim do reinado de Luiz XIII. Morte de Richelieu. Estado da Inglaterra. Execução de Carlos I (*).

Novo systema de politica se offerece, que mudará a face da Europa. Um engenho poderoso dominará a frouxidão do Monarcha da França, subjugando a audacia dos Calvinistas e a sediciosa ambição dos grandes; fará correr rios de sangue, governará com sceptro de ferro, mas será tão temido como admirado. Aspirava Richelieu ao governo, havia muitos annos. Envolto na desgraça de Concini, tinha tomado a mascara da indifferença; porém respeitando e conservando a paz da Rainha com Luiz XIII em 1619, tinha

(*) Do anno de 1625 até o principio do reinado de Luiz XIV.

alcançado o barrete de Cardeal. Apesar da repugnancia do Rei, Maria de Medicis fê-lo entrar no conselho; todavia só em 1629 é que veiu a ter toda a preponderancia como primeiro ministro. Richelieu começou a desenvolver grandes idéas politicas; abraçou novamente o plano de Henrique IV para limitar o poder da casa de Austria, que Fernando II cada vez constituia mais tremenda; negociou-se com as côrtes, e dispuseram-se grandes empresas. Um bom systema de economia poderia ter segurado a sua execução; mas Richelieu inteiramente dado ao luxo e ao fausto, não tinha n'essa parte a previsão de Sully.

Jacques I deixou-se levar da politica de Richelieu. Concede-se ao Principe de Galles a Princesa Henriqueta, irmã de Luiz XIII, e aqui temos a Inglaterra inimiga da casa d'Austria; muito mais porque Jacques tinha todo o empenho de restabelecer o Eleitor Palatino, seu genro. Entretanto morre este Monarcha em 1625 em meio dos pesares, que lhe causavam os movimentos intestinos contra a sua prerogativa. Carlos I herdou o throno e os mesmos principios de seu pai; entregue como elle aos conselhos de Buckingham, continuaram os tumultos que por fim o levaram ao cadafalso. — Richelieu começa a importancia do seu governo pela guerra de Valtelina, que acabou com uma energia assombrosa; em 1621 fez alliança com a Hollanda, e não o permittindo ainda as circumstancias para obrar de outro modo, fez concessões vantajosas aos

Huguenotes, depois de os expulsar da Ilha de Rhé. Nada o intimida nem irrita; ultrajado por seus inimigos, oppõe-lhes o mais decidido desprezo.

O odio de Gastão, Duque de Orléans e irmão do Rei, não cessava de o perseguir; mas Richelieu não só desbaratava as intrigas como as conspirações. Buckingham em 1627 arma a Inglaterra contra a França com o pretexto de proteger os Huguenotes; mas na primeira campanha mostra a sua incapacidade, e o Cardeal executa então uma das mais gloriosas empresas do seu ministerio, fazendo render-se a Rochella depois de um sitio de onze mezes. Terminou-se a guerra de religião no seguinte anno de 1629. Na campanha de Mantua faz-se o ministro distinguir por seus talentos militares; basta dizer que nos fins do anno de 1630 os Estados de Mantua foram evacuados pelos Imperiaes, que se tinham apoderado d'elles. Conspiram contra o seu poder as duas Rainhas, e elle desfaz a tempestade vingando-se da Rainha mãe, e do Marechal de Marillac, que fez julgar e executar; assim como ao valeroso Montmorency, por haver tomado parte na rebelião do Duque de Orléans. Ao mesmo tempo que se faziam essas horriveis execuções, fomentava Richelieu a guerra da Allemanha, que seguiremos nos seus progressos.

Seguia Fernando os passos de Carlos V, accomettendo abertamente a liberdade Germanica; o seu despotismo se tinha tornado detestavel. Christiano IV, Rei de Dinamarca, defendeu alguns annos a causa do infeliz Frederico. O celebre

Mansfeld tinha-se consagrado ao serviço de Christiano; porém Tilli e Wallenstein, Generaes de Fernando, além dos mais raros talentos militares, possuíam forças mui superiores. O Rei de Dinamarca vendo os inimigos nos seus Estados fez a paz. Desfecha então Fernando o grande golpe contra os protestantes; mas este acto inspirou grandes temores, e os Estados se reuniram novamente contra o oppressor. A Dieta Eleitoral reunida em Ratisbona pediu a demissão de Wallenstein, e a reforma de deseseis mil soldados do exercito imperial, sem o que nada concederia; todavia o edicto de *restituição* foi apesar d'isso rigorosamente executado. O Imperador não cedia a cousa alguma; mas era chegado o tempo em que a liberdade germanica havia de ter um vingador em Gustavo Adolfo.

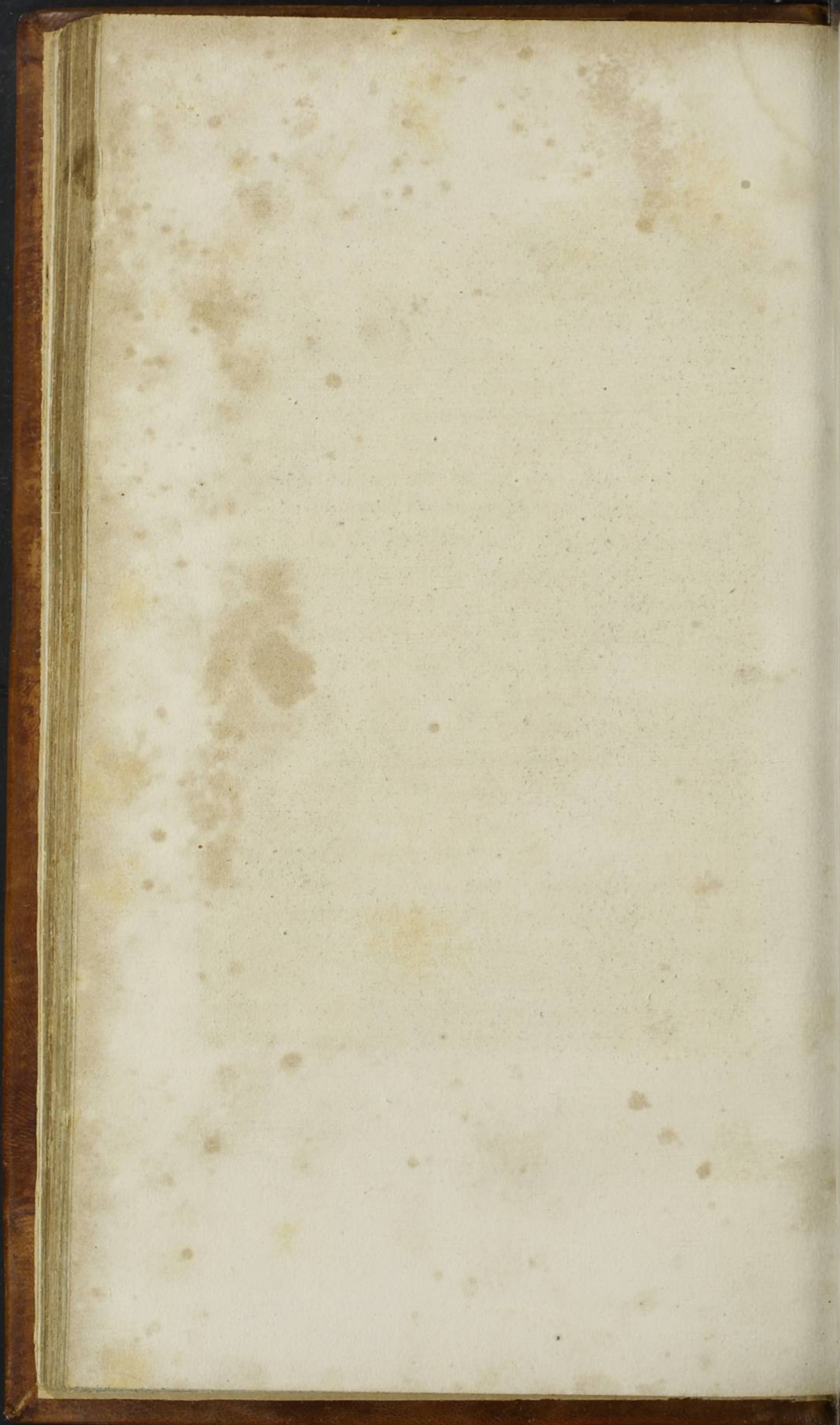
Depois de Gustavo Wasa quasi nada se vê no Norte que interessante seja. Nem as guerras dos Dinamarquezes, Suecos, Polacos e Moscovitas, uns contra os outros: nem as revoluções succedidas n'este paiz, onde a corôa passava de mão em mão á satisfação dos mais poderosos, pertencem ao systema geral da Europa. Vejamos em poucas palavras os feitos mais importantes e manifestos. Perdeu Erico, filho de Gustavo Wasa, a corôa e a liberdade por uma sentença dos Estados da Suecia. Seu irmão João foi chamado em seu lugar, e morreu em 1592. Sigismundo, filho de João, eleito Rei da Polonia, uniu a esta corôa a de seu pai; e como era Catholico exaltado, fez-se odioso aos Suecos, de maneira que foi

deposto por elles, e succedeu-lhe seu tio Carlo IX. Os Polacos combateram sem fructo a favor de Sigismundo, e Carlos reinou até a sua morte. Foi seu successor, o famoso Gustavo Adolfo, seu filho, que começou a reinar em 1611. Ao mesmo tempo a Russia achava-se abrasada pela guerra civil. O Czar Theodoro, que tinha feito matar seu irmão Demetrio, foi envenenado por seu cunhado Borris, que alcançou a corôa. A Russia, inteiramente barbara, só offerencia então os espectaculos horrorosos, a que as nações polidas davam pouca attenção.

Mas o joven Gustavo Adolfo já se mostrava digno das attenções da Europa. Apenas subiu ao throno fez-se tremendo aos Dinamarquezes, e conquistou a Finlandia aos Russos. Tratando-o Sigismundo de usurpador, entrou pela Prussia, Livonia e Lithuania, e depois de concluir uma tregoa com o Rei de Polonia, poz-se em estado de voltar as armas contra Fernando II. A sua politica igualava felizmente com o seu valor: concluiu alianças por toda a parte, e fez um tratado com a França, pelo qual lhe promettiam um subsidio de um milhão e dusesentas mil libras para entreter um exercito de trinta mil homens, e guerrear o Imperio. Tendo-se assenhoreado das ilhas de Ruden e Rugen de Pomerania, toma Francfort de assalto, assegura-se do Brandeburgo por meio de um tratado: acomette Tilli á vista de Leipsick, e alcança uma victoria contra os Saxonios. Tres mezes depois d'esta batalha, a Franconia, a Suabia, o Rheno superior e o pro-



G. ADOLFO



prio Palatinado estavam dependentes do vencedor.

Unem-se finalmente os protestantes ao Rei da Suecia, e abre este a segunda campanha em 1632. O Conde de Tilli morreu defendendo a passagem do Lech. Wallenstein une-se com o exercito de Baviera e rechaa Gustavo Adolfo, o qual liberta a Bohemia, dá sobre a Saxonia, toma Leipsick, vóa a soccorrer o Eleitor, e morre na batalha de Lutzen junto a Leipsick, ou por traição como se disse, ou ás mãos do inimigo. O Duque Bernardo de Saxonia Weimar, occultando a sua morte, alcançou uma victoria completa contra Wallenstein. Assim acabou este grande homem, que fazia a guerra conforme a doutrina de Grocio, de que era muito afeiçoado. Succedeu-lhe no throno de Suecia sua filha Christina, de idade de seis annos, e o Chanceller Oxenstiern foi o arbitro do governo. O Imperio nem por isso obteve grande vantagem; descontente Fernando do altivo Wallenstein, depô-lo por segunda vez. Conspira Wallenstein, ou assim o fazem accreditar seus inimigos, e o Imperador manda assassina-lo em Egra, e dá o mando ao Archiduque Fernando, eleito Rei de Hungria e de Bohemia.

Os Suecos são derrotados em Nordelingue; manda-lhes Richelieu algumas tropas, do que fazem os catholicos um grande crime ao Cardeal. N'esta conjunctura celebra o Eleitor de Saxonia com o Imperador o tratado de Praga (1635), no qual entraram tambem os protestantes depois de grandes queixas. A França cede a Alsacia a

Weimar, e dá-lhe tropas e dinheiro afim de atrahi-lo á sua liga, poisque a Suecia e a França estavam redusidas a seus proprios meios. O Cardeal de Richelieu abraça então o partido de uma guerra manifesta contra a casa de Austria. A Hespanha, abatida pela Hollanda, succumbia aos esforços d'esta pequena republica, cujas frotas lhe tinham tomado varias provincias do Brasil, e as melhores conquistas dos Portuguezes nas Indias Orientaes. Richelieu trata com os Hollandezes, e declara a guerra á Hespanha; porém baldado de meios, os exercitos de Flandres e da Allemanha consumiram-se por falta de viveres e de outros soccorros.

A segunda campanha ainda foi mais deploravel para a França (1636). O Cardeal Infante, acompanhado do Duque de Lorena e do celebre João de Werth, entra pela Picardia, passa o Somma, apodera-se de Corbie, e faz tremer Pariz; os Hespanhóes assolam a Borgonha, e entram na Guiena. Conjura entretanto Richelieu a conspiração do Duque de Orléans contra elle, e as intrigas do padre Caussino, confessor de Luiz XIII, ao qual fez desterrar. Continuava assim mesmo a guerra apesar dos esforços de Urbano VIII para reconciliar as potencias. Mais outra campanha desgraçada para os Francezes, em que perdem a Valtelina, e o Principe de Condé é mal succedido no sitio de Fontarabia. Morre Fernando II em 1637; succedeu-lhe seu filho Fernando III, a quem nem a França, nem a Suecia quizeram reconhecer. Bannier ganha com os Sue-

cos a batalha de Wistock, mas Weimar perdeu outra, na qual o Duque de Rohan morreu ao seu lado: todavia em 1638 conseguiu a victoria de Rheinfeld, em que quatro generaes caíram em seu poder, e morreu no anno seguinte, todo occupado dos seus projectos.

As vantagens dos Hespanhóes foram bem depressa compensadas por novas desgraças; a grande frota preparada contra a Suecia foi destruida pelo celebre almirante hollandez Tromp, cujo nome é immortal. A Catalunha, vexada pelas extorsões do Conde Duque de Olivares, sublevou-se, e por fim entregou-se á França em 1641, não podendo constituir-se em republica como pretendia. A revolução de Portugal é muito mais extraordinaria. Sentidos os Portuguezes de suas perdas, humilhados e opprimidos com o jugo da Hespanha, cuidavam, ha muito, em quebrar os ferros que arrastavam. Tres annos havia, que se tramava uma conspiração impenetravel a favor do Duque de Bragança. Repentinamente executam os conjurados o seu intento (1.º de Dezembro de 1640); e só sacrificam uma vida, que foi a de Vasconcellos, secretario da governadora Duquesa de Mantua. D. João IV excitado por sua mulher, deixou-se acclamar, sem que lhe custasse este acto de civica devoção portugueza o menor sacrificio de sua parte. Os Hespanhóes desapareceram, e Portugal achou-se independente. Esta revolução é unica no seu genero.

Os Napolitanos animados com estes exemplos cuidaram tambem em rebellar-se; mas sendo

descoberta a conspiração, não teve effeito. A França por outra parte restabelecia a gloria das suas armas: tres marechaes de França tomaram Arras, praça que um antigo proverbio dava por inconquistavel. Pouco faltou para o Imperador perder tambem a propria capital. O exercito francez e sueco, augmentado em Allemanha com as tropas de Esse, Brunswick e Luneburgo, adiantou-se para a sitiar; não podia Vienna deixar de succumbir; porém as sabias manobras do General Picolomini frustraram esta empresa. Fizeram-se varias proposições de paz, que Richelieu illudia sempre porque fazia-lhe conta a guerra, até que se entabolaram os preliminares da paz geral, assignados em Hamburgo. Estes preliminares, que deveriam servir para o tratado de Westphalia, foram interrompidos durante alguns annos mais por crueis devastações. Morto Bannier em 1641, succedeu-lhe no mando o General Succo Torstenson, que obteve os maiores e mais felizes successos desde a sua primeira campanha em 1642.

Chegamos ao termo do reinado de Luiz XIII, ou, para melhor dizer, do seu ministro. O Cardeal de Richelieu, tão temido, como abominado, exaltando o esplendor da corôa no exterior, desprezava as queixas da nação, e augmentava o numero dos sediciosos. O Rei não podia passar sem um valido a quem confiar as suas magoas; o ministro tinha conseguido alcançar o valimento para Cinq-Mars, filho do Marechal de Effiat; porém o valido, invejoso da autoridade de seu bemfeitor,

resolveu a sua perdição. Estava a ruina de Richelieu resolvida, quando tudo se muda á sua satisfação. Cinq-Mars foi preso, processado e executado com De Thou, seu confidente, filho do celebre historiador. Morreu finalmente Richelieu com cincoenta e sete annos de idade; Luiz XIII expirou no anno seguinte de 1643; e Maria de Medicis, sua mãe, tinha morrido, havia pouco tempo em Colonia, desterrada e miseravel. « O Cardeal » de Richelieu, diz Voltaire, foi talvez o mais infeliz dos tres, por ser o mais aborrecido, e porque não gosando boa saude tinha de sustentar com suas proprias mãos, tintas em sangue, um peso immenso. »

Vejamos entretanto o que passa em Inglaterra; e posto que o reinado do infeliz Carlos I pouca importancia tenha nos negocios da Europa, é esta uma das principaes epochas d'aquelle paiz. Já dissemos que as pretensões de Carlos, herdeiro das idéas de seu pai, para ampliar o que elle chamava sua prerogativa, tinha dado azo ás reacções do Parlamento; a sua mania de theologo tambem influiu muito para a sua desgraça, querendo impôr o Episcopado aos Presbyterianos da Escossia e aos puritanos de Inglaterra. Irritado muitas vezes pela opposição dos Communs, lançava-se em procedimentos violentos, mas sustentados com frouxidão. Sai da camara baixa o famoso auto da *petição de direito*, tão fatal para a prerogativa. As imposições ordenadas pelo Rei eram sustadas pela camara, o que deu logar ao celebre processo de Hambden, que serviu de

grande lição para se lutar contra a corôa. Apesar de todas estas sementes de discordias, poderia Carlos ter enfreado os seus vassallos dependentes, se não tivera irritado o fanatismo.

Os Escossezes são os primeiros que se unem para a conservação da sua seita (1638). Esta liga, chamada a *Convenção* (*covenant*), excede a todas as outras da mesma natureza por causa do furor que a caracteriza. Declara Carlos a guerra aos Escossezes, convoca o Parlamento, e dissolve-o depois. Já tinha dissolvido quatro Parlamntos; o quinto dictou-lhe a lei, a que teve de sujeitar-se, porque já não tinha autoridade nem força; tanto que sacrifica seu ministro, o Conde de Straford, abandonando-o aos sediciosos. O Parlamento torna-se poderosissimo, despede e recompensa o exercito da Escossia; ao mesmo tempo que os catholicos Irlandezes se sublevam, e matam quarenta mil protestantes. Pede o Rei soccorros ao Parlamento contra estes sediciosos; e quando se preparava para castiga-los, accusam-no de autor da rebellião. Os puritanos redobram as suas injuriosas declamações, e os Communs publicam um manifesto *do estado do reino*, que não era mais do que uma satira violenta contra todo o procedimento de Carlos I.

O mesmo Rei vai em pessoa accusar cinco membros do Parlamento, e é insultado pelo povo. O Parlamento prepara-se para a guerra civil, e dispõe dos postos militares; varios manifestos annunciam o principio das hostilidades.

O Rei porta-se com muita moderação, porém o infortunio deu-lhe coragem e realçou a sua constancia. As primeiras hostilidades são todas em vantagem do Rei, mas desgraçadamente perdeu a batalha de Newbury, em que morreu o seu ministro o Visconde de Falkland, varão de grande saber e talentos, e cuja perda foi irreparavel. Declaram-se então a favor do Parlamento os fanaticos Escossezes, e o Rei é obrigado a fazer uma tregoa com a Irlanda; o que deu ainda mais motivo para novas accusações. Carlos convoca o Parlamento para Oxford, composto dos membros que eram a seu favor; porém o que estava reunido em Westminster, posto que declarado nullo, augmentava continuamente o seu poder, e constituia-se por esta fórma omnipotente.

Começava a fazer n'este Parlamento uma grande figura Oliveiro Cromwel, homem perigosissimo, que se distinguia entre os da seita dos *independentes*, confundida com a multidão dos puritanos, a quem no fanatismo e audacia excedia tanto, como os *dezeseis* á grande liga de França. Era Cromwel a um tempo fanatico e hypocrita, intrepido e astuto, capaz de fingir-se propheta, de mandar um exercito, governar um Estado, principal autor da victoria de Marston, alcançada contra o Principe Roberto. Fairfax, nomeado general do exercito rebelde, pede licença para empregar a Cromwel, que desde logo o sujeitou a uma disciplina mais austera. O Principe Roberto, cujo valor impetuoso tinha já commettido

varios erros, moveu o Rei a combater sem esperar soccorros, e os rebeldes alcançaram em Naseby, para a parte de Oxford, uma victoria decisiva. Toda a bagagem e o cofre do Rei caíram entre as mãos dos mesmos rebeldes.

Depois da batalha de Naseby experimenta Carlos I successivamente todo o genero de infellicidades. Entrega-se aos Escossezes, que o vendem ao Parlamento de Inglaterra por quatrocentas mil libras esterlinas; venda infame á vista da qual nenhum genero de horrores deve admirar. Entretanto o exercito livra o Rei, e supplanta o Parlamento; manifesta-se porém em meio do exercito a sedição dos *Levellers* (*Niveladores*), que se sublevam contra os officiaes, porque o Espirito Santo estabelece, diziam elles, uma igualdade perfeita entre os *eleitos*. Mas tendo Cromwel com seu engenho e vigor domado estes fanaticos, medita o ultimo attentado contra a Magestade Real. Fugindo Carlos para a ilha de Wight, e sendo indignamente preso pelo Governador, intenta submetter-se ao Parlamento, e faz as mais humildes propostas, as quaes ainda assim não applacam a estes rebeldes; o frenesi do Parlamento a nada cede.

Ao mesmo tempo que se haviam entabolado estas negociações, os Escossezes arrependidos do seu infame procedimento, armaram-se para defender o Rei; porém Cromwel marchou contra a Escossia, e foi submettendo tudo ás suas armas, de maneira que os realistas foram batidos e dissipados em pouco tempo. O Rei foi trasladado

da ilha de Wight para uma fortaleza, e d'alli para Windsor, onde devia ser julgado; porém para isto foi mister expellir do Parlamento todos os membros, que não eram *independentes*, o que se verificou com a exclusão de mais de cento e dezeseis por suspeitos a esta seita exaltada. A camara dos Communs, que se compunha d'esta especie de gente, declara o Rei criminoso de alta traição por ter declarado guerra ao Parlamento, e fórma um tribunal de justiça com o poder de o sentenciar. Reprovando os Pares este horroroso Bill, declara então a camara baixa, que toda a autoridade emana do povo ou reside n'elle, e por conseguinte que os Communs, eleitos pelo povo, tem a suprema autoridade.

Vê-se Carlos I em 1649 conduzido pelo Coronel Harrison, filho de um carniceiro, perante este tribunal de malvados, ao qual não quiz responder, protestando não reconhecer juizes entre seus vassallos. Carlos é condemnado e executado, apesar dos esforços e sollicitações da Escossia, da França e da Hollanda, e sem respeito a todos os direitos da sociedade politica. Este reinado é uma grande lição assim para os Principes como para os povos. Referirei as suas consequencias quando tratar da epocha de Luiz XIV. Entretanto se as coincidencias de alguns factos podem servir de guia no juizo que devamos fazer da historia, este acontecimento servirá de regra em iguaes circumstancias, quando tivermos de fallar de epochas bem semelhantes.

Se antecipei alguns annos a epocha de Luiz XIV, para acabar a descripção do reinado de Carlos I, é isto menor inconveniente do que teria sido a interrupção de uma narração, em que todas as circumstancias estão intimamente ligadas.

CAPITULO L.

Observações acerca dos governos e dos costumes. A Religião e a Igreja. As Sciencias e a Litteratura.

Grande objecto de curiosidade é subir até a origem dos governos, seguir as suas variações e progressos, ver povos pequenos e miseraveis chegarem a ser felizes e opulentas republicas, povos numerosos e guerreiros obedecerem pacificamente ás leis de um monarcha; mudarem as fórmãs dos governos assim como os costumes dos povos, modificarem-se as antigas leis debaixo do influxo da civilisação, sendo certo que as infelicidades das nações procediam até a epocha que nos occupa, de uma anarchia sem freio ou de uma aristocracia tyrannica. Os Francos, povos barbaros, foram os primeiros que fundaram uma monarchia na França; porém alli como em toda a parte, a repartição das terras conquistadas creou esses titulos de dominio terri-

torial, que mais tarde constituiu o poder mais despotico que jámais existiu; isto é, a tyrannia feudal, da qual dependiam as corôas, porque estas possessões obrigavam ao serviço militar sem soldo, não se conhecendo ainda n'aquelles tempos especie alguma de tropas permanentes.

É verdade que havia juntas nacionaes, porém estas só decidiam da guerra ou da paz; a justiça residia nas mãos dos chefes guerreiros, que a tinham reduzido ao direito do mais forte. Os duelos e as *provas* insensatas resolviam quasi todas as desavenças. O christianismo dos Francos consistia na mudança do culto, servindo-lhes tão sómente de praticas supersticiosas, que se confundiam com o paganismo. Os governos não tinham regras nem principios; foi Carlos Magno o primeiro que fundou o poder da realesa; porém a sua ambição não lhe deixou estabelecer o melhor systema de governo. Por outra parte o clero e a nobreza feudal eram outros grandes inconvenientes, porque uns e outros aspiravam ao dominio temporal por differentes meios, ainda que de accordo nos fins; isto é, pretendiam o poder: o primeiro, pelo fanatismo e superstição, derramados entre os povos ignorantes; e os segundos, pela espada e pelas violencias, tornando-se todos independentes. O clero armado de falsas decretaes transtorna as leis estabelecidas, estende a sua jurisdicção a tudo, isenta-se da jurisdicção dos tribunaes, e dispõe da propria corôa em nome de Deus, que lhe manda obedecer aos Principes. A aristocracia

feudal, ou para melhor dizer a anarchia armada e reduzida a systema, aniquilla toda administração legal, usurpando as funcções da realeza.

No tempo do governo feudal o estado da sociedade era um estado de guerra. A mania das cruzadas muito concorreu para aliviar as nações d'esse peso insupportavel, fazendo com que os cavalleiros vendessem as suas terras, e fossem exhalar na Asia aquelle genio turbulento e marcial, que os fazia tão perigosos no centro dos Estados. Crearam-se então as communiidades municipaes, governadas por seus proprios magistrados, e d'alli partiu o progresso da justiça real, que substituiu as justiças senhoreaes. O direito Romano acabou de aperfeçoar as idéas sobre este ponto, e de firmar a autoridade dos Reis. O sentimento de liberdade, que animou as municipalidades, encaminhou-se a contrabalançar mais o poder dos grandes. O povo, que antigamente era escravo e embrutecido, chegou a ser cidadão. Com o direito civil foi diminuindo o poder ecclesiastico, porque até aquella epocha era o direito canonico a unica legislação organizada. Esta nova ordem de cousas produziu outro inconveniente, que foi o poder absoluto dos Reis; porém ainda assim era este mal menor do que os flagellos da anarchia.

Porém a tyrannia traz consigo a liberdade; opprimidos os povos, armaram-se contra os seus tyrannos; felizes aquelles cujas boas leis cimentaram o governo, e evitaram todas as causas de dissolução. O exemplo mais notavel d'estas reac-

ções contra o poder absoluto foi a da liga helvética, porque nenhum outro povo conservou por tanto tempo a pureza e simplicidade de seus costumes. Leis simples e justas executam-se sem violencia, e os costumes são a força principal das leis. Não teve a republica da Hollanda constituição tão forte como a dos Suissos. É verdade que mostrou no principio as mesmas virtudes e o mesmo valer; porém as suas vastas conquistas, e os thesouros, que d'ellas extrahira, não podiam deixar de mudar os seus costumes, e com elles os seus principios. Como se poderia casar o espirito de ambição e de riquezas com as antigas virtudes republicanas? Um dos vicios do seu governo foi a authoridade do Stathouder, além de outros de que falla Grocio, que teriam destruido a republica no seu começo, se não fôra o odio de que era animada contra a dominação Hespanhola.

Vejamos agora Genova, rica e sem forças, sujeita a uma cruel aristocracia, fluctuando á discrição das sedições, e sempre ameaçada de um jugo estrangeiro. Consideremos Veneza, tranquilla interiormente pelo terror que infundia o seu governo; devedora porém d'esta tranquillidade, assim a uma depravação de costumes como aos principios invariaveis de suas instituições; despojada d'aquelle grande commercio, que era a base do seu poder; exposta ás emprezas de seus visinhos, e desconfiando de seus proprios membros. Vejamos a Polonia, entregue por meio de suas proprias leis á anarchia, e

tão infeliz, que o voto de um insensato podia nas suas dietas destruir tudo quanto os sabios prudentes podessem imaginar de util e proveitoso. Esta mesma Hollanda, enfim, enervada pelas suas riquezas, assim como pelas suas conquistas; muito menos livre no seu dominio, e respeitada exteriormente, do que nos tempos da guerra da independencia. Este exame nos convencerá de que, para formar uma verdadeira republica, é necessario um povo guerreiro, mas pobre, solitario, virtuoso, e defendido pelas suas fronteiras e costumes, cuja ambição unica seja gosar da sua liberdade, leis e governo; um povo similhante aos Suissos do seculo xv.

Entre os costumes e os governos ha uma influencia reciproca, e vê-se mudar por toda a parte mais ou menos a ordem politica com a ordem moral. As cruzadas deram principio a uma revolução nos costumes. Não só os Gregos, mas tambem os mesmos Arabes, offereceram aos cruzados o espectaculo de costumes menos grosseiros, e de uma sociedade mais docil e mais pacifica. Viram elles em Constantinopla os soberbos monumentos das artes; o commercio descobriu aos Italianos e Flamengos um manancial de opulencia, e os homens de diversos paizes conheceram-se mutuamente, communicaram uns aos outros varias noções, e aprenderam a tratar-se com urbanidade. A cavallaria usada pelos Sarracenos da Hespanha, chegou a ser um principio utilissimo para a sociedade, até nos proprios horrores da guerra; porque

dedicava-se a defender os fracos, unir a honra à generosidade, e a desejar a estima de seus inimigos. Um dos grandes moveis da cavallaria era o amor, assim como o galanteio inspirado pelos poetas.

Esta paixão, tantas vezes funesta, tinha alimentado o heroismo dos Espartanos, e tinha a mesma influencia entre os Celtas e antigos Germanos, povos que olhavam para as mulheres com olhos religiosos. A delicadesa e sensibilidade, as graças e insinuações das mulheres deviam necessariamente tornar a sociedade mais polida; quantas paixões porém, quantos enredos e inquietações não deviam ellas fomentar na mesma sociedade! Os costumes modificados pelas mulheres tiveram outros inconvenientes; caíram então os homens em uma horrorosa depravação; a sua origem procedia da Italia. As côrtes tornaram-se theatros de sensualidade, de luxo, de mollesa, de devassidão e de velhacaria. O fanatismo por outra parte mantinha a ferocidade dos antigos costumes; além de que a nobreza, geralmente fallando, desprezava o estudo, aborrecia o descanso, e não respirava senão combates e sangue por meio do arreigado uso dos duellos. Era pois necessaria uma nova revolução nos costumes, e isto é o que veremos na epocha de Luiz XIV.

Posto que as preocupações de religião conservassem o seu imperio, já se não vêem, depois da liga, aquelles violentos abalos, que a côrte de Roma causava aos maiores Estados. A razão

é porque de uma parte os Reis tinham firmado o seu poder, e por outra os Papas temiam, por experiencia, novas revoluções contra a Santa Sé. Já se contentavam tão sómente com augmentar o Estado, como Urbano VIII, reunindo ao dominio ecclesiastico Urbino, Montefeltro, Gubio, Pesaro e Sinigaglia. Tal é a sorte das preocupações religiosas, que não tem por fundamento a fé divina. O poder da côrte de Roma começa a declinar visivelmente, ainda que se interessasse na conservação das suas maximas, oppondo todos os obstaculos imaginaveis contra tudo quanto as podesse destruir. D'aqui procedeu aquelle *Index* dos livros prohibidos, no qual entraram obras admiraveis, até as traducções dos livros santos. Em logar dos grandes negocios começa Roma a occupar-se de titulos; se ella já não pôdia governar nem mandar, ao menos pretendia deslumbrar o orbe catholico com o brilho da sua côrte; e como ainda lhe sobrasse tempo, empregava-o em fazer bullas sobre a singular disputa entre os Capuchinhos e os outros Franciscanos.

Ridiculizando Erasmo os theologos do seu tempo, fazia serviço á religião, e dava uma prova da solidez do seu juizo. A theologia escolastica, a unica que então se conhecia, degradava a simplicidade da fé christã por uma linguagem barbara e por meio de tenebrosas futilidades; desfigurava os dogmas com extravagantes explicações, e afogava um pequeno numero de verdades santas em um oceano de

questões frívolas. As disputas dos protestantes com as armas da erudição e da crítica fizeram renascer melhores estudos; ainda assim perpetuou-se a pessima theologia escolastica, d'onde procederam funestas discordias e disputas violentas á cerca de objectos mui sagrados, como da *Immaculada Conceição*, a respeito da *Graça* e outros, que deram occasião ás doutrinas de Molina, de Henriques, de Miguel Baio, de Cornelio Jansenio, e de todos os seus discipulos e sectarios. Outra especie de theologia, posta em uso pelas ordens monasticas, e que chegou a ser nova origem de escandalos, porque logo se corrompeu, foi a *theologia moral*.

Socrates, Platão, Cicero, Seneca e outros muitos Estoicos, tinham tratado da moral como philosophos; os primeiros padres da igreja tinham-na tratado como verdadeiros pastores das almas, desenvolvendo as maximas do Evangelho; na renovação porém dos estudos os theologos trataram da moral como homens da Igreja, subtilizando, sophisticando e disputando a respeito de tudo. Multiplicaram-se os casuistas, e a relaxação foi o fructo da nova sciencia, como o assegura Fleury no seu oitavo discurso. Seguindo os factos historicos, e seguindo a natureza das cousas, vê-se que quasi todas as disputas religiosas saíram dos claustros. Estes vastos corpos, que mais pareciam pertencer a uma potencia estrangeira do que aos Estados que os mantinham, se multiplicavam em pasmosa progressão. O seculo xvi produziu os Theatinos, os Jesuitas,

os Padres do Oratorio, os Somascos, os Religiosos de S. Romualdo, Servitas, os Padres da doutrina, os Capuchinhos, os Recoletos, os Carmelitas calçados, os descalços, &c. O character, o regimen, as preocupações, a influencia e o credito dos religiosos, tudo concorria para renovar perpetuamente o incendio das disputas, em que se abrasou a Igreja do Occidente, como a do Oriente.

Para dissipar as trevas, sempre favoraveis ás desordens, era necessario que as sciencias produzissem a verdade. Porém a sciencia n'aquelle tempo era um contexto de delirios, erigidos em principios por certos homens, que d'elles recebiam por assim dizer a existencia. A philosophia não consistia senão em absurdos; era mister quebrar o jugo do pedantismo para abrir o caminho dos verdadeiros conhecimentos. No reinado de Jacques I de Inglaterra, Francisco Bacon mostrou os vicios dos methodos em voga, fez ver as futilidades das abstracções, e finalmente provou que tudo se ignorava; o que não era senão mostrar que tudo importava aprender. Algum tempo depois appareceu Descartes, Cavalleiro da Turena, que por meio de um ou dois principios claros destruiu o systema tenebroso das escolas; mas a sua imaginação muito viva foi a causa da sua perdição. Quiz formar um novo systema; explicou o mechanismo do Universo com turbilhões engenhosos, que a natureza desaprova, e formou finalmente uma seita, que ao menos inspirou o gosto de discorrer

claramente. O seu methodo dirigiu depois os observadores da natureza, e estes dissiparam as illusões cartesianas.

Gassendi, clérigo Provençal, mais circumspetto do que Descartes seu contemporaneo, empenhou-se em reformar o systema dos atomos de Epicuro; oppôz varias razões solidas ao plano absoluto da doutrina cartesiana; mas faltavam ainda as experiencias: havia necessidade de factos para obter a verdade; a intelligencia dirigia felizmente os seus esforços para esta parte. Um dos homens, a quem as sciencias devem principalmente os seus progressos, e a quem a ignorancia castigou mais, foi Galileu, filho bastardo de um nobre Florentino. O systema de Copernico, em que o movimento da terra á roda do sol explica tambem todos os phenomenos, merecia ter a Galileu por defensor. Quasi no fim do seculo xvi se tinha inventado o telescopio, ainda summamente imperfeito; Galileu teve d'elle noticia em 1609, e em breve tempo elevou-o a um ponto tal, que descobriu os montes da lua, os satellites de Jupiter, as phases de Venus, as manchas e o movimento de rotação do Sol. D'este modo foi confirmada a analogia entre a terra e os outros planetas, que só fechando os olhos á luz, deixava de ser quasi indubitavel o movimento do globo que habitamos.

Illuminar porém o genero humano era expôr-se a terriveis infelicidades. Não se atreveu Gassendi a combater Aristoteles senão com infinita cautela, como se houvesse alguma cousa de commum:

entre este philosopho e a Fé. Descartes refugiado na Hollanda, alli mesmo foi accusado de atheismo, apezar de ter publicado novas provas sobre a existencia de Deus. Galileu, denunciado em 1616, é obrigado a prometter que não defenderá mais o systema de Copernico; perseguido novamente, lavrou a inquisição o seguinte decreto, em 1633, digno certamente do seculo decimo: *Dizer que o sol está no centro, e sem movimento local, é uma proposição absurda e falsa na boa philosophia, e tambem heretica, sendo expressamente contraria á sagrada escriptura: Dizer que a terra não está collocada no centro do mundo, nem é immovel, mas que se move com um movimento ainda diurno, tambem é proposição falsa e absurda na boa philosophia, e pelo menos erronea na fé.* Condemnado o philosopho á prisão, foi obrigado a abjurar solemnemente estes absurdos e heresias; e morreu cego em 1642 com 78 annos de idade.

Torriceli, discipulo de Galileu, seguiu os passos de seu mestre, e foi o inventor do microscopio. Por meio do azougue em um tubo de vidro provou, que o peso do ar era a causa dos effeitos da bomba, e de tudo quanto as escolas attribuiam a não sei que *horror do vacuo*. O mesmo mostrou Pascal em breve tempo por novas experiencias. Não fallaremos dos trabalhos astronomicos de Tycho-Brahé e de Kepler, nem do novo methodo de algebra, inventado por Vieti no seculo xvi, e applicado com maior successo á geometria por Descartes; nem da circulação do sangue, descoberta por Harvey em In-

glaterra, &c., &c. O espirito humano tinha começado seu vôo; a emulação, a confiança, a curiosidade de uns e o engenho dos outros, foram aplanando as difficuldades. Todavia esta revolução necessitava de muito tempo e de muitos esforços; o pedantismo era ainda muito commum. Assim é que devemos ser mui gratos áquelles eruditos, que primeiro prepararam os materiaes para o edificio do bom gosto e da razão.

Breve chegará a França a ser no reinado de Luiz XIV a habitação mais brilhante das letras e das bellas artes. Depois de Tasso, fallecido em 1595, não se viam já na Italia d'essas obras consummadas, senão brincos de espirito. A Hespanha tambem degenerava, e o D. Quixote do celebre Cervantes não era senão uma satira completa do gosto da nação. O theatro em Inglaterra foi formado por Shakespeare no reinado de Jacques I; poeta muitas vezes jogral e rasteiro, mas sempre admirado pelos Ingлезes. O *Paraiso Perdido* de Milton não saiu á luz senão em 1667. O Cardeal de Richelieu animou a litteratura em França. A prosa franceza adquiriu elegancia debaixo da penna de Balsac e Voiture; Malherbe deu a conhecer os encantos da harmonia poetica. Pedro Corneille, depois de varias obras mediocres, deu á luz o *Cid*, com o qual todas as outras nações não tinham que comparar. Os Horacios, e principalmente *Cinna*, obra que saiu depois do *Cid*, constituiram a prova dos progressos da litteratura franceza.

Camões pertence ao seculo XVI; o seu poema dos *Lusiadas* é o colosso da litteratura moderna apesar de todos os seus defeitos, porque ainda não foi excedido nem imitado. Portugal não podia produzir muitos d'esses phenomenos, porque, como a Hespanha, vivia debaixo da influencia das idéas religiosas; ou para melhor dizer, sob o poder da *Santa* inquisição, que não era de certo o melhor incentivo para as sciencias nem para a litteratura; sem embargo no seculo XV foi quando mais floresceu a prosa portugueza, e que appareceram os escriptores que ainda hoje reputamos mestres da lingua. É para maravilhar que no tempo em que Descartes fulminava contra o *Peripatetismo*, a astrologia conservasse ainda o seu credito. Os processos de feiticaria eram muito communs e horrorosos; Urbano Grandier, que por desgraça tinha offendido o ministro, foi queimado vivo em 1634 por haver enfeiticado umas freiras. A Hespanha é talvez o paiz, onde mais se multiplicaram as provas de semelhante barbaridade, como nos diz o Doutor Llorente na sua celebre historia da Inquisição, &c.

Passaremos agora a descrever uma das epochas mais celebres da historia moderna, porque include infinitos objectos, e abraça um grande espaço de tempo: fallamos do reinado de Luiz XIV. Haverá uma completa mudança no estado de todos os povos; as luzes e as artes circulando de uma para outra região, não só produzirão novas idéas, mas tambem novos costumes; grandes revoluções tem de mudar os systemas poli-

ticos. No principio d'este reinado achava-se a Europa n'uma situação violenta, que prognosticava á França uma menoridade tumultuosa. A guerra ateadá pelo Cardeal de Richelieu contra a casa da Austria, ou para a enfraquecer, ou para se fazer necessario, continuava com o mesmo furor, apesar dos preliminares assignados em 1641. Felippe IV, Rei da Hespanha, lutava com os Hollandezes, Portuguezes e Francezes, unidos por communs interesses; e a Inglaterra agitada de horrorosos tumultos, devia em breve dirigir toda a sua actividade para augmentar o seu poder. N'este estado começa, como dissemos, uma das epochas mais memoraveis da historia moderna.

CAPITULO LI.

Epocha de Luiz XIV. Sua exaltação ao Throno. Regencia de Anna de Austria. O Cardeal Mazarino. Continuação da guerra dos trinta annos. Tratado de Westphalia em 1648. Cromwell. Christina. Tratado dos Pyreneos. Frederico III. Monk. Carlos II. Morte de Mazarino. Luiz XIV governando por si so. Colbert (*).

Quando Luiz XIV subiu ao throno, na idade de quatro annos e meio, achava-se a França, assim como os outros Estados, exposta a discordias intestinas, ao mesmo tempo que tinha de sustentar o peso de uma guerra viva, porfiada e prejudicial. O testamento de Luiz XIII dava um conselho de regencia para a Rainha Anna de Austria; mas o Parlamento annullou as ultimas vontades do Rei, e ella ficou com a regencia absoluta. O Cardeal Mazarino, Italiano

(*) Desde a exaltação de Luiz XIV em 1643 até o tratado de Breda em 1667.

flexivel e capaz, estabelecido havia algum tempo no reino, foi logo nomeado primeiro ministro; e em suas primeiras disposições parecia ter herdado o poder de Richelieu, seu bemfeitor. Não referirei todos os pormenores das expedições militares d'aquella epocha, porque as historias estão cheias d'essas relações, que nem por isso são mais uteis nem menos fastidiosas; limitar-me-hei portanto aos principaes acontecimentos que assignalaram aquella epocha de calamidades para toda a Europa, e de gloria para alguns homens.

Depois da morte de Richelieu, tinha eaido em desgraça o Conde Duque de Olivares, seu emulo e senhor absoluto na Hespanha. D. Luiz de Haro tinha chegado a ser primeiro ministro, e os Hespanhóes melhoraram na mudança. A menoridade de Luiz XIV lhes offerecia uma occasião de victorias, e o exercito dos Paizes Baixos entrou pela Champanha, e veiu sitiar Rocroi. Luiz, Duque de Enghien, filho do Principe de Condé, e depois herdeiro do mesmo titulo, derrotou os Hespanhóes em Rocroi, tomou depois Thionville, passou para a Allemanha, e ganhou a batalha de Friburgo em 1644. Philisburgo e Moguncia foram os fructos d'essa victoria. Derrotado Turenne em Mariendal, parte o grande Condé a reunir-se-lhe, e alcança terceira victoria em Nordlingue contra o General Merci, que morreu n'esta batalha em 1645. Prepara-se o Principe para tomar Dunkerque aos Hespanhóes (1646), e de lá é mandado para a Catalunha,

onde foi mal succedido no sitio de Lerida. Mas no seguinte anno (1648) restabeleceu o seu credito com a batalha de Lens em Artois, que venceu contra o Archiduque Leopoldo, irmão do Imperador.

Em Italia combatia-se tambem contra a Hespanha. Fez-se a guerra nas costas da Toscana, e o Papa Innocencio X, successor de Urbano VIII, teve de sujeitar-se a tudo quanto d'elle exigiu o Cardeal Mazarino. Felipe IV, naturalmente bom, opprimido com o peso da guerra, fez a paz com a Hollanda, a qual abandonou a França por sua propria utilidade. Sem embargo, uma sublevação geral em Napoles esteve a ponto de tirar este reino do poder hespanhol. O Duque de Guisa, chamado pelos sediciosos, foi abandonado pela França, e feito prisioneiro pelos mesmos que o tinham attrahido. Tudo socegou, quer na Sicilia, quer em Napoles. Entretanto tratava-se na Westphalia, desde 1644, para uma paz geral; em Munster tratava-se com os catholicos, e em Osnabruck com os protestantes. Varios interesses encontrádos demoravam a sua execução: o Imperador disputava o terreno; porém a campanha de 1648, fatal para os Imperiaes, obrigou Fernando III a sujeitar-se.

A extremidade em que o Imperador se achava, a paixão que a Rainha Christina tinha pelo estudo e bellas artes, tinham apressado a conclusão da paz; e Mazarino ameaçado com uma guerra civil se tornou mais tratavel. O tratado de Westphalia foi solemnemente assignado em Munster

aos 24 de Outubro de 1648. É a base de todos os tratados posteriores, ou do direito publico da Europa; é a lei fundamental do Imperio. Quem quizer consultar os seus principaes artigos recorra á substancia que d'elles dá Pffel, no Epitome chronologico da historia da Allemanha, obra clara e instructiva pelas considerações politicas que a acompanham. Este tratado tão essencial para a tranquillidade da Europa, o era ainda mais para a de Allemanha. A França e a Suecia ficaram por fiadores de todos os seus artigos. Innocencio X os annullou por uma bulla; mas n'aquelle tempo tinha já muito pouco poder a Santa Sé para influir na quebra de um tratado geral. Felippe IV tão pouco quiz fazer a paz, porque esperava tirar partido da guerra civil, que via atear-se em França.

Apesar do grande credito que o tratado de Westphalia devia fazer recair no ministerio de França, comtudo o odio contra Mazarino crescia no interior pela sua qualidade de estrangeiro, e pelo pessimo estado do thesouro publico. O povo subleva-se na capital; o Arcebispo coadjutor de Pariz, depois Cardeal de Retz, homem travesso e revoltoso, fez-se chefe da rebellião; que com quanto não passasse de uma farça, não deixou de ser ensanguentada; mas accommodou-se tudo em 1649. No anno seguinte renovaram-se os disturbios pela prisão do Principe de Condé, que foi causa do desterro de Mazarino em 1651. Seguindo o exemplo de Concini, volta Mazarino ao reino com um pequeno exercito.

Acaba Luiz XIV então a sua menoridade, e transfere o Parlamento para Pontoise. O Rei, sua mãe e o seu ministro andavam errantes pelas provincias; salva-os Turenne por sua habilidade. Consente Luiz XIV em apartar de si a Mazarino, e os Parisienses receberam-no então cheios de jubilo.

Aos tumultos da *Critica* (assim se chamava o partido contrario ao ministro) succedeu um socego tão grande, que Mazarino no principio de 1653 appareceu tranquillamente na côrte, recobrou toda a sua autoridade, foi cortejado por todos, e ainda pelo proprio Parlamento. Os Hespanhóes não deixaram de tirar proveito da guerra civil: o fructo das antigas victorias de Condé perdeu-se inteiramente. A rivalidade dos dois grandes capitães, Condé e Turenne, sustentava a guerra; a batalha das Dunas ganhada por Turenne contra o Principe de Condé e D. João de Austria, teve em resultado a tomada de Dunkerque pelos Inglezes, e varias praças pelos Francezes. Esta victoria decisiva obrigou então a Hespanha a tratar da paz. Antes porém de fallarmos dos tratados dos Pyreneos, descreveremos o dominio de Cromwell e a abdicção da famosa Christina, Rainha da Suecia, para não preterir factos tão importantes. Collocando-os n'este lugar, seguiremos a marcha natural de todos estes grandes acontecimentos.

Cromwell, ainda que bem nascido, era pobre e sem letras, rigorista e entusiasta; dotado de todos os talentos politicos e militares, especial-

mente do tino de conhecer os homens, communicar-lhes as suas paixões, e obriga-los a abraçar os seus intentos. Tinha sido desconhecido até a idade de quarenta e quatro annos, em que a cidade de Cambridge o nomeou seu deputado. Depois do supplicio de Carlos I, a camara baixa aboliu a camara dos Pares, e declarou que não havia mais monarchia. Os Irlandezes sustentavam a causa da realza, e Cromwell marchou contra elles e os subjugou. Carlos II, herdeiro do throno de seu pai, tinha-se lançado nos braços dos Escossezes. Marcha o exercito do Parlamento, commandado por Cromwell, contra Carlos, e ganha a batalha de Dumbard, que arruinou todos os seus projectos e esperanças. Sujeitos os Escossezes, volta Cromwell para Inglaterra, onde o Rei tinha reunido os seus amigos e afeiçoados; dobra então toda a sua actividade, dá sobre Carlos em Worcester, toma a praça, e faz uma horrorosa mortandade. — O Rei fugitivo logrou escapar-lhe, e partiu para França em 1651.

Depois d'estes successos viu-se Cromwell revestido do titulo de General, e senhor do exercito, em quem residia todo o poder. Em breve tempo a Republica Inglesa (que assim se chamou durante a dictadura de Cromwell) mostrou-se formidavel a seus visinhos. O famoso *Auto de Navegação*, que tanto contribuiu para a felicidade d'este povo, foi obra do dictador; assim como a guerra, que se seguiu com a Hollanda, da qual tirou todas as vantagens para si, e para o paiz que então governava como tyranno. Sabendo

que se tratava no Parlamento de coisas contrarias ás suas idéas, apresenta-se n'elle, e expulsa-o dos seus bancos, tratando a cada membro com os epithetos mais afrontosos. Convoca outro Parlamento, e tambem o dissolve. Então foi que o Conselho Militar lhe conferiu o titulo de *Protector* por toda a sua vida. Tiveram portanto os Inglezes um senhor mais tremendo do que os ultimos Reis. Quando outro Parlamento se reuniu, obrigou-o Cromwell a reconhecer o seu titulo e autoridade, e logo o despediu. Se o Protector opprimiu o Estado, ao menos fez com que os estranhos o respeitassem.

Os Inglezes tomam a ilha de Jamaica aos Hespanhóes, e no anno seguinte queima o Almirante Blake uma frota de Hespanha nas Canarias. Temos visto como o Protector adquiriu Dunkerque. Importa acrescentar que Luiz XIV, ou Mazarino, o lisongearam com baixeza, enviando-lhe o Duque de Crequi, sobrinho do Cardeal, para o comprimentar como *o maior homem do mundo*. Para assegurar o seu poder, desejava Cromwell legitima-lo por meio das leis, a que lhe dava esperanças uma administração tão gloriosa. Convocou em 1657 um parlamento escolhido á sua vontade, que declarou os Stuarts destituídos, propondo ao Protector o titulo de Rei; porém era elle muito avisado para deixar de o regeitar, como regeitou, contentando-se com o titulo que d'antes tinha, e que valia tanto ou mais que o de Rei. No meio de suas glorias vivia Cromwell consumido de cuidados e sobresaltos, que lhe

causaram uma doença mortal. Tendo nomeado successor na pessoa de seu filho primogenito, Ricardo, morreu em 1658, na idade de cincoenta e nove annos, no mesmo dia em que alcançara as victorias de Dumbar e de Worcester.

Sucedeu Ricardo Cromwell sem opposição a seu pai; mas não era dotado nem do genio, nem da constancia que a sua posição requeria. Alguns dos principaes officiaes, e seu proprio cunhado Fleetwood, fomentavam intrigas no exercito contra a sua autoridade. Estes pediram-lhe amotinados a dissolução do parlamento; e consentindo elle n'isso por cobardia, achou-se sem arrimo; de maneira que abdicou em 1659 para viver sepultado em pacifico retiro. Retirou-se tambem seu irmão, governador da Irlanda; e d'este modo desapareceu n'um instante a familia d'este usurpador, que na sua republica reinára como despotico, e recusára o titulo de Rei. Apesar das victorias e conquistas de Cromwell, a Inglaterra ressentia-se do effeito da guerra civil e dos impostos. Estas infelicidades abriram os olhos aos proprios presbyterianos, e conheceram que a destruição do throno tinha sido a causa da ruina dos povos. Desejavam estes restabelecer a casa real, e com maior impaciencia o desejava o outro partido. Em 1660 ver-se-ha consummada a nova revolução.

Christina, Rainha de Suecia, filha de Gustavo Adolfo, o conquistador da Allemanha, apaixonada pela litteratura e bellas artes, sacrificou a este gosto a sua corôa e a sua religião. Confiada

aos cuidados do Chanceller Oxenstiern, que tinha sido nomeado Regente durante a sua menoridade, foi educada por varios homens doutos, que cultivaram o seu espirito, ao mesmo tempo que os Suecos, pelo seu valor e disciplina, continuavam a fazer tremer a côrte Imperial. Assim que Christina chegou á sua maioridade (aos dezeseis annos), tomou conta dos negocios; mas sempre n'ella prevaleceu o gosto das letras, de que foi um feliz effeito a paz de Westphalia. A sua côrte encheu-se de homens sabios (Descartes morreu n'ella), a maior parte dos quaes teriam sido desconhecidos sem a sua protecção. Um povo guerreiro e soberbo com suas victorias, não podia deixar de desgostar-se, vendo a filha do grande Gustavo desprezar os cuidados da realza para entregar-se a uma philosophia estéril, a investigações de erudição.

Havia quem desejasse ardentemente que a Rainha casasse, e que ao menos desse um herdeiro á corôa. Porém, qual outra Isabel de Inglaterra, amava muito a liberdade para consentir em casamento. O Conde Palatino de Duas Pontes, Carlos Gustavo, primo de Christina, era o esposo que o voto publico lhe indicava; mas ella fê-lo declarar seu successor, resolvida a viver no celibato, e com isso ficou a Suecia mais tranquilla. Instada novamente para casar, declarou ao Senado que queria renunciar a corôa; no que não conceiu o Senado, e o Conde Palatino procedeu com igual recato. Apesar do animo varonil da Rainha, não estava ella isenta

de leviandades. Finalmente o aborrecimento a obriga a abdicar em 1654 diante dos Estados em Upsal, no que consentiram, depois de terem resistido algum tempo por decencia. Partindo da Suecia para Dinamarca veio ter a Bruxellas, onde abraçou a religião catholica, abjurando solemnemente o Lutheranismo em Inspruck. Os catholicos teriam triumphado menos com esta mudança de culto, se tivessem reflectido sobre a paixão que a levava a Roma, centro das bellas artes, onde queria estabelecer a sua residencia.

Não acha Christina tantos enleios em Roma, que deixe de ter vontade de visitar a França, para onde foi duas vezes, e ahi perdeu toda a estimação por causa do assassinio do seu estribeiro-mór Monaldeschi, que ella mandou matar na galeria de Fontainebleau, provavelmente por uma intriga de que tinha ciumes. Aborrecida dos Francezes por esta infame acção, voltou para Roma afim de admirar as antiguidades e as estatuas. Tendo fallecido em 1660 Carlos X, seu successor, passou Christina ao seu antigo reino, com o desejo de reinar ainda. Mas os Suecos a obrigaram a fazer segundo acto de renuncia á corôa. Passados alguns annos ainda intentou nova viagem para a Suecia, d'onde não tendo melhor successo, voltou para Roma, e ahi acabou os seus dias em 1689. Tantas e tão frequentes viagens provam que Christina, sendo dotada de tanto entendimento e saber, errava em buscar a felicidade fóra da sua esphera.

A declinação do poder da casa de Austria dava

à França uma superioridade, que será d'aqui em diante o principio dos mais memoraveis successos. Depois da morte de Fernando III, em 1657, pretendeu Luiz XIV o Imperio; porém Leopoldo, filho do Imperador e Rei de Hungria e de Bohe-mia, foi eleito em 1658, com quanto os Embaixadores Francezes lhe impoessesem durissimas condições. Depois da batalha das Dunas tinha a Hespanha proposto a paz, e os tratados se renovaram na ilha dos Faisans, situada na fronteira de ambos os reinos. N'esta ilha foi onde o Cardeal Mazarino descobriu toda a sua astucia. Os principaes artigos da paz foram os seguintes: o casamento de Luiz XIV com a Infanta de Hespanha: restituição de varias praças de uma e outra parte: o Principe de Condé restabelecido e recebido em graça: o Duque de Lorena restituído á posse dos seus Estados. Por meio do tratado dos Pyreneus findou a guerra do Meio-Dia da Europa; o Norte se pacificou no seguinte anno em virtude do tratado de Oliva (1660).

Casimiro, Rei de Polonia, deu de mão ás suas pretensões: a Livonia septentrional e a Estonia foram cedidas á Suecia, e esta entregou a Prussia Polaca. Passados alguns dias assignou-se outro tratado em Copenhague, pelo qual Frederico III, Rei de Dinamarca, fez á Suecia consideraveis sacrificios. Mas este Principe por outra parte adquiriu mais no seu proprio reino, do que teria adquirido por meio de conquistas. O valor com que o viram defender Copenhague contra Carlos X, o constituia amado da nação, ao mesmo

tempo que se abominava a injustiça da nobresa e do Senado, cujo poder tinha chegado a ser tyrannico; pois lançavam sobre o povo o peso dos impostos. Em vingança contra estes oppressores, sacrificou-se ao Rei a liberdade nacional. A junta dos Estados em 1660 constituiu a corôa plenamente hereditaria na casa de Frederico, e deferiu-lhe a autoridade absoluta, sem que os nobres se lhe possam oppôr. O que não é menos admiravel, é que os Reis de Dinamarca, armados com o poder arbitrario, usaram d'elle com prudencia e moderação.

A subita revolução de Inglaterra, a favor da monarchia, succedeu no mesmo anno que a revolução de Dinamarca. Depois da abdicação de Ricardo Cromwell, o conselho militar tinha-se apoderado do governo, e convocado o *Rump* (*rabidilha*, nome que se deu a este parlamento fantastico), com o qual pretendia encobrir a sua tyrannia. Era governador da Escossia Jorge Monk, celebre General, virtuoso cidadão, sabio e prudente politico. Declara-se este a favor do parlamento dissolvido por Lambert, e com esta noticia põe-se em movimento a Inglaterra, subleva-se parte do exercito, e Monk chega sem que ninguem penetre ainda as suas intenções. Assim que se viu seguro, reúne os membros excluidos, e expelle-os do *Rump*; e convocando outro parlamento livre, apresenta-se um enviado do Rei, e entrega uma declaração por meio da qual concede Carlos um perdão geral, sem outras excepções mais do que aquellas que o parlamento

quizesse fazer. Foi Carlos II aclamado e recebido com transportes de jubilo em 1660. Este Principe docil e amavel podia fazer com que o adorassem no throno.

A sua clemencia salvou infinitos culpados, que o parlamento pretendia exceptuar do perdão geral. Só Vanne e Lambert, furiosos enthasiastas, foram excluidos d'este perdão com os juizes parricidas, que tinham condemnado o ultimo Rei. O supplicio de onze pessoas foi sufficiente para expiar tantos crimes. Dois grandes defeitos expunham Carlos II a infortunios ou a grandes dissabores: amava muito os prazeres, e não tinha economia. O grande amor dos prazeres não podia conciliar-se com a vigilancia do governo, e a falta de economia obrigou-o a dar passos perigosos, que lhe foram bem funestos. Depois de haver consumido o dote de sua mulher, Catharina de Portugal, e duzentos mil escudos, que a França lhe tinha dado, vendeu em 1662 Dunkerque a Luiz XIV por cinco milhões. Toda a Inglaterra murmurou da venda d'esta praça, apesar dos gastos immensos que fazia a sua guarnição. A França lucrou muito com esta aquisição.

Já Mazarino não existia n'aquelle tempo; pois tinha fallecido em 1661, senhor do Estado do mesmo modo que Richelieu o tinha sido, ostentando o mesmo fausto, e deixando a seus herdeiros um prodigioso cabedal. Tinha estabelecido toda a sua familia, casando suas sobrinhas com as pessoas mais distinctas do reino e fora d'elle,

uma das quaes casou com o Conde de Soissons, da casa de Saboya, pai do famoso Principe Eugenio. É certo que a nação lhe pagou com usura quanto tinha feito por ella; mas fôra injustiça negar a Mazarino os elogios, que merece pelos tratados de Westphalia e dos Pyreneus. As guerras, extinctas por estes tratados, tinham causado tanta miseria, tantos incendios, tantas e tão crueis mortandades, que não é possível negar-se-lhe o titulo de pacificador. Mazarino com um espirito mediocre tinha chegado a ser um ministro *poderoso*, porque tinha bom senso e fortuna; mas para ser um *bom* ministro, diz Voltaire, é necessario que a sua paixão dominante seja o amor do bem publico.

Não se esperava ver Luiz XIV tomar conta do governo, depois da morte do ministro, senhor absoluto do reino. Mal educado, ignorante, dado aos prazeres sensuaes, na idade de vinte e dois annos, em que as paixões desabroçam com todo o seu vigor, parece que devia imitar a tantos Principes, que se deixam governar pelos outros, reservando para si a lisonja que cerca o throno; mas este Rei ainda moço, era dotado de sentimentos altivos, ambiciosos, do amor da gloria, e do gosto do dominio. Assim que se viu livre de Mazarino, declarou a sua resolução de governar. Se o Cardeal o tinha encaminhado mal, ao menos inspirou-lhe conceito a respeito de Colbert, um dos maiores homens de Estado, que a França tem tido. Fouquet, Superintendente dos Erarios, caiu em desgraça e foi preso. Col-

bert, seu successor, teve sómente o titulo de Inspector geral, e os Erarios nas suas mãos chegaram a ser um manancial de prosperidade e de esplendor.

Se Luiz XIV tivesse tido melhores principios de moral e de politica, com os soccorros de Colbert, teria podido fazer da sua monarchia o Estado mais florescente do mundo, sem as guerras prejudiciaes que a sua vaidade attrahiu. Logo no principio mostrou uma altivez de máu agouro: obrigando a Hespanha a reconhecer a superioridade da sua corôa, e humilhando o Papa Alexandre VII pelo tratado de Pisa em 1664. Estas accões de orgulho e de vigor annunciavam o que a Europa tinha de receiar de um monarcha moço e poderoso. Trabalhava-se então em fazer de Dunkerque um porto formidavel; trinta mil homens eram empregados n'esta obra, que a sorte das armas obrigará algum dia a destruir. Ao mesmo tempo soccorria Luiz XIV o Imperador Leopoldo contra os Turcos. Seis mil Francezes contribuíram muito para a victoria de S. Gothardo, junto ao rio Raab, em que os Turcos ficaram derrotados, e assignaram uma tregoa de vinte annos. Em quasi toda a Europa mostrava Luiz XIV a sua grandeza.

Alguns motivos tinha de queixar-se contra a Hespanha. A politica o convidava a defender Portugal, em guerra ainda com aquella potencia. O Marechal de Schomberg guia para aquelle reino quatro mil homens, pagos na apparencia pelo Rei de Portugal D. Affonso VI, filho de

D. João IV. Estas tropas constituem os Portuguezes bastantemente poderosos para vencer uma batalha decisiva em Estremoz, á qual se seguiu a de Villa-Viçosa, vencida tambem pelos mesmos Portuguezes em 1665. Desde aquelle tempo ficou a casa de Bragança firme no throno, que se lhe disputava. Uma nova guerra, ateadada entre a Inglaterra e a Hollanda, devia interessar a um Rei tão attento a todos os movimentos da Europa. Tinha-se Luiz declarado a favor da Hollanda. Um incendio de treze mil casas em Londres, veio afrouxar a raiva da guerra. Negociou-se em Breda, e em 1667 se concluiu o tratado, que assegurou Nova Yorck aos Inglezes, a ilha de Poleron nas Indias Orientaes aos Hollandezes, e a Acadia aos Francezes.

Agora vejamos tambem o reverso da medalha; isto é, o Rei cuidando dos negocios internos. Restabelece Colbert o thesouro publico, reformando um sem numero de abusos autorisados. Estas novidades achavam obstaculos no parlamento; porém o Rei fê-lo obedecer, prohibindo em 1667 que se lhe fizesse jámais alguma observação antes do assento no registro. Cessaram as representações, e a autoridade real foi exercida do modo mais vigoroso e prompto. A protecção concedida ao commercio foi uma origem de riquezas para o Estado. Abusos houve, que Colbert não pôde reformar; porém se attendermos a que os homens não eram então muito illuminados, e que a legislação era pessima ou inefficaz, veremos que o ministro fez muito mais

do que se podia esperar d'elle, humanamente fallando. Um objecto muito importante era a administração da justiça. Em 1666 houve um concelho para reformar as leis; a ordenação civil appareceu em 1667. Seguiram-se depois os codigos sobre as aguas, matas, criminal, &c. Os duellos foram severamente prohibidos, e infinitos abusos refreados.

Varios estabelecimentos scientificos foram creados por este mesmo tempo. A Academia das inscrições e bellas letras teve principio em 1663; tres annos depois foi estabelecida a Academia das sciencias. A sociedade real de Londres havia precedido de seis annos; e o gosto das bellas letras não permittiu aos Francezes iguala-la n'este seculo, posto que tivessem alguns physicos e mathematicos recommendaveis. Tenças e gratificações concedidas aos varões doutos, ainda estrangeiros, já faziam celebre a côrte de Luiz XIV por toda a Europa. As musas e as artes ornaram em breve tempo a sua capital. A festa de Versalhes em 1664 foi a epocha do Tartufo, d'aquella obra consumada de Molière. Racine e Boileau não tardaram em mostrar os seus talentos. Porém Versalhes absorvia as riquezas de Luiz XIV; a paixão da gloria e das conquistas o exporá ás mais enormes despezas. O mesmo Colbert não poderá contribuir para ellas, senão apartando-se dos principios de administração, em que assenta o bem do Estado.

CAPITULO LII.

Continuação da epocha de Luiz XIV. Carlos II de Hespanha. O Imperador Leopoldo. Tratado secreto. Conquista de Flandres e do Franco Condado. Turenne. Condé. O Principe de Orange. Montecuculi. Ruyter e Duquesne. João Sobieski. Os quatro artigos. Innocencio XI. Revogação do Edicto de Nantes. Fim do reinado de Carlos II de Inglaterra. Jacques II. Guilherme III (*).

Tinha Felipe IV, Rei de Hespanha, fallecido em 1665, deixando os negocios do reino no peor estado possivel. Carlos II, Principe de quatro annos, e de fraca saude, succede á corôa de seu pai. A Rainha Maria Anna de Austria, inimiga de D. João, filho natural do Rei defunto, e o unico capaz de governar, entregou o governo ao Jesuita Nitard, seu confessor, Allemão de insoffrivel arrogancia; com o que tudo devia peiorar. Posto que o tratado dos Pyreneos con-

(*) Desde a guerra de 1667 até a de 1688, depois da liga de Augsburgo.

tivesse uma renuncia absoluta da Rainha de França, filha de Felippe IV, a todos os seus direitos e a todos os Estados de seu pai, comtudo Luiz XIV achou que devia reclamar o Brabante; e para isto houve reclamações de parte a parte, em que intervieram jurisconsultos e theologos, sem que o negocio ficasse por isso mesmo mais claro. Entretanto Luiz preparava-se para a guerra; o Marquez de Louvois o aconselhava para ella, porque suppunha estas empresas favoraveis á sua ambição.

Carlos II não tinha irmão; a sua corôa parecia ao longe uma herança, que se devia disputar. Por um tratado secreto as duas côrtes de França e de Austria concordaram entre si n'uma divisão. O Imperador Leopoldo consentia que Luiz tomasse conta dos Paizes Baixos, comtanto que a Hespanha lhe pertencesse por morte de Carlos II. Com effeito, com boas tropas, bons armazens, habeis ministros, e um General como Turenne, marchava Luiz para uma conquista infallivel. Em 1667, quasi apenas apparece, conquista a Flandres, põe guarnição nas praças que o celebre Vauban fortificou, e no seguinte anno toma o Franco Condado, conquistando toda a Provincia em tres semanas. N'estas duas conquistas mostrou o Rei prudente valor; a sua presença animava muito a tropa, a que deu pela primeira vez uniformes. As recompensas distribuidas a tempo inspiravam a maior e mais forte emulação.

A côrte de Madrid, com o governo de um

Jesuita, perdia ignominiosamente as suas provincias, vendo-se obrigada a reconhecer a independencia de Portugal, depois de uma guerra de vinte e oito annos. Os Portuguezes tinham privado do throno a D. Affonso VI, Principe fraco e incapaz; e D. Pedro, seu irmão, o tinha substituido como Regente; o qual casou com a Rainha, depois de declarado nullo o primeiro matrimonio, com o pretexto de impotencia do Rei: esta união foi autorizada pelo Papa. Contudo os successos de Luiz XIV atemorizavam a Europa; Inglaterra especialmente temia as suas consequencias. Forma-se então a triplice alliança da Inglaterra, Hollanda e Suecia, afim de suspender os intentos do Rei da França; o que deu em resultado o tratado de Aquisgran, pelo qual ficou Luiz com a Flandres, entregou o Franco Condado, e confirmou-se o tratado dos Pyreneos. Mas Luiz XIV não podia perdoar o procedimento de Wit, ministro de Estado das Provincias Unidas, nem a mortificação que lhe tinha causado a altivez de Van-Beuning, commissario das mesmas Provincias; o seu ressentimento foi demorado, mas não dissipado.

Livre a Hespanha de uma guerra tão perigosa, não ficou ainda tranquilla. Perseguido D. João de Austria, subleva este o Aragão e a Catalunha contra o Padre Nitard, e obriga a Rainha a separar-se do Jesuita. Um terrivel flagello assolava ao mesmo tempo os Hespanhóes na America. Piratas formidaveis, conhecidos pelo nome de *Boeaneiros*, destruiam o commercio das Antilhas

e costa firme, e tiveram o arrojo de tomar Porto-Bello, cidade forte, que continha immensas riquezas, e que foi resgatada por quasi um milhão de pesos em 1669. Depois do tratado de Aquisgran continúa a França a adquirir tanta força como esplendor; este reino excita tanta admiração como inveja aos estrangeiros. João Casimiro, Rei de Polonia, abdica e vem ser Abbade em França. A ilha de Candia sitiada pelos Turcos recebe soccorros de Luiz XIV, ainda que tarde, porque já não podiam senão retardar a sua entrega, redusida como estava ás ultimas extremidades. Depois de um sitio de tres annos capitulou.

Estava Luiz XIV irritado por causa da triplice alliança, que tinha suspendido o curso de suas rapidas conquistas, e pretendia vingar-se dos Hollandezes. Tomou todas as precauções necessarias; fez allianças e preparos de guerra com profundo segredo, e cuidou de attrahir a Inglaterra; o que conseguiu por meio da Duqueza de Orléans, irmã de Carlos II, que foi a mediadora n'este negocio. O Imperador Leopoldo tinha sublevado os Hungaros contra si, violando os seus privilegios; e occupado com os seus proprios negocios, favoreceu a França porque não gostava dos Hollandezes. Luiz XIV conseguiu igualmente acarear a Suecia, e quando julgou tudo preparado, buscou um pretexto para acommetter a Hollanda. Uma medalha, em que as Provincias Unidas se louvavam a si mesmas, foi o objecto da guerra; e comquanto os Hollandezes que-

brassem o seu cunho, isto não bastou para apaciar a colera do Rei de França, e a guerra foi declarada. Dois partidos existiam então na Republica: o dos irmãos Wit, e o do Principe de Orange Guilherme III, que aspirava á dignidade dos seus antepassados, abolida em 1650 depois da morte de seu pai Guilherme II.

Encaminha-se Luiz com todas as suas forças, e passa o Rheno em 12 de Junho de 1672. Em menos de tres mezes tinha conquistado tres provincias, além de mais de quarenta praças fortificadas; Amsterdam viu o inimigo quasi ás suas portas. Comtudo o Almirante Hollandez Ruyter combateu gloriosamente contra as esquadras da França e da Inglaterra, reunidas perto de Solebay. A Hollanda esteve quasi a succumbir. João de Wit em situação tão horrorosa determina os Estados Geraes a pedir a paz; porém as intoleraveis condições do vencedor irritaram por tal maneira os Hollandezes, que mataram cruelmente os irmãos Wit, e nomearam Stadhouder o Principe de Orange. Rompem-se então os diques para se submergirem antes, do que entregarem-se á oppressão; Guilherme anima os cidadãos e lhes annuncia os soccorros da Europa, que elle effizazmente sollicita. Com effeito devia a Europa abrir os olhos por segunda vez a respeito da ambição activa de Luiz XIV. Carlos II fazia gemer a Inglaterra com o pernicioso systema do seu governo. O Eleitor do Brandeburgo declarou-se abertamente em favor dos Hollandezes, e conseguiu outro tanto do Imperador Leopoldo.

A Dinamarca e quasi toda a Allemanha entraram n'esta liga, e a Hespanha seguiu em breve tempo o seu exemplo. Luiz XIV tinha diminuido o seu exercito com as guarnições, e em 1673 começou a perder todas as suas vantagens. Com tantos inimigos para combater era impossivel conservar as tres provincias, que foram resgatadas e evacuadas. Finalmente os Inglezes obrigaram Carlos II a fazer a paz com a Hollanda em 1674. Uma guerra comprehendida com tão pouca razão podia vir a ser funesta á França; de todos os seus alliados não se achou em breve tempo senão com a Suecia. Comtudo ainda tinha Luiz XIV muitos recursos, assim na sua autoridade e capacidade de seus Ministros e Generaes, como no ardor da nação acostumada á victoria, e nas riquezas que o commercio e a industria espalhavam por toda a parte. Segue Luiz em pessoa para conquistar o Franco Condado por segunda vez, e toda a provincia foi submettida dentro em seis semanas, porque o Ministerio Hespanhol a tinha abandonado a seus proprios recursos.

O Eleitor Palatino, a quem a França fizera grandes serviços, ligou-se contra ella com o Imperador. Mandava Turenne nas margens do Rheno um exercito de vinte mil homens. Com pequenos exercitos foi que elle obrou sempre grandes prodigios; combate e vence os Imperiaes em Sintzheim e acommette depois o Palatinado, onde assola e reduz a cinzas duas cidades e vinte e cinco aldéas. Dizem que estas barba-

ridades foram ordenadas pelo ministerio. Encontra-se Turenne com o General Montecuculli; ambos fazem por espaço de dois mezes as mais brilhantes manobras; e quando aquelle se dispunha a combater, quasi seguro da victoria, foi morto por uma balla perto de Sasbach. Assim acabou Turenne em 1675, depois de haver eternisado o seu nome, como um dos maiores capitães do seculo de Luiz XIV. Os Francezes capitaneados pelo Conde de Lorges, fizeram uma retirada gloriosa, resistindo aos esforços de Montecuculli, que entrou pela Alsacia, e veiu encontrar-se com o Principe de Condé, em cuja presença passou novamente o Rheno. Esta foi a ultima campanha do Principe francez e do General austriaco.

Prescindirei das campanhas do Marechal de Crequi em 1677 e 1678; se eu quizesse seguir os successos da guerra, e os puzesse em ordem segundo as suas datas, não faria mais do que uma chronica esteril e enfadonha. Por toda a parte se encontram estes feitos accumulados, que se desdouram uns aos outros; portanto limitar-me-hei aos successos mais memoraveis. A Sicilia rebella-se contra a Hespanha; Carlos II, já maior em 1675, entrega-se por conselho da Rainha a Valenruela, poeta intrigante de humilde nascimento, que não era mais digno que o Padre Nitard. Pede a Hespanha soccorros aos Hollandezes: passa Ruyter ao Mediterraneo, e é derrotado duas vezes por Duquesne. No segundo combate perde Ruyter a vida. Apesar d'estas vic-

torias evacuaram os Francezes a Messina em 1678. Estes enormes esforços para sustentar a marinha, juntos com outras muitas despezas prejudiciaes, eram causa de Luiz XIV não poder sustentar as suas emprezas.

Os maiores successos da França foram nos Paizes Baixos, para onde encaminhava principalmente as suas forças. Gostava Luiz XIV da guerra dos sitios, porque com um Vauban e um Louvois não podia deixar de ter sempre feliz exito. Por muito capaz e valeroso que fosse o Principe de Orange, sempre experimentou a superioridade das armas francezas. Querendo Guilherme salvar Saint-Omer, sitiada pelo Duque de Orléans, perdeu a batalha de Cassel, e a cidade foi tomada. No meio d'estes triumphos perdia a Suecia, alliada dos Francezes, o Principado de Verden, a Pomerania, e quasi tudo quanto possuia na Allemanha. Comtudo tratava-se em Nimegue; o interesse dividiu os inimigos, e a França impôz as condições da paz, que foi necessario aceitar. A Hollanda separou-se da confederação para fazer a paz em 1678, porque assim convinha a seus interesses; restituiu-se-lhe Maestricht, unica praça que ficava a Luiz XIV depois de tantas conquistas.

Assim que os Hollandezes fizeram a paz, não se demorou a Hespanha em conclui-la, sem lhe dar algum cuidado o Imperio. Abandonou o Franco Condado e quasi todas as cidades conquistadas nos Paizes Baixos. Foi necessario ainda algum tempo para se fazer o ajuste com o Im-

perio, porque a França queria que se entregasse tudo á Suecia, ao que se oppunham os alliados do Norte. Porém o Imperador se separou d'elles, e concluiu o tratado de 5 de Fevereiro de 1679, conforme ao de Munster. Correndo o mesmo anno concluíram tambem o Eleitor de Brandeburgo e a Dinamarca, perdendo a Suecia pouca cousa. Sem embargo, o seu Rei, Carlos XI, ficou tão indignado por causa do que perdeu, que conservou sempre um grande resentimento contra Luiz XIV, de quem esperava um zelo mais generoso. Mably, no seu tratado de *Direito Publico da Europa*, accusa a França de graves erros a respeito da Suecia, sua alliada.

Estando Luiz XIV vencedor dos inimigos que grangeara com suas empresas, abusa imprudentemente da sua fortuna, quando, se tivesse obrado como Principe moderado, como pai de seu povo, e como Rei prudente e justo, teria sido o arbitro das nações estrangeiras, e evitado o odio, que foi mais tarde uma origem de calamidades publicas. No meio da paz submete Strasburgo, cidade poderosissima, cuja ponte sobre o Rheno abria a entrada da Allemanha. Vauban, que fortificava todas as praças, n'esta apurou toda a sua arte. Estas conquistas em plena paz não podiam deixar de espalhar o odio, as desconfianças e os sustos. Já o Imperador, o Rei da Suecia, e outros Principes se esforçavam para armar o corpo Germanico, quando o Eleitor de Brandeburgo, defendendo os interesses da França, evitou atear-se de novo a

guerra. O Imperador propõe então na Dieta de 1682 levantar tropas para manter os antigos tratados; em breve tempo forma-se uma liga, que teria produzido a guerra, se os Hungaros sublevados não tivessem chamado os Turcos em seu auxilio.

Reinava então Mahomet IV, que tinha tomado Candia aos Venesianos, e aos Polacos a Ukrania, Podolia, Volhinia e Kaminick. Levantou Mahomet um exercito de duzentos mil homens, e veio pôr cêrco a Vienna. Se o Grão-Vizir Cuprogli fosse ainda vivo, esta capital teria succumbido. O Imperador fugiu para Passau, e o Governador da cidade tinha sómente uma guarnição de dez mil homens. João Sobieski, Rei da Polonia, chega com o seu exercito, une-se com o do Imperador, e accommettem ambos as trincheiras dos Turcos, que tomados de um terror panico apenas fazem alguma resistencia, e deixam tudo aos vencedores. Antes da invasão dos Turcos fazia Luiz XIV sitiar o Luxemburgo, porque dizia pertencer-lhe pelo tratado de Nimegue; tomou-o finalmente, e a Hespanha teve ainda de ceder esta praça, assignando, juntamente com o Imperio, uma tregoa de vinte annos. Por toda a parte se manifesta o terrivel poder de Luiz XIV; a sua marinha se augmentava prodigiosamente. Argel, duas vezes bombeada (em 1681 e 1684), humilhou-se diante d'este colosso, assim como Tunes e Tripoli.

Genova foi arruinada e humilhada do mesmo modo que os corsarios barbarescos; o Doge foi

obrigado a apresentar-se em Versalhes com quatro senadores principaes para implorar a clemencia do Rei. Tinha Colbert fallecido em 1683; devia-lhe o Rei em grande parte as prosperidades do seu reinado. Como teria elle executado, se não fôra Colbert, tão grandes coisas? Como teria triumphado de tantos inimigos, levantando a um tempo tantos monumentos soberbos? A continuação do tempo mostrará como tudo dependia da boa administração dos thesouros. O poder de Luiz XIV declina, pois que os seus meios diminuem; mas ainda conserva uma grande superioridade, e por conseguinte ainda será altivo e audaz; e antes de ser abatido pelas desgraças, terá ainda grandes e felizes successos. Paremos um pouco com estas narrações de guerra, para dar logar a outros acontecimentos, que tem co-relação com os negocios geraes.

Os negocios do Jansenismo agitavam a França desde a menoridade sem aquellas commoções violentas, que o espirito de seita tinha produzido nos seculos do fanatismo. Os Jesuitas com o seu credito iam-se constituindo muito poderosos; elles governavam as consciencias dos proceres do Estado; finalmente o Padre La Chaise, confessor do Rei desde 1675 até 1709, adquiriu um imperio absoluto sobre o Clero. D'este modo as disputas tinham de durar tanto, quanto Luiz XIV estava remoto dos melhores principios do governo ácerca de negocios d'esta natureza. As suas differenças com a côrte de Roma, a respeito da *Regalia e Isenções*, serviram ao menos

para tirar do seio do esquecimento *as Liberdades da Igreja Gallicana*. Innocencio XI, eleito Papa em 1676, homem virtuoso mas obstinado, não gostando de Luiz XIV nem dos Jesuitas, declarou-se a favor dos adversarios das Regalias, posto que accusados de Jansenismo.

Uma reunião do Clero, convocada com o fim de examinar esta questão, reconheceu o direito de regalia, e escreveu ao Papa uma carta muito respeitosa. Apareceram então as famosas proposições, conhecidas pela denominação dos *Quatro Artigos* (1682), que o Rei mandou registrar e publicar por todo o seu reino. Respondeu Innocencio aos Bispos com aquelle modo altivo, que os antigos Papas sustentavam por meio de excommunhões. Tanto mais vigor mostrava Luiz XIV, quanto mais o Papa se obstinava em resistir-lhe. As isenções dos Embaixadores em Roma foram abolidas, apesar da maneira com que o Rei pretendeu sustenta-las, mandando ameaçar o Papa. Por todo o reino se queixavam da falta de Bispos, em que se achavam trinta e cinco Igrejas, porque o Pontifice negava as bullas aos nomeados. Se Luiz XIV intentasse uma mudança, nada lhe podia servir de obstaculo; mas tão altivo como era, contentou-se com apoderar-se de Avinhão em 1688.

Innocencio XII concedeu a final as bullas em 1693 aos Bispos nomeados, e a discordia acabou por um modo honroso para ambas as partes: Luiz XIV accedendo a retractação dos Bispos, e o Papa accitando-a sem nenhuma

outra clausula offensiva da dignidade real. O que ha de mais singular em tudo isto é que, em quanto Luiz XIV estava em guerra com o Papa, tratava de aniquilar uma seita inimiga da Santa Sé. Tinha Colbert protegido os Calvinistas como homem de Estado; a sua morte os entregou ao Chanceller Tellier e ao Marquez de Louvois, filho do mesmo Chanceller. Os protestantes foram perseguidos em nome do Rei com *furia insupportavel*. O monarcha depois de ter assim abusado de sua autoridade, revoga o Edicto de Nantes (1685), promulgado por Henrique IV em 1598, e confirmado por Luiz XIII. Este acto iniquo de fanatismo custou á França mais de quinhentos mil Huguenotes, que fugiram levando consigo immensas riquezas, além da industria que foram plantar em reinos estranhos, onde crearam manufacturas e muitas outras artes. O norte da Allemanha, a Hollanda e a Inglaterra estenderam os braços para uns homens tão uteis.

Pelo mesmo tempo um zelo cego de religião preparava em Inglaterra a catastrophe dos Stuarts. Sendo Carlos II obrigado, como já dissemos, a concluir a paz com a Hollanda em 1674, as suas alianças com a França, o seu projecto de governo absoluto e o catholicismo de seu irmão, o Duque de Yorek, causavam sempre uma perigosa fermentação. O Duque de Landerdale governava tyrannicamente a Escossia, commettia escandalosas injustiças e perseguia especialmente os presbyterianos. Em um estado de fermentação

e crise semelhante apresenta-se um impostor, por nome Oates, denunciando uma fantastica *conspiração papista*; em consequencia de suas deposições assenhorea-se da nação o espirito de vertigem. Toda a cidade de Londres põe-se inquieta com os mais sinistros movimentos. Carlos tinha grande juizo para não ver a falsidade d'esta conjuração; mas não podia dissipar o erro nem resistir á torrente. Damby, seu principal ministro, leva a causa ao parlamento, e este declara, que os Papistas tramam uma *conspiração infernal* contra a Religião e contra o Estado, e que o Catholicismo é uma idolatria.

Carlos II dissolve este parlamento; outro porém convocado em 1679 segue as pisadas do primeiro. Debalde o Rei, para diminuir o odio que excitavam o character e a religião de seu irmão, o obrigou a ausentar-se do reino; nada d'isto impede ser o Duque excluido, por um Bill dos Communs, da successão á corôa. O famoso auto do *Habeas Corpus*, contra as prisões arbitrias, foi obra d'este parlamento. Não podendo o Rei suspender os procedimentos d'esta camara, toma o partido de a dissolver; mas nem por isso fica mais tranquillo. Os Presbyterianos da Escossia tinham assassinado o Arcebispo de Santo André, e sublevaram-se; porém o Duque de Montmouth, filho natural do Rei, mandado para reduzi-los, facilmente o conseguiu. Anima-se todavia a fermentação em Inglaterra; os *Torys* e os *Whigs*, apodos celebres desde aquelles tempos, dividem toda a nação.

Estes oppostos á côrte pedem que se convoque quanto antes um parlamento; aquelles mostram um profundo respeito á vontade do Soberano.

Vencem os *Whigs*, e obtem a convocação de um terceiro parlamento, o qual esquecido do auto de *Habeas Corpus* principia por violencias contra os *Torys*. Fazem-se algumas execuções por causa da conspiração papista, que a final foi convencida de uma solemne impostura. Dissolve Carlos este parlamento, e convoca outro para Oxford, esperando que o genio sedicioso de Londres não dominaria n'elle; mas enganou-se, e alli mesmo continuou-se a insistir pela exclusão do Duque de Yorck. Este tremendo parlamento dissolveu-se finalmente do mesmo modo que os outros (1681). Muda o Rei de procedimento, e por meio da economia torna-se absoluto, porque já não necessitava dos subsidios dos *Communs*. Abusando porém da autoridade pela influencia do Duque de Yorck, forma-se uma conjuração, que foi descoberta, e pela qual foram executados Russel e Sidney. Depois d'isto gosou o Rei de uma autoridade absoluta até a sua morte em 1685, tendo então de idade quarenta e nove annos. Deu indicios de ter vivido como Deista, e mostrou-se catholico á hora da morte, recebendo os sacramentos da Igreja Romana. Seu irmão foi reconhecido sem custo, apesar do Bill de exclusão, e acclamado com o nome de Jacques II.

Era Jacques dotado de virtudes, de coragem e de sufficiente capacidade, ainda que de muito menos juizo que seu irmão. Em vez de regular

o seu procedimento pela experiencia, deixou-se guiar pelos seus principios; e em quatro annos de reinado commetteu tantos erros, que bem o podemos chamar o autor dos seus infortunios. Os seus primeiros passos e discursos davam annuncios de um governo recto; mas estas favoraveis prevenções em breve tempo se dissiparam. Levado por alguns padres catholicos, especialmente Jesuitas, deu-se publicamente a um culto contrario ás leis do paiz. O parlamento foi convocado segundo o costume, e n'elle dominavam os Torys ou Realistas; portanto podia Jacques obter tudo quanto quizesse. Subleva-se o Duque de Montmouth, e o parlamento declara-o culpado de alta traição, e concede ao Rei um subsidio para afogar a rebelião. O Duque foi preso e executado; mas com o pretexto de castigar os culpados, o Regedor das justiças Jefferies se banhó em sangue. Este monstro carregado da abominação publica chegou a ser Chanceller do Reino.

Depois d'estes actos tudo respirava tranquillidade, assim em Inglaterra como na Escossia; mas a imprudencia do Rei devia despertar as inquietações contra o *Papismo*. O Padre Peters, Jesuita confessor do Rei, e zeloso intrigante, era a alma do conselho privado. Quebranta Jacques os privilegios das Universidades, querendo introduzir n'ellas os catholicos. Seis Bispos foram processados, porque não quizeram publicar a declaração da *tolerancia*; instruido o processo foram absolvidos, e o povo festejou este resul-

tado, como signal evidente de uma fermentação prestes a abrasar o reino, e que varios abusos do poder constituiram mais violenta. Nasee um Principe de Galles (1687), mas este successo serviu sómente de occasionar calumniosos rumores contra a virtude da Rainha. Tinha-se o Rei feito odioso a todos os partidos; prova certa de um pessimo governo. Os Torys e os Bispos, tão devotos da corôa segundo os seus principios, quasi que pensavam como os Whigs.

Tinha Jacques duas filhas, Maria e Anna, a primeira casada com Guilherme, Principe de Orange, e a segunda com o Principe Jorge de Dinamarca. Uma revolução podia exaltar Guilherme ao throno de Inglaterra, e n'isso cuidou elle com muita reserva e prudencia, lisongeando a todos os partidos, emquanto se preparava para uma invasão. Jacques avisado por Luiz XIV não deu credito ao que se lhe dizia, e só abriu os olhos quando chegaram da Hollanda noticias certas. Interdicto, tremulo e cobarde, retracta as suas ordenações, e empenha-se em reparar os seus erros; mas era já tarde, porque o manifesto de Guilherme tinha produzido grande abalo em todos os animos. Parte com effeito Guilherme com uma frota e quatorze mil combatentes, e apenas desembarca, correm a recebe-lo infinitos cavalleiros e officiaes inglezes (1688). Jacques, abandonado de todos, foge e é preso; mas o Principe de Orange temendo a sua presença, facilita-lhe a fuga para França.

No anno seguinte foi o throno declarado vago,

e a corôa dada a Guilherme e a Maria juntamente; e em falta de ambos á Princeza Anna, irmãa mais moça da Princeza de Orange. Uma declaração acompanhando este auto, estabeleceu os direitos da nação e restringiu a prerogativa real, e a isto chamam os Inglezes a sua constituição. Guilherme, que mais era Rei na Hollanda do que em Inglaterra, teve de arrepender-se de haver desejado a corôa. Agora veremos como Luiz XIV, em guerra com toda a Europa, fez os maiores esforços para restabelecer a Jacques II; mas este já não parece senão um Principe despresado, sem coragem nem prudencia, e o devoto dos Jesuitas. A propria França, testemunha do seu abatimento, o julgará indigno dos seus favores. Tanto póde o infortunio abater as almas, que não conheciam outro movel para obrar senão o poder ou as contradicções.

CAPITULO LIII.

Fim da epocha de Luiz XIV. Liga de Augsburgo. Paz de Riswick. Paz de Carlowitz. Morte de Carlos II de Hespanha. Felippe V. Morte de Guilherme III. Anna de Inglaterra. Frederico I, Rei da Prussia. O Principe Eugenio. Marlborough. Villars. Vendôme. José I. Carlos VI. Tratado de Utrecht. Morte da Rainha Anna, Jorge I, Morte de Luiz XIV (*).

De todos os inimigos de Luiz XIV nenhum era mais para temer, em razão dos seus talentos e implacavel odio, do que o famoso Principe de Orange, despresado então levemente pelos Francezes, por não ter sido feliz na guerra. A força de exagerar a ambição de Luiz tinha conseguido a famosa liga de Augsburgo em 1686, confirmada em Veneza no seguinte anno, para conservação dos tratados de Munster e de Nimegue. Luiz XIV enojado rompeu a tregoa e

(*) Desde a guerra de 1688 até a morte de Luiz XIV em 1715.

deu sobre a Allemanha. Achava-se o Imperador em posição mais vantajosa, pois Buda tinha sido tomada por assalto aos Turcos em 1686; e estes desbaratados em Mohacz no anno seguinte pelo Duque de Lorena e pelo Eleitor de Baviera, tinham perdido a Esclavonia. Finalmente José, seu filho primogenito, estava já coroado Rei da Hungria. Sem embargo, quando os Imperiaes forçavam Belgrado e subjugavam a Servia, um exercito de cem mil homens, capitaneados pelo Delfim, atemorizou o Imperio todo.

Com dezenove dias de sitio apodera-se o Delfim de Philipsburgo. Moguncia, Mannheim, Spira, Worms e Treveris caem em mãos dos Francezes. O Palatinado é inhumanamente entregue ás chammas em 1689; mais de quarenta cidades e infinitas aldêas queimadas, todo este delicioso paiz saqueado. Nesta occasião é que o pusillanime Jacques II busca um asilo em França. Uma forte esquadra franceza transporta para Irlanda o Rei privado do throno. Os Irlandezes recebem-no em Dublin com grandes demonstrações de jubilo; porém elle mal corresponde aos que se achavam dispostos a servi-lo. No seguinte anno alcançou Tourville, Almirante de Luiz XIV, uma victoria completa contra as frotas ingleza e hollandeza, unidas, na altura de Dieppe: victoria que assegurou á França o imperio do mar perto de dois annos. Esta victoria é inutil ao infeliz Principe, que não faz senão cair em novos erros. Passa Guilherme á Irlanda, e Jacques quer expôr-se aos riscos de uma batalha.

Ambos os exercitos estão á vista, cada um quasi de quarenta mil homens, Guilherme ordena o combate, e derrota os Irlandezes; Jacques, que ninguem viu durante a refrega, torna a apparecer em França, menos digno do que nunca dos sacrificios, que por elle se faziam. Em duas campanhas ficou a Irlanda totalmente subjugada pelos Generaes de Guilherme. Já Luiz XIV tinha contra si a Inglaterra, Hollanda, Hespanha, o Duque de Saboya e quasi toda a Italia, ligadas com o Imperador. O Duque de Lorena, e o Eleitor de Baviera, retomam Bonn e Moguncia em 1689. Porém o Marechal de Luxemburgo nas campanhas de 1690 a 1693 restabeleceu a gloria das armas francezas, venceu e derrotou varios Generaes inimigos, entre elles o Principe de Waldeck, e o proprio Guilherme III na batalha de Nerwinde. Entretanto tinham os Francezes soffrido alguns revezes no Delfinado, os quaes foram ressarcidos por outras tantas vantagens obtidas no Piemonte.

A guerra continúa com prosperos successos para Luiz XIV, tanto em Allemanha como na Catalunha; porém os seus recursos estavam exauridos, e no meio das suas victorias offerece a paz em 1694 com a restituição das suas conquistas. Os inimigos, fosse por odio ou por desconfiança, regeitaram então o que em Riswick vieram a aceitar em 1697. As esperanças de Jacques II se desvaneceram desde o anno de 1692, em que os Francezes perderam a batalha naval de Hogue. Dieppe, Havre de Grâce, S. Maló,

Calais e Dunkerque foram bombardeadas pelos Inglezes. A guerra estendia-se tambem até as extremidades do mundo. Os Hollandezes tomaram Pondicheri á França, os Inglezes assolaram S. Domingos; os Francezes saquearam a Jamaica. Pointis, chefe de esquadra, unido com os aventureiros, sorprehendeu Carthagená, onde os Hespanhóes perderam vinte milhões. Duguai-Trouin e João Bart, dois famosos corsarios, arruinaram o commercio do mundo em nome da França.

Todavia a guerra arruinava a França victoriosa. A obstinação dos inimigos arredava a paz, que elles deviam desejar com maior ardor. Logra finalmente Luiz XIV attrahir a si o Duque de Saboya, concedendo-lhe o que elle mais podia desejar, a restituição de seus Estados; para o que muito contribuiu o Papa Innocencio XII, ancioso de conservar a tranquillidade da Italia. Esta separação da grande alliança, e a tomada de Barcelona pelo Duque de Vendôme, applanaram o caminho das negociações. Tratava-se em Riswick junto a Haya, e a Suecia era a mediadora. Quatro tratados concluidos pelos fins do anno de 1697, asseguraram a paz geral, cujas condições parecem humildes para Luiz XIV, bem que elle mesmo as tivesse proposto victorioso e conquistador. Reconhece a este mesmo Guilherme, que elle tratára de usurpador: restitue á Hespanha tudo quanto ella havia perdido durante a guerra, e ao Imperador Kehl e Philipsburgo. Emquanto á Hollanda esteve Luiz pelos tratados de Munster e de Nimegue. Finalmente

restabelece o Duque de Lorena, Leopoldo, filho de Carlos V.

A paz de Riswick, comparada com a de Nimegue, em que Luiz tinha dictado a lei, excitou as murmurações de uma nação soberba com tantas victorias, e indignada de vêr todo o fructo dos seus triumphos sacrificados aos vencidos. Mas hoje sabe-se, que Luiz XIV sacrificou o seu orguiho á necessidade legitima de seus vassallos e do seu Estado. As despezas enormes da guerra tinham levado o thesouro a falsas operações de credito, que causaram damno consideravel ao commercio. A *capitação*, tributo odioso, pouco tinha augmentado as rendas do Estado. Fica logo claro que a guerra com todos os seus felizes successos expunha a França ás ultimas infelicidades. Por morte de João Sobieski, que falleceu em 1696, foi o Principe de Conti eleito Rei de Polonia; duas horas depois outro partido aclamou Frederico Augusto, Eleitor de Saxonia. Não estando Luiz XIV em circumstancias de levar a guerra áquelle paiz, o Principe de Conti nada pôde obter por si só, e o Principe Allemão foi sustentado pelos Polacos.

A paz de Carlowitz com os Turcos em 1699 é bem memoravel, tanto pelo abatimento dos inimigos mortaes do nome christão, como pela tranquillidade restituída a toda a Europa. Depois do sitio de Vienna, Leopoldo, com o soccorro dos Polacos e dos Russos, tinha alcançado uma superioridade constante sobre os Turcos. O Principe Eugenio de Saboya, que tão formi-

davel será para a França, tinha-os desbaratado em 1695 na batalha de Zenth, na qual se achava Mustaphá II, que foi deposto algum tempo depois do tratado de Carlowitz. Por este tratado foi a Transylvania cedida á Austria, e a Morêa a Veneza. A respeito da Polonia o Turco lhe entregou Kaminieck, e renunciou a todas as suas pretensões a respeito da Podolia e da Ukrania. O Niester, entre a Moldavia e a Podolia, ficou sendo o limite de ambos os Estados. O Czar Pedro I não fez em Carlowitz mais do que uma tregoa de dois annos. Comtudo, cederam-lhe Azou, junto ao lago Meotis, hoje em dia o mar de Zabache, praça importante que lhe devia dar algum dia o imperio do Mar Negro.

A successão de Carlos II, Rei da Hespanha, tornou-se grande objecto de politica. Esta successão, conforme os direitos do sangue, não podia pertencer senão á casa Imperial ou á de França. Carlos, Principe igualmente fraco de corpo e de juizo, estava cercado de innumeraveis intrigantes, que pretendiam tirar partido da sua herança dividindo os seus espolios. Guilherme, attento sempre ao equilibrio da Europa, tinha adoptado um projecto de dividir a monarchia Hespanhola. Indignado Carlos fez o seu testamento, nomeando por seu herdeiro o Principe de Baviera seu sobrinho, que morreu quasi ao mesmo tempo em Bruxellas. Conclue-se então um tratado, em que se consigna ao Archiduque Carlos a Hespanha e as Indias Occidentaes, e da-se o Milanez ao Duque de Lorena. A côrte

de Vienna entretanto desgosta os Hespanhóes, e o Marquez de Harcourt, Embaixador de França em Madrid, aproveita esta occasião para ganhar a confiança do Conselho de Hespanha a favor da casa de França.

Faz então o moribundo monarcha novo testamento, por meio do qual deixa toda a monarchia ao Duque de Anjou, filho segundo do Delfim. Morreu Carlos II alguns mezes depois com trinta e nove annos de idade. É certo que a casa de França tinha incontestaveis direitos á corôa de Hespanha; mas é tambem para admirar, que um Principe da casa de Austria, d'aquella casa quasi sempre em guerra com a França, havia duzentos annos, fizesse passar a monarchia Hespanhola para os Bourbons. Aceita Luiz XIV o testamento; o Duque de Anjou, com o nome de Felippe V, foi tomar posse da sua corôa. *Já não ha Pyreneos*, disse-lhe seu avô ao despedir-se d'elle. O Papa, o Duque de Saboya, Veneza, as Potencias do Norte, o mesmo Portugal, Inglaterra e Hollanda o reconheceram. Luiz XIV gozava de uma lisongeira satisfação, porque ainda não tinha conhecimento sufficiente dos terriveis contratempos da fortuna. A tempestade se occultava por detraz de uma enganosa bonança.

Allegava o Imperador Leopoldo, contra o testamento de Carlos II, pactos feitos entre Carlos V e o Imperador Fernando I seu irmão, afim de assegurar aos dois ramos de Austria uma reciproca successão: allegava o testamento de Felippe IV, que substituia a Carlos os filhos

de Leopoldo; porém o consentimento dos Hespanhóes tinha posto um sello indelevel ao testamento de Carlos II. Unem-se então a Inglaterra e a Hollanda ao Imperador afim de desannexar da corôa de Hespanha os seus Estados da Italia. O exercito Imperial, commandado pelo Principe Eugenio, entra pela Italia em 1701, e ganha a batalha de Chiari contra o Marechal de Villeroi, mandado para substituir ao Marechal Catinat. D'este modo principiam as desgraças, que o Principe Eugenio devia causar á França, sua patria. Era elle filho do Conde de Soissons (da casa de Saboya), governador da Champanha. Desprezado na côrte de França, foi servir ao Imperador contra os Turcos, abandonando a França para sempre. Mostrou Eugenio ser um dos maiores homens do mundo; humilhou e abateu Luiz XIV, por premio da sua ufania, e fez tremer a França. Teremos amiudadas occasões de fallar d'este Principe.

Apenas se tinha ateado o incendio, quando Luiz XIV veiu lançar-lhe novos combustiveis, daado o titulo de Rei de Inglaterra ao filho de Jacques II, contra a deliberação do Conselho de Estado. A viuva de Jacques, e Madame de Maintenon, com quem Luiz tinha casado occultamente em 1686, obtiveram d'elle o que a prudencia parecia condemnar. Este procedimento irrita os Inglezes; debalde protestou o Rei de França que estaria pelo tratado de Riswick; julgando-se a nação insultada, empenham-se os Communs na guerra, e pedem que se não conclua

antes de uma reparação manifesta; e publicam contra o pretendente Jacques III um Bill de proscrição, que o entrega ao supplicio. Dispunham-se todos os armamentos, quando morreo Guilherme, de uma queda de cavallo, na idade de cincoenta e dois annos. Churchil, que depois foi Duque de Marlborough, enviado pela Hollanda como General e negociador, homem superior em ambos estes generos, honrará a sua eleição participando com o Principe Eugenio da gloria de opprimir a França.

Guilherme não tinha filhos: a Rainha Maria era fallecida: Anna Stuart, irmã de Maria e mulher do Principe de Dinamarca, foi reconhecida com jubilo, segundo a ordem de successão estabelecida pelo parlamento. Pensava-se em França que mudaria o systema politico com a morte de Guilherme; mas não aconteceu assim, tudo ficou do mesmo modo. Marlborough fortaleceu os Hollandezes na liga contra Luiz XIV, e a guerra foi declarada sob differentes pretextos. Em França tudo prognosticava grandes infellicidades: o Rei encerrado com Madame de Maintenon em uma idade decadente, regulava tudo em seu gabinete, e os Generaes deviam antes obedecer ás suas ordens, do que aconselhar-se com o seu genio ou com as circumstancias: o thesouro em mãos de Chamillard, homem honrado mas sem talentos, achava-se exausto e desordenado: a disciplina militar, de que Louvois era a alma, afrouxando de dia em dia se enervou depois da sua morte: finalmente nada

correspondia aos primeiros annos d'este reinado.

Pelo contrario os inimigos tinham na sua frente dois grandes Generaes, Eugenio e Marlborough, senhores das operações e governando os conselhos dos seus Soberanos. Aqui começa esta serie de campanhas e de batalhas, em que o genio da França parecia reanimar-se com as suas proprias desgraças. Na Italia e em Flandres vê-se declinar a reputação das armas francezas. Embora Vendôme e Villars ganhem as batalhas de Luzara e de Fridlingue com maior gloria do que utilidade; Eugenio e Marlborough seguiam imperturbaveis seus planos de estreitar os limites da França. Tinha Leopoldo mettido na alliança os Circulos do alto e baixo Rheno, e acareado o Eleitor de Brandeburgo, a favor do qual erigira em Reino o Ducado da Prussia. O Principe de Baden, celebre pelas suas proesas contra os Turcos, commandava o exercito Imperial, e ameaçava a Alsacia. Villars o derrotou, e o Eleitor de Baviera tomou Augsburgo depois de haver destroçado vinte mil Imperiaes. O Marechal Tallard alcançou tambem outra victoria em Spira contra o Principe de Hesse, a quem algum dia veremos Rei de Suecia.

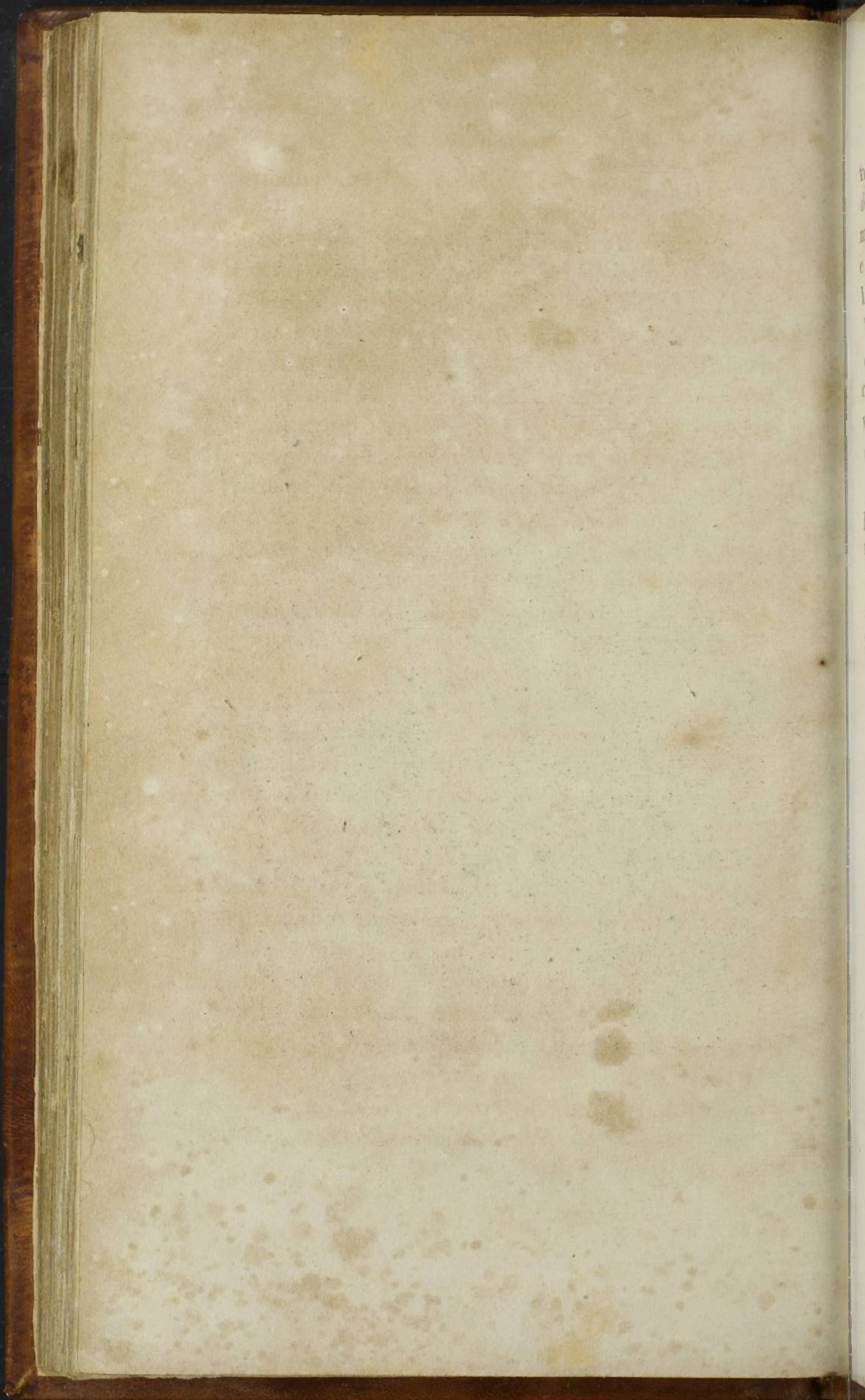
Mas os felizes successos da França virão a ter fim. O Duque de Saboya abandona a causa de Luiz XIV, ou de seus dois genros, e entrega-se todo ao Imperador, que lhe promettera Monferato, Alexandria, Valença, &c. D. Pedro II de Portugal, irmão de Affonso VI, abandonou do

mesmo modo a causa de Felippe V. O Imperador, e seu filho José, tinham cedido ao Archiduque Carlos todos os seus direitos sobre a monarchia Hespanhola, e este passou á Inglaterra e á Hollanda, onde se faziam grandes armamentos. Villars foi chamado imprudentemente da Allemanha para ir combater os fanaticos das Cevennas, pobres montanhezes, que causavam á côrte serias inquietações. Os differentes theatros da guerra mudaram em breve tempo de figura. De todas as lições que a historia dá aos Principes ambiciosos, nenhuma é tão propria como esta para desvanecer a vaidade da fortuna. O Imperador que se julgava perdido, principalmente depois da nova sublevação dos Hungaros, capitaneados pelo Principe Ragotzi, recebe o prompto soccorro de Marlborough.

Toma o General Inglez a cidade de Donauwert, e passa o Danubio; ajunta-se com elle o Principe Eugenio, fazendo no todo um exercito de cincoenta e dois mil homens contra sessenta mil. Na mesma planicie em que Villars tinha vencido os Imperiaes em 1703, deu-se a famosa batalha de Hochstadt ou de Bleinheim (1704), á qual se seguiram os desastres mais funestos. Os Marechaes Tallard e Marsin commandavam com o Eleitor de Baviera, por parte da França, e por parte do Imperio o Principe Eugenio e Marlborough. Tallard fica prisioneiro; Marsin e o Eleitor retiraram-se, sem se lembrarem de um corpo de doze mil Francezes, encerrado na villa de Bleinheim, que se rendeu sem combate. O Da-



EUGENIO



nubio e o campo de batalha ficaram cobertos de cadaveres. Apenas se salvaram vinte mil homens depois da derrota. A Baviera ficou exposta, e os Imperiaes acommettem a Alsacia, tomam Landau e Trazbach; Marlborough apodera-se de Treveris. Em meio d'estes triumphos morreu em 1705 o Imperador Leopoldo; seu filho e successor José I soube aproveitar-se de todas estas vantagens, pois era dotado de grande genio, e capaz de obrar tudo independente de conselhos.

Já Felippe V vacillava no throno de Hespanha; posto que tivesse a seu favor a maior parte da nação, havia comtudo nas provincias muitos traidores e sediciosos. Inglaterra e Hollanda resolvidas a desthronisa-lo, faziam incriveis esforços em favor do Archiduque, que por motejo era chamado: *Carlos pela graça dos hereges Rei Catholico*. Os Inglezes depois de terem trazido o Archiduque para Portugal, tomam Gibraltar (1704), praça que ainda hoje conservam. No anno seguinte sugentaram ao Archiduque as provincias de Valença e de Catalunha. Em 1706 Marlborough venceu e derrotou o Marechal de Villeroy na batalha de Ramillies; além de vinte mil homens perdeu a França quasi toda a Flandres Hespanhola. Vendôme, victorioso varias vezes na Italia, foi chamado para a Flandres, e em seu lugar veiu o Duque de Feuillade, que foi batido completamente, com o Duque de Orléans e outros Generaes, no sitio de Turin; o Marechal Marsin morreu em consequencia de uma ferida. Perderam-se n'essa occasião na Italia

o Piemonte, o Milanez, os Estados de Modena, de Mantua, e o proprio reino de Napoles.

Não eram menos funestos os successos da Hespanha. Felippe V vê-se obrigado a levantar o sitio de Barcelona. O Archiduque entra em Madrid; porém a Hespanha decidiu-se de uma vez entre os dois contendores: o clero e o povo armaram-se em favor do Rei jurado; a capital brevemente foi libertada, e Felippe entrou em Madrid, onde foi recebido com grandes demonstrações de jubilo. Entretanto ganha o Marechal de Berwick a batalha de Almanza contra as tropas de Carlos, e o Duque de Orléans reduziu Valença e o Aragão, e tomou Lerida na Catalunha, que o grande Condé não podéra render n'outro tempo. A França entretanto não tinha sido incommodada no seu territorio; o sitio de Toulon pelos Inglezes foi logo levantado; porém uma nova derrota na Flandres pôz a cidade de Pariz em consternação. O Duque de Borgonha e o Marechal Vendôme foram vencidos pelo Principe Eugenio e Marlborough em Oudenarde; Lille, Gand e Bruges foram o fructo d'esta derrota dos Francezes.

Em 1709 augmentaram-se muito as calamidades para a França. Clemente XI vendo o Estado Ecclesiastico ameaçado pelos Imperiaes, foi obrigado a reconhecer o Archiduque como Rei da Hespanha. Era este passo terrivel, porque entre povos supersticiosos servia de grande titulo a opinião do Papa. Cercado de tantos conflictos, propõe Luiz a paz com humildade, e é rechas-

sado; as duras condições de seus inimigos, que elle fez publicar por uma circular, applicaram as murmurações do povo; a indignação e a honra suspenderam os sentimentos das infelicidades que padecia. A batalha de Malplaquet, em que os Francezes fizeram prodigios de valor e de obstinação, não lhes foi menos funesta por haver cedido o campo, comquanto os Imperiaes perdessem mais do dobro entre mortos e feridos. Da outra parte do Reino tambem se tinham visto ameaçados de uma invasão; mas o Conde de Bourg, depois Marechal de França, teve a gloria de arrojar o inimigo para além das fronteiras, e de tranquillisar o reino d'aquelle lado.

Não pôde Luiz XIV deixar de humilhar-se novamente debaixo do peso do infortunio; reduzido a pedir a paz aos Hollandezes, além de outras cousas, offerencia reconhecer Rei de Hespanha o Archiduque Carlos, e não dar soccorro algum a Felipe V. Ainda assim pretendem e exigem os inimigos, que Luiz XIV prive do throno a seu neto. Para maior infelicidade a fortuna servia para nutrir a arrogancia dos alliados, que tomaram Douay, Bethuna, S. Venancio e Aire. Em 1709 ainda Felipe V se viu obrigado a abandonar Madrid, porque Luiz XIV tinha mandado recolher as suas tropas para defender-se a si mesmo; e os Hespanhóes duas vezes vencidos em Catalunha, tornam a ser desbaratados em Saragoça por Starhemberg, celebre General Alemão. Tinha Felipe pedido um unico homem á côrte de França, o famoso Duque de Vendôme,

que já não servia depois da triste campanha de Lille. Nunca General algum soube melhor que Vendôme inspirar o entusiasmo militar. Chega elle, e todos julgam ter achado um salvador.

Vendôme viu-se logo com um exercito; depois de ter reconduzido o Rei a Madrid, cerca em Brihuega o General Inglez Stanhope, a quem faz prisioneiro com cinco mil homens, e alcança no dia seguinte em Villa Viciosa uma victoria decisiva contra Stahremberg. — Aqui parece suspenso por um pouco o carro das desditas da França. O Imperador José I morre com trinta e tres annos de idade, no meio de seus triumphos e de sua grande fortuna. Carlos VI, seu irmão, que todos se empenhavam em exaltar ao throno de Hespanha, foi eleito Imperador, depois de um interregno de seis mezes. A paz devia ser o fructo d'este imprevisto successo. Já na Inglaterra se tratava da paz; e as intrigas de côrte muito concorreram para ella. Marlborough pertencia ao partido Whig, e sua mulher tinha sido constantemente valida da Rainha Anna, sobre a qual exercia grande influencia. Porém, tendo o partido Tory alcançado um triumpho contra o governo dos Whigs, succedeu-lhes no poder, e a Duqueza de Marlborough caiu em desgraça; para o que muito concorreu tambem o seu genio altivo e insolente, com que tinha desgostado a Rainha.

Comtudo a côrte não se atrevia tirar a Marlborough o mando do exercito. Enquanto durasse a guerra estava elle seguro de mandar; mas por

morte de José I as cousas tinham mudado de aspecto, e a Inglaterra devia seguir outro systema differente. Todavia a guerra continuava. Marlborough ainda fez tremer a França: acommetteu as linhas do marechal Villars; tentou o sitio de Buchain, e teve o mesmo successo. Quasi que não tinha mais obstaculos que encontrar até Pariz. Felizmente as pacificas idéas da côrte de Londres prenderam a ambição d'aquelle General. Apesar do Imperador e dos Estados geraes, assignaram-se enfim os preliminares de paz, por meio dos quaes se assegurava um limite aos alliados, a demolição de Dunkerque, &c. Marlborough foi despojado de seus empregos, mas conservou as riquezas que tinha adquirido no tempo da guerra. Accusado de roubo dos dinheiros publicos, talvez teria sido victima dos Torys, se a moderação da Rainha o não tivesse salvado.

Em vão chegou o Principe Eugenio a Londres, na esperança de oppôr-se ás idéas do ministerio. Foi recebido n'esta côrte com grandes honras, e perdeu a sua esperança. Ao menos este Principe manifestou a grande estimação, que fazia do heróe desgraçado. Enfim a França começava a respirar. Se os Hollandezes viram a Inglaterra a ponto de os abandonar, foi este um justo castigo da sua arrogancia. Declarou-se-lhes em nome da Rainha, que se deferissem concorrer para os preliminares, esta demora seria reputada por uma negativa. Consentiram elles então em abrir conferencias em Utrecht, onde veremos

nascer uma paz, que todas as nações deviam desejar com grande ancia.

Abriu-se o congresso de Utrecht em Janeiro de 1712, e não correspondeu no principio ás esperanças de Luiz XIV. Por muito grande que fosse o desejo, que a Rainha Anna tinha da paz, queria quanto fosse possível satisfazer aos seus alliados; cujos sentimentos tinham muito pouco de pacifico. O Imperador e a Hollanda mostravam-se oppostos por causa de considerações, que não era facil desfazer diante de difficuldades, que a cada passo contrariavam os Plenipotenciarios Inglezes. Entretanto apparece um novo obstaculo com a morte dos Principes Francezes, filho e netos de Luiz XIV, restando o Duque de Anjou (Luiz XV) com muito pouca saude; e por consequencia o direito de successão á corôa podia passar em breve tempo ao Rei de Hespanha, e por esta fieira de infelicidades vir a acontecer a união das duas corôas, objecto dos temores da Europa. Esta a razão porque a Rainha Anna pediu, como condição essencial da paz, que Felippe V renunciasse pura e simplesmente á corôa de França, e transmittisse os seus direitos ao Duque de Berri, seu ultimo irmão.

No conselho de Versalhes julgou-se que esta renuncia seria nulla pelas leis fundamentaes do reino; porém Bolingbroke, secretario de Estado da Rainha, respondeu, que um Principe pôde desistir dos seus direitos sempre que seja por uma cessão voluntaria. Felippe V consentiu na renun-

cia, alegando tudo quanto elle devia ao zelo dos Hespanhóes, cuja monarchia elle preferia. Os Inglezes separaram-se dos alliados, e assignaram uma suspensão de armas. Todavia a Hollanda redobrava todos os seus esforços para uma nova campanha; o Principe Eugenio, depois de tomar Quesnoy, veiu sitiár Landrecy. A França estava reduzida á ultima extremidade. Um arrojo de Villars salva a França, e prepara o caminho da paz, batendo o Duque de Albermale em Denain, e apoderando-se de Marchiennes, deposito de viveres do inimigo. Retira-se então o Principe Eugenio depois de ter perdido, sem dar batalha, a maior parte do seu exercito; ficando d'esta sorte a França superior, e os inimigos da paz castigados da sua imprudente e cruel ambição.

Publicada a desistencia de Felippe V de todos os seus direitos á corôa de França, as *Côrtes*, antigamente tão poderosas em Hespanha, confirmaram-na, e mudaram a ordem de successão, estabelecendo a lei *salica* na monarchia hespanhola. Vencido todo o obstaculo de parte da côrte de Londres, mudaram os Hollandezes de tom, e pediram humildemente que queriam renovar as conferencias. Finalmente assignou-se a paz em Utrecht (1713), conforme os preliminares, em que Luiz XIV tinha convindo. Portugal foi comprehendido na paz geral. O Imperador Carlos VI, que não tinha querido consentir na paz de Utrecht, teve de assigna-la no seguinte anno, concluindo o tratado de Rastadt (1714), em virtude do qual a França conservou as mesmas

fronteiras estabelecidas pela paz de Riswick. Felippe V sujeita a Catalunha, unica provincia rebelde ás suas leis, e castiga os rebeldes privando-os dos privilegios territoriaes. Morrendo a Rainha Maria Luiza de Saboya, passou Felippe a segundas nupcias, desposando Isabel Farnese, herdeira de Parma, Placencia e Toscana. Entrou logo Alberoni a governar, que sendo de engenho vasto e atrevido, formou projectos immensos, que foram causa de sua ruina.

A paz de Utrecht foi sem duvida um dos maiores tropheos do reinado da Rainha Anna de Inglaterra. Clamaram todavia os Whigs contra a paz com furiosa liberdade. Consummada de desgostos, que lhe augmentavam as suas enfermidades, morreu em 1714 com cincoenta annos de idade. Ella tinha executado em 1706 o projecto, inutilmente tentado por Guilherme III, da reunião de Inglaterra e Escossia em um só reino da *Grã-Bretanha*. A prevenção contra os Catholicos, causada pelo imprudente zelo do ultimo Stuart, tinha feito com que os Inglezes antes preferissem o dominio de um estrangeiro, do que o de um Principe da Casa Real, o de um Inglez. Por morte da Princeza Sophia, o Eleitor de Hanover, seu filho, foi reconhecido sem difficuldade com o nome de Jorge I. Tinha este Principe já cincoenta e quatro annos de idade, e sem embargo, em lugar de sustentar o equilibrio entre os Whigs e os Torys, declarou-se pelos primeiros. Marlborough foi restabelecido no mando do exercito: Bolingbroke perdeu o

logar de ministro, e depois foi accusado de alta traição com Oxford e o Duque de Ormond.

Sobreviveu Luiz XIV pouco tempo á Rainha Anna. Novas disputas theologicas, suscitadas pelo confessor do Rei, envenenaram o fim do seu reinado. Por um edicto registrado em 1714 Luiz chamava á successão os Principes legitimados, não os havendo de sangue; edicto revogado em 1717. O seu testamento, pelo qual estabelecia um conselho de Regencia, não teve força depois da sua morte. O Duque de Orléans o mandou annullar por uma sentença. Conservou Luiz XIV até o fim da sua vida aquelle valor de espirito, que caracteriza uma alma forte. Falleceu no 1.º de Setembro de 1715, aos setenta e oito annos de idade, deixando o Estado empenhado em dois milhares de dividas. A morte de Luiz XIV causou geralmente maior alegria que tristeza. Porém as artes, lettras e sciencias, a urbanidade, os gosos da vida, as leis civis, a policia, a tranquillidade interior, a perfeição em varios generos, e finalmente a illustração da França, immortalisaram a sua memoria.

CAPITULO LIV.

**As Potencias do Norte. Pedro o Grande. Carlos XII. Augusto
Rei de Polonia. Achmet III. Frederico IV de Dinamarca.
Catharina I. Isabel. Catharina II.**

Temos perdido de vista, ha muito tempo, as potencias do Norte, por não entrarem na guerra da successão de Hespanha. Comtudo Carlos XII, Rei da Suecia, e especialmente o Czar Pedro I, seu competidor, faziam-se celebres pelo seu valor e empresas. Pedro o Grande foi de algum modo o portento do seu seculo. A Russia, quasi desconhecida antes d'elle, chegou a ser uma potencia digna de toda attenção por seus desvelos e grande genio. Este immenso Imperio, mais dilatado que o Romano, era uma potencia obscura, sem leis, sem artes, sem commercio, e sujeita a mil revoluções. O Christianismo introduzido na Russia no seculo x, consistia em praticas supersticiosas e absurdas. Já fallámos do Czar João Basilowitz,

que libertou os Russos dos Tartaros; depois da sua morte foi a Russia assolada pelos falsos Demetrios. Miguel Romanow, filho de um Arcebispo que elle fez Patriarcha, foi collocado no throno pelos mais grados d'entre os Boyardos, em 1613, no meio dos tumultos civis. Alexis Michaelowitz, seu filho, publicou o primeiro codigo, que os Russos tiveram, estabeleceu manufacturas, povoou alguns desertos, e finalmente foi o pai de Pedro o Grande.

Por morte de Fedor, irmão mais velho de Pedro, foi este nomeado successor. A Princeza Sophia, irmã de ambos, commetteu os maiores attentados para assenhorear-se do governo. Uma conspiração contra a vida de Pedro foi a causa da sua ruina. Ajuntou Pedro varias tropas, castigou os sediciosos, e mandou recolher Sophia n'um mosteiro. Este Principe, educado na ignorancia, dado ao vinho e a toda qualidade de excessos, era dotado de grande engenho, e formava já o intento de reformar o Imperio. Queria introduzir-lhe as artes, as sciencias, a disciplina militar; queria finalmente crear uma nação nova. Os Russos ainda barbaros, olhavam para os estrangeiros com aversão; sem embargo foi um estrangeiro, o Genebrino Fort, o principal instrumento da revolução mais maravilhosa. Era este mancebo de animo elevado, e o desejo de adiantar-se o levou a Moscow, onde o conheceu Pedro Grande, e concedeu-lhe a sua amisade. Foi elle quem dirigiu e illuminou o Czar. Os primeiros ensaios se fizeram sobre a marinha e

sobre o exercito. Pedro senta praça de soldado em um regimento, e segue os postos para dar exemplo de disciplina aos Boyardos; o mesmo faz com a marinha, exercendo-se na manobra de alguns navios, que elle mandou construir por alguns estrangeiros expressamente com este fim.

Em 1689 concluiu um tratado com Camhi, Imperador da China, a respeito de limites. Era esta a primeira vez que a China mandava uma embaixada e fazia um tratado com uma potencia estranha. Para exercitar o seu exercito, emprehende Pedro a guerra contra os Turcos, toma a praça de Azou, e a sua pequena frota derrota os Saiques de Constantinopla. Pretende viajar para instruir-se, e depois de ter sabida e prudentemente provido as necessidades e negocios publicos, principia a sua viagem pela Livonia, passa á Allemanha, e d'alli á Hollanda, onde se faz admirar disfarçado em trages de artifice, aprendendo a arte de construir navios, vivendo e trabalhando com os carpinteiros; estudando de mais d'isso a anatomia, a historia natural, e as artes uteis. Foi aperfeiçoar-se em Inglaterra, onde aprendeu as mathematicas; e tendo contractado para o seu serviço homens escolhidos de todas as classes, officiaes de marinha, pilotos, cirurgiões, artilheiros, &c., volta por Vienna, com o fim de examinar a disciplina Allemãa, e chega a Moscow em Setembro de 1693, onde a sua presença era muito necessaria.

As preocupações dos Russos contra os usos

estrangeiros, que viam introduzir no seu paiz, causaram uma fermentação, que rebentou em declarada rebelião. Ajuntam-se então os Strelitz, especie de milicia como os Janisaros de Constantinopla, sublevam-se e marcham contra Moscow; mas foram batidos e destroçados pelas tropas regulares do Czar. Apparece entretanto Pedro, ordena varios supplicios, e dissolve para sempre esta milicia. Começa então uma reforma geral, não só no exercito, mas tambem na administração, nos costumes e usos, e na propria Igreja. Mandou cortar as barbas e os vestidos aos seus subditos; aboliu o patriarchado, e prohibiu que ninguem entrasse em clausura antes da idade de cincoenta annos. Mudou a entrada do anno, do 1.º de Setembro para o 1.º de Janeiro, e introduziu o uso do papel na escripta. Quando este Principe trabalhava nos estaleiros de Sardam, a sua intenção era estabelecer uma poderosa marinha, que podesse trazer o commercio aos seus Estados; e como não tinha portos, senão o de Archangel no Mar Branco, cuidou de estender-se para o Baltico. Talvez foi esta a principal causa de o vermos a braços com a Suecia.

Quando Carlos XI, Rei de Suecia, morreu em 1697, seu filho Carlos XII tinha apenas quinze annos, e parecia incapaz de adquirir reputação no throno. Sendo inimigo do estudo, para superar as suas repugnancias levaram-no pela emulação da gloria. Subindo ao throno, tres poderosos inimigos se unem para opprimi-lo.

Deliberou-se no conselho a respeito dos meios de arredar tantos perigos; o Rei foi de opinião que a guerra era inevitavel, e deu logo as ordens necessarias: muda de maneira de viver, reduz-se ao mais simples vestuario, á mesa mais frugal e ordinaria: renuncia a todos os prazeres, e consagra-se para sempre ás fadigaſ e aos combates. Embarca-se Carlos, e dá sobre Copenhague; o Rei de Dinamarca, Frederico IV, pede a paz, e em seis semanas se terminou esta primeira guerra. Já Augusto, Rei de Polonia, tinha levantado o sitio de Riga, capital da Livonia. Impaciente Carlos por vingar-se do Czar, vóa á Ingria com dez mil homens, e ganha a batalha de Narva (1700) contra oitenta mil Russos, de maneira que trinta mil homens se rendem prisioneiros a um pequeno numero de Suecos.

Não desanima o Czar com esta infelicidade, antes trabalha em reparar a sua perda. Os sinos de Moscow se mudaram em peças de artilharia: os lagos Peipus e Ladoga se cobriram de pequenas galeras para combater os navios Suecos, e Pedro é quem dirige todas estas obras. As campanhas de 1701 e 1702 foram misturadas de perdas e successos felizes, assim em terra como nos lagos. Os Russos tomam Mariemburgo, pequena cidade nos confins da Livonia, onde ficou prisioneira uma moça chamada Catharina, que algum dia passará do captiveiro para o throno, succederá ao Czar, e o substituirá dignamente. Comtudo o Rei da Suecia tinha sugeitado a Curlandia, atravessado a Lithuania, e penetrado até o co-

ração da Polonia; ia elle com intenção de tirar a Augusto o throno, e dar depois sobre a Russia com todas as suas forças. Entretanto Pedro fazendo a guerra por uma parte, e mandando soccorros ao seu alliado, funda a cidade de Petersburgo (1703) no fim do golfo da Finlandia, n'um terreno paludoso junto ao rio Neva, que desagua no lago de Ladoga.

O Czar em pessoa cerca e toma de assalto Narva em 1704 para desvanecer de certo modo a infamia da derrota das suas tropas por Carlos XII. O Principe Mentzikow, que tinha saído de humilde condição, obteve o seu governo; pouco tempo havia que Pedro tinha servido de Tenente de Bombardeiros ás suas ordens. Carlos proseguiu no seu plano contra a Polonia: des-thronisa Augusto e faz eleger outro Rei, e humilha a seus inimigos sem querer aproveitar-se de suas victorias. Em um Estado tão mal constituido como a Polonia, onde o povo era escravo e cruelmente opprimido, onde as provincias, ainda que ferteis, eram pobrissimas, onde a nobresa independente não tinha sugeição alguma; onde as deliberações das Dietas se suspendiam pela opposição de um só voto; e finalmente onde subsistiam todos os abusos do antigo governo Tudesco; era quasi impossivel que Augusto se pudesse defender contra Carlos XII. Em 1702 toma Carlos a Varsovia, e declara que não fará a paz, se não elegerem outro Rei.

A Junta de Varsovia declara o throno vago (1704); e não querendo o Principe Alexandre Sobieski

aceitar a corôa, faz Carlos eleger a Stanisláu Leczinski, Palatino de Posnania. Não abandonou por isso o Czar a Augusto; porém sessenta mil Russos, que se achavam na Polonia, assim como os Saxões ao serviço de Augusto, foram vencidos e derrotados muitas vezes. Vendo-se então Augusto sem esperanças, pediu a paz occultamente. O vencedor prescreve por condições, que renuncie a corôa, que reconheça a Stanisláu, e finalmente que entregue Patkul, homem celebre empregado no serviço da Russia, e que o Czar tinha enviado ao Rei de Polonia como General e Embaixador. Augusto sujeita-se ignominiosamente ás leis de Carlos: assigna o tratado, e entrega Patkul, cujo supplicio horroroso foi uma mancha para a reputação do Rei da Suecia. Concluida esta paz no campo de Altrenstat junto a Leipsick, acabou de coroar a fama de Carlos XII, que recebeu immediatamente infinitos Embaixadores.

Pouco faltou para que o Czar não fizesse eleger terceiro Rei de Polonia, e ainda se tratou d'isto n'uma Dieta de Lublin; mas absteve-se considerando, que seria nova origem de destruição e de horrores para esta republica já devastada. Continúa Carlos no seu projecto de invadir a Russia, passa com quarenta e cinco mil homens á Lithuania, onde se achava o Czar, toma-lhe Grodno, e acha-se no caminho de Moscow; mas em vez de o seguir, volta para o Meio-Dia e entra pela Ukrania, na esperança de a sujeitar em pouco tempo. Esta resolução fatal lhe tinha

sido inspirada pelo velho Mazeppa, chefe dos Cossacos, promettendo-lhe que se ajuntaria com elle na frente de um exercito, e que lhe forneceria viveres e dinheiro. Descoberta a perfidia de Mazeppa pelo Czar, manda logo este occupar a Ukraina, e o rebelde apenas pôde reunir-se a Carlos com dois ou tres mil homens. Já os viveres faltavam, e o frio fazia uma horrivel destruição nos Succos. Ainda assim teima Carlos em continuar a sua marcha, até que chega á vista de Pultawa, e põe cerco a esta cidade.

Foi n'esta batalha que se encontraram os dois monarchas competidores. Ferido Carlos dias antes, mandou que o levassem n'uma liteira, que uma bala de artilharia fez em pedaços. Achava-se Pedro, como elle, no maior calor do combate. Nove mil Succos perderam a vida em duas horas, e quatorze mil se renderam prisioneiros. Os Russos perderam sómente mil e trezentos homens. O terrivel Carlos XII reduzido a fugir a cavallo, quando na acção andava em liteira, será o exemplo da inconstancia da fortuna. Exhaurido de forças passa o Dnieper, depois o Bogh, procurando asilo na Turquia. Cuidava Pedro, sem comparação mais sabio e prudente, em aproveitar-se da victoria: corre para a Polonia afim de restabelecer Augusto: faz uma liga com este Principe, com o Rei de Dinamarca, e com o Eleitor de Brandeburgo, primeiro Rei da Prussia: parte depois a conquistar a Karelia e a Livonia; e ambas estas provincias ficam debaixo do seu dominio.

Carlos achava-se com a sua comitiva de mil e oitocentos homens acampado perto de Bender; os Turcos o tratavam generosamente. Os seus agentes procediam em Constantinopla com muita industria nas suas intrigas. O Sultão Achmet III determinou tomar armas contra o Czar. O Kan dos Tartaros da Crimeia influiu muito n'esta resolução, porque como vizinho de Azou tinha tudo que temer dos Russos. Preparou-se Pedro com toda a pressa, antes de dar principio á guerra declarou o seu casamento com Catharina, a captiva de Mariemburgo, que elle tinha recebido occultamente em 1707. — Acompanhava-o por toda a parte, despresava com elle as fadigas e perigos, suavizava os seus trabalhos e moderava as suas furias. No mesmo erro em que caíra Carlos XII fiando-se na palavra de Mazeppa, caiu Pedro contando com Cantenir, Vaivode de Moldavia, que lhe tinha promettido valiosos socorros de viveres e de gente. Tinha o Czar passado o Niester, e entrado na Moldavia até Jassi, ás margens do Pruth.

O exercito Ottomano, que fazem subir a duzentos e cincoenta mil homens com os Tartaros, passa o Pruth, cerca o Czar, e corta-lhe toda a comunicação, com um reforço consideravel que esperava. Não tinha Pedro senão quarenta mil homens para resistir a toda esta multidão. embora a disciplina do seu exercito supprisse a falta do numero, a penuria de viveres começava a causar-lhe grandes inquietações, e parecia annunciar um desastre irremediavel. Foi n'esse

momento critico, que Catharina lhe aconselhou que negociasse com o Grão-Visir; e com effeito o tratado de Falksen salvou a Pedro e o seu exercito a troco da praça de Azou e do porto de Tangarok no mar de Zabache. Furioso Carlos XII com a noticia do tratado, insultou o Grão-Visir, desafiou a Turquia em peso, e defendeu-se no seu pequeno acampamento de Bender contra um exercito (1713): empresa que se tomaria por uma aventura de D. Quixote, se fosse possivel duvidar d'ella. O fructo de sua obstinação foi a perda de todos os seus Estados de Allemanha. O Czar, o Rei Augusto, o Rei de Dinamarca, o Eleitor de Hanover, alliados juntamente, levaram-lhe as antigas conquistas de Gustavo Adolfo.

No combate de Bender respeitaram os Turcos a Carlos XII, a quem podiam facilmente matar, se o tivessem querido. Posto em custodia em Demotica, requereu emfim a sua partida, que verificou em Outubro de 1714, depois de haver estado na Turquia mais de cinco annos. Assim que chegou á fronteira, separou-se da sua gente, disfarçou-se, e correu quasi toda a Allemanha. Em Novembro chegou a Stralsund na Pomerania. Cercado no anno seguinte pelos Prussianos, Saxões e Dinamarquezes, defende-se até que, rendendo-se a cidade, elle pôde escapar em uma pequena barca, a instancias dos seus officiaes. Passa o inverno em Carlescroon sem querer voltar a Stokholmo, depois de quinze annos de ausencia. Ordena novos preparativos

de guerra: alista-se a mocidade; e estando a Suecia em perigo, intenta conquistar Noruega á Dinamarca, onde entra com vinte mil homens, sem ter provido á sua subsistencia. A falta de viveres o obriga a retroceder.

Entretanto o Barão de Gortz, seu primeiro ministro, homem dotado de engenho vasto, activo, astuto e insinuante, trabalhava por concluir a paz, e fazer uma alliança com o Czar, para opprimir depois os outros inimigos da Suecia. O Cardeal Alberoni, ministro de Hespanha, de character semelhante ao de Gortz, abraçou as suas idéas, e o Czar a quem se devia abandonar tudo quanto tinha conquistado, admitiu as proposições e continuou brandamente a guerra. Gortz era detestado na Suecia por causa de uma medida violenta, que a grande necessidade de dinheiro o tinha obrigado a tomar, dando o valor da prata a uma moéda de cobre. Carlos, talvez por obstinação, se entregou cada vez mais aos seus conselhos, abandonou-lhe o governo, e o deixou arbitro das negociações com a Russia. Encaminhavam-se todas ao seu fim, quando um successo fatal rompeu todos os projectos. Tinha o Rei passado por segunda vez a Noruega afim de abater e humilhar Frederico IV, Rei de Dinamarca; e sitiando Fredericshall no mez de Dezembro de 1718, morreu de uma bala de columbrina na idade de trinta e oito annos; tendo sómente dezoito quando ganhou a celebre batalha de Narva contra os Russos.

Tendo o Rei morrido sem filhos, e ficando

suas duas irmãs casadas, uma com o Duque de Holstein, e a outra com o Landgrave de Hesse-Cassel, a corôa tornou-se electiva em virtude de uma lei de 1604, renovada em varias Dietas. Sem embargo, sua irmã Utrica Leonor, esposa do Landgrave, foi collocada no throno pela Dieta na entrada do anno de 1719; a qual condescendendo com a vontade dos Suecos, aceitou uma constituição, em que o poder absoluto foi abolido, e o governo representativo definitivamente organizado e estabelecido. D'esta constituição procederam leis dignas de toda a attenção; entre outras a que trata da educação dos Principes, e proscreeve o luxo e a pompa, afim de que a sua propria economia sirva de exemplo aos vassallos. Assim que se estabeleceu o novo governo, desvaneceu-se logo o systema de Gortz, que pagou com a vida os máus conselhos que tinha dado a Carlos XII. Conhecia-se muito bem a necessidade da paz, que se concluiu no anno de 1720 com differentes Estados; isto é, com a Inglaterra, com o Rei da Prussia Frederico Guilherme, e com o de Dinamarca.

Continuou sómente a guerra com a Russia até o seguinte anno (1721), em que se assignou a paz; conservando o Czar as provincias conquistadas (*). Este conquistador e legislador, cujas viagens, empresas e successos excedem as

(*) Depois da paz deram os Russos o titulo de *Imperador* a Pedro Grande: titulo que as Potencias da Europa reconheceram; muito inutil porém á sua gloria.

de Carlos-Magno, rematou a sua carreira com uma expedição para a parte da Persia, afim de assegurar o Imperio do mar Caspio. O que faltou á felicidade de Pedro, foi o deixar um herdeiro á sua corôa. Aleixo Petrowitz, filho de sua primeira mulher, tinha morrido em 1718 do modo o mais tragico. Tinha-lhe sua mãe transmittido uma cega superstição, que o fazia abominar as innovações do Czar; varios sacerdotes abusaram da sua confiança para manter estas preoccupações, a que elle unia os maiores e mais excessivos vicios. Brevemente fez morrer de paixão a Princeza de Brunswick, sua esposa, e cunhada do Imperador Carlos VI. N'uma palavra, Aleixo parecia ter nascido para destruir algum dia as grandes obras de seu pai.

Debalde o reprehendeu Pedro e ameaçou: o Principe fugiu para Vienna; mas em virtude de ordens terriveis, acompanhadas de promessas de perdão, volta para a Russia; onde, logo que chegou, foi preso, julgado e condemnado á morte. Ouvindo ler a sentença, deu-lhe uma forte convulsão, e expirou no dia seguinte. Os rumores injuriosos, que se espalharam a respeito da sua morte, especialmente contra a Czarina, são refutados pelo famoso escriptor do qual fizemos este extracto. Pedro e Catharina perderam no seguinte anno (1719) o filho, para quem o throno estava destinado. Parece certo que a intenção do Czar era que sua esposa reinasse por sua morte; para o que mandou-a coroar e sagrar em 1724, cerimonia desconhe-

cida entre os Russos (*). Morreu Pedro no mesmo anno (1724) com cincoenta e tres de idade, sem ter nomeado herdeiro. Podia a corôa passar á sua filha Anna Petrowna, casada com o Duque de Holstein, ou a Pedro seu neto, filho do infeliz Aleixo, cuja morte referimos.

O Principe Mentzikow, apaixonado sempre pela Imperatriz, preveniu os partidos contrarios apoderando-se do thesouro, das guardas, e ganhando o beneplacito dos Bispos. Convocaram-se os Senadores, os officiaes Generaes e os Bispos, e no mesmo dia foi Catharina acclamada; e n'isto esteve a felicidade do Imperio. — Tornemos aos estabelecimentos de Pedro o Grande. Ao voltar de uma viagem á França em 1718, onde adquirira muitas idéas, trabalhou em aperfeiçoar a reforma. Creou em Petersburgo um tribunal de policia, que estendia a sua vigilancia

(*) Dizia-se geralmente que Catharina tinha uma grande ascendencia sobre o animo irascivel e indomito do Czar; comtudo não pôde ella obter o perdão de uma dama, sua valida, convencida de ter recebido presentes, o que era severamente prohibido a toda a pessoa, que tivesse emprego. Enojado o Czar com as suas instancias, encolerisou-se de forma que quebrou um espelho de Veneza. *Vês, lhe disse o Czar, que basta uma pancada para reclusir este espelho ao pó, que d'antes era.* Soceguou-o Catharina respondendo com brandura: *Bem está, quebrastes o que era o ornato do vosso palacio; julgais que assim ficou sendo mais vistoso?* Catharina porém obteve apenas que a dama, em logar de onze açoutes de *Knout*, levasse somente cinco. O *Knout* é uma especie de flagellação sanguinolenta.

sobre todas as provincias; alimpou as cidades de mendigos; deram-se providencias para a educação da mocidade e subsistencia dos orphãos; as manufacturas e fabricas chegaram a florescer; a uniformidade dos pesos e medidas facilitou o commercio, e trabalhou-se com igual successo e intelligencia n'um canal de communicação do mar Caspio com o Baltico pelo rio Wolga.

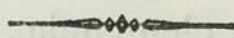
Não podia a legislação deixar de merecer a attenção de um Principe tão attento aos verdadeiros objectos do governo. Publicou Pedro um codigo extrahido das leis da Suecia; infligiu graves penas aos nobres maculados pela justiça; reformou o Clero, supprimiu o Patriarchado, e em seu lugar estabeleceu um Synodo perpetuo composto de doze membros, nomeados pelo Czar; deu regulamentos a respeito dos monges e das freiras, e conteve a perseguição armada contra a seita de Razholniki, a unica conhecida na Russia, cuja heresia consistia em não dizer mais que duas vezes *Alleluia*, e em fazer o signal da cruz sómente com tres dedos. As suas leis não podiam ser perfectas, mas devem considerar-se como origem de outras melhores, que viriam para o futuro. A reforma ecclesiastica não era menos difficultosa, do que importante, n'um paiz barbaro e cheio de superstições; todavia o Czar teve o valor de arrostar as prevenções do Clero, e de afogar as suas intrigas; e assim consummou a grande obra da reforma politica, civil e religiosa do seu paiz.

Se o throno de Pedro o Grande foi substituido

por tres mulheres, e se adquiriu novo esplendor apesar das revoluções de palacio, foi isto devido a causas fóra do alcance do espirito humano. Catharina I, que apenas sobreviveu ao Czar tres annos, morreu em 1727. Pedro II, filho do infeliz Aleixo, reinou até 1730. Anna, Duqueza de Curlandia, filha do irmão primogenito de Pedro I, succedeu-lhe por uma intriga de côrte, e Biren, ou Biron, válido d'esta Princeza, governou tyrannicamente. Por morte de Anna em 1740, foi reconhecido João III, filho de sua sobrinha a Princeza de Brunswick. A mãe do novo Imperador apoderou-se da regencia; mas Lestoc, cirurgião estrangeiro, conspirou a favor de Isabel, filha de Pedro o Grande, e conseguiu os seus intentos. João e a Regente foram presos para sempre em 1741. — Todos sabem que Isabel se distinguiu pela sua clemencia, promettendo que ninguem seria castigado com pena de morte no seu reinado, que muito se distinguiu tambem pelas conquistas feitas ao Rei da Prussia, durante a guerra de 1756.

Morreu Isabel em 1762, e succedeu-lhe tranquillamente Pedro, Duque de Holstein, seu sobrinho, declarado antes Duque da Russia. Posto que elle tivesse ao principio conciliado os nobres, constituiu-se em breve tempo odioso pelo seu procedimento despresivel. O Clero sobretudo aborrecia-o como inimigo da Igreja. Uma revolução repentina collocou no throno a Princeza de Anhalt-Zerbst, sua esposa, com a qual já elle não vivia. Esta é a Imperatriz Catharina II,

cujas luzes e talentos exaltam a gloria da Russia até o mais elevado gráu. As revoluções d'esta côrte foram semelhantes quasi sempre ás do ser-ralho de Constantinopla. A razão é manifesta: quanto mais despotico é o soberano, tanto mais dominam nos palacios a intriga e a violencia. Quasi todos aquelles que fizeram a primeira figura na Russia, um Mentzikow, um Biron, um Munich, um Ostermann, um Lestoc, &c., foram successivamente precipitados do mais alto gráu de fortuna para o abysmo da miseria. Voltemos outra vez para os negocios geraes da Europa.



CAPITULO LV.

Guerra do Imperador com os Turcos. O Cardeal Alberoni. O systema de Law. O Duque de Orleans, Regente de França. Luiz XV. Duas abdições. Carlos Manoel III. Jorge II. Maria Thereza de Austria. Frederico II, Rei da Prussia. O Principe Carlos de Lorena. O Pretendente Carlos Eduardo. Francisco de Lorena Imperador. O Marechal de Saxonia (de Saxe). Henrique Frison, Stathouder. O Tratado de Aquisgran. Carlos III de Hespanha. Jorge III de Inglaterra. Tratados de Pariz e de Hubertsburgo em 1763 (*).

Permaneceram os Turcos em completa inacção durante as guerras da successão de Hespanha. Ao mesmo tempo que o Imperador Carlos VI exauria as suas forças contra a França, estiveram estes inimigos do nome christão tranquillos e em descanso. Não atacaram os Russos senão para fazer a paz com o Czar, no mesmo instante em que era facil arruina-lo. Esperaram pela pacificação de Utrecht e Rastadt para tomar a

(*) Desde a morte de Luiz XIV até a paz de 1763.

Morea aos Venesianos. Armou-se então o Imperador, como fiador do tratado de Carlowitz, e os Turcos foram desbaratados (1716) em Peterwaradin pelo Principe Eugenio. Foi tomada a praça de Temeswar, a unica da Hungria, que estava ainda no poder dos Ottomanos. No seguinte anno tomou Eugenio a importante praça de Belgrado, depois de ter sido investido no seu campo, e escapado ao maior perigo por meio de segunda victoria. Concluiu a paz em Passarowitz no anno de 1718. O direito senhoreal de Temeswar, Belgrado, e o reino de Servia, augmentaram a potencia austriaca; mas a Morea não foi restituída aos Venesianos.

Pretendia Alberoni, primeiro Ministro de Hespanha, transtornar a Europa, restabelecendo o filho de Jacques II no throno de Inglaterra, e fazendo passar para Felippe V a regencia de França, que o Duque de Orléans exercia sem limites, tendo o parlamento de Pariz annullado o testamento de Luiz XIV que a restringia. O Embaixador de Hespanha, a Duqueza de Mainc, o Cardeal Polignac, e outros muitos davam traças para tirar ao Regente o seu logar. Descoberta a intriga, foi preso o Embaixador, e a França se armou contra o neto de Luiz XIV. Por felicidade durou a guerra só dois annos. Felippe V, naturalmente pusillanime, despediu o Cardeal Alberoni, e fez a paz em 1720. Desde 1711 se tinha levantado na Sicilia grande disputa sobre certos privilegios ecclesiasticos; os procedimentos violentos de Clemente XI provocaram outros de

parte de Felippe V, que reinava então na Sicilia; e o Papa foi obrigado a desistir. Ainda n'este Pontificado se observam algumas intrigas, que tendem a negocios politicos das côrtes de França e de Hespanha, afim de que fosse registada a bulla *Unigenitus*, que tinha soffrido grande opposição.

Emquanto o Padre Daubenton intrigava na Hespanha sobre ajuste de casamentos, a França estava agitada por uma demencia, que lhe foi bem funesta. João Law, Escossez fugitivo, tinha imaginado pagar com papeis a enorme divida do Estado. O Duque de Orléans, amante de novidades, e impaciente por livrar-se d'esta divida, approvou o seu systema. Uma companhia de commercio tinha de embolçar, sobre os lucros suppostos que fazia na America e n'outras partes, os dois milhares que Luiz XIV ficou devendo por sua morte. O exito correspondeu no principio ás esperanças de Law; porém uma cobiça insaciavel e cega fez desacreditar em breve tempo a empresa com a ruina e miseria de quinhentas e onze mil familias. Viu-se Law obrigado a fugir, e o Erario teve que reconhecer de novo uma divida de mil e seiscentos milhões em dinheiro, liquidada por um tribunal creado para restabelecer a boa ordem na fortuna publica, ameaçada por uma banca-rotta geral.

A fortuna do Cardeal Dubois, filho de um boticario de Limousin, foi tão extraordinaria e mais solida do que a fortuna de Law. Chegou Dubois a ser primeiro Ministro do Regente, cujas

paixões tinha sabido lisongear. Depois da morte de Dubois, o mesmo Duque de Orléans tomou o titulo de primeiro Ministro, porque Luiz XV já era maior. Pouco tempo depois morreu o Duque de Orléans (1723), e succedeu-lhe no ministerio o Duque de Bourbon-Condé, que em breve tempo foi substituido pelo Cardeal de Fleury, velho de sessenta e tres annos, porém amavel, docil, pacifico, e amigo da boa ordem e economia; o que foi um alivio para a monarchia n'umas circumstancias, em que havia maior necessidade de parcimonia que de esplendor. A paz de que gosou a Europa, desde o tratado de Utrecht até 1734, perturbada sómente por um breve rompimento entre a França e Hespanha, e por outro muito mais breve entre Hespanha e Inglaterra, pouca materia offerece para a historia. Porém d'aqui por diante veremos apparecer novos motivos de discordias, começando pelo interessante espectaculo da abdicção de dois monarchas.

Determinou Felippe V renunciar a corôa por enfermo, devoto e melancolico, entregando o sceptro a Luiz, seu filho primogenito (1724), Principe moço e de grandes esperanças. Morreu Luiz no mesmo anno, e Felippe viu-se obrigado a subir novamente ao throno. As *Côrtes* reconheceram por herdeiro da corôa o Infante D. Fernando. A abdicção do Duque de Saboya e Rei de Sardenha foi nos effeitos mui diversa da de Felippe V. O famoso Victor Amedeo entregou em 1730 o sceptro a seu filho Carlos Manoel III;

porém no seguinte anno arrependeu-se e quiz mudar a ordem já estabelecida. Para assegura-la julgou o Conselho necessaria a prisão do antigo Rei, e a sabedoria e prudencia de Carlos Manoel justificaram este procedimento: um raro exemplo de governo offerece o seu reinado. No centro da paz geral quiz a Rainha de Hespanha, Isabel Farnese, estabelecer seu filho D. Carlos na Italia, com a investidura de Parma, Placencia e da Toscana. Suscitam-se por esta vez novas discordias entre as côrtes de Vienna e de Madrid; mas Innocencio XIII auxiliando a D. Carlos, que appareceu com um exercito formidavel, fê-lo reconhecer em Florença por herdeiro do Grão-Duque.

D'onde menos se esperava sobreveio uma tempestade, que ateou o fogo da guerra na Europa. Morre em 1733 Augusto II, Rei de Polonia. Estanisláu, seu antigo competidor, é novamente eleito com toda a solemnidade; porém Carlos VI manda fazer segunda eleição a favor do filho do morto, casado com uma de suas sobrinhas. Augusto III triumpho do mesmo modo que seu pai. Declara a França guerra ao Imperador; em dois annos (1734 e 1735) viu-se o Imperador despojado do que possuia na Italia, e obrigado a fazer a paz, na qual a Hespanha obteve para D. Carlos o reino das Duas Sicilias em troca de Parma, Placencia e da Toscana. Finalmente affiançou a França pelo tratado de Vienna (1738) a Pragmatica Sancção de Carlos VI, a respeito da successão da casa de Austria. Ateou-se no

entanto entre Hespanha e Inglaterra uma guerra maritima por causa de interesses do commercio. Tinha Jorge I fallecido em 1727, e seu filho Jorge II subiu ao throno de Inglaterra, julgado pela nação mais digno de reinar do que seu pai.

Roberto Walpole, Ministro illustrado e pacifico, desejava a paz; porém o genio ambicioso dos Inglezes aspirava ao imperio do mar, e o systema do Ministro não foi adoptado. A guerra foi portanto declarada contra a Hespanha em 1739. O Almirante Vernon, depois de tomar Porto-Bello, foi bloquear e sitiare Cartagena. Entretanto renovou-se a guerra entre Carlos VI e os Turcos; não estando o Imperador em estado de rechassar o inimigo, aproveitou-se da mediação que a França offerencia, e celebrou-se a paz (1739) no campo dos Turcos. Um mez depois concluíram os Turcos outro tratado com a Russia, que se tinha apoderado novamente de Azow. Ainda reinava a Czarina Anna; o destino singular dos Russos era que a gloria do seu imperio, estabelecida por um grande homem, se augmentasse rapidamente no governo de mulheres.

Morre Carlos VI em 1740 sem herdeiro varão. Em virtude da Pragmatica Sancção, toda a herança da sua casa devia passar a Maria Thereza, sua filha primogenita, esposa de Francisco de Lorena, Grão-Duque da Toscana. A Pragmatica tinha sido affiançada por todas as potencias, porém o Principe Eugenio, que fallecêra em 1736, dizia que a melhor fiança era um exercito de cem mil homens. Varios Principes pretendem a suc-

cessão; porém Maria Thereza, Princeza virtuosa e prudente, tomou posse da grande herança de seu pai sem que ninguém se lhe oppozesse. Frederico II, Rei da Prussia, Principe de vinte e oito annos, até então pouco conhecido, foi o primeiro que principiou uma guerra, que devia em breve tempo abrasar a Europa. Seu pai tinha-lhe deixado um thesouro immenso com um exercito de mais de cem mil homens. Frederico II, formado na escola das desgraças, com superiores talentos, inimigo do luxo e do fausto, valente e audaz, achou-se em circumstancias de emprehender o que ninguém teria ousado n'aquelle tempo.

Pouco havia que Frederico fôra exaltado ao throno. O motivo que teve para a guerra foi a pretensão sobre alguns Ducados da Silesia. Um mez depois da morte do Imperador, entra n'esta Provincia com trinta mil homens, e ganha (1741) a batalha de Molwitz. O Rei da Prussia julgava que a sua conquista animaria as outras potencias a tomar parte na luta contra Maria Thereza; e não se enganou, porque a França, apesar do genio pacifico do Ministro Fleury, formou logo o intento de enfraquecer a nova casa de Austria, alcançando para o Eleitor de Baviera a corôa Imperial e uma parte dos Estados de Carlos VI. Deviam unir-se com os Reis da Prussia e de Polonia os Eleitores de Brandeburgo e Saxonia, interessados no desmembramento da successão; e Maria Thereza devia ser expoliada de varios ramos d'esta herança, affiançada pelos tratados.

Infallivel parecia o successo; porém quantas contrariedades não lhe podiam servir de obstaculo!

O Eleitor de Baviera, creado Tenente-General de Luiz XV, apoderou-se logo de Passau, e entrou pela Austria até Lintz. Porém em lugar de marchar contra Vienna, dá sobre a Bohemia para se fazer corôar em Praga com o nome de Carlos VII. Entretanto Maria Thereza tinha-se refugiado na Hungria, onde excitou o enthusiasmo d'aquelles povos a seu favor. A nação Ingleza tambem se declarou toda por aquella heroína, tanto que as damas fizeram uma subscrição de cem mil libras para soccorre-la, que ella não quiz aceitar. Os inimigos da Rainha de Hungria (titulo que tinha Maria Thereza) commetteram multiplicados erros. O Principe Carlos, seu cunhado, irmão do Grão-Duque, com os seus Panduros e Huzares cançava e destruia todas as tropas contrarias. Mostra então o Cardeal de Fleury desejos de fazer a paz. Carlos VII despojado, até mesmo da propria Baviera, andava errante e vagabundo, experimentando quasi a mesma sorte que seu pai. Os Francezes tinham-se retirado do interior da Allemanha para o Rheno com menos de treze mil homens, reliquias de um grande exercito.

Os Inglezes defendiam a Rainha de Hungria como auxiliares, do mesmo modo que a França defendia o Imperador Carlos VII. Encontraram-se pois em 1743 os Inglezes e Francezes na batalha de Dettingen, que devendo ser funesta para os

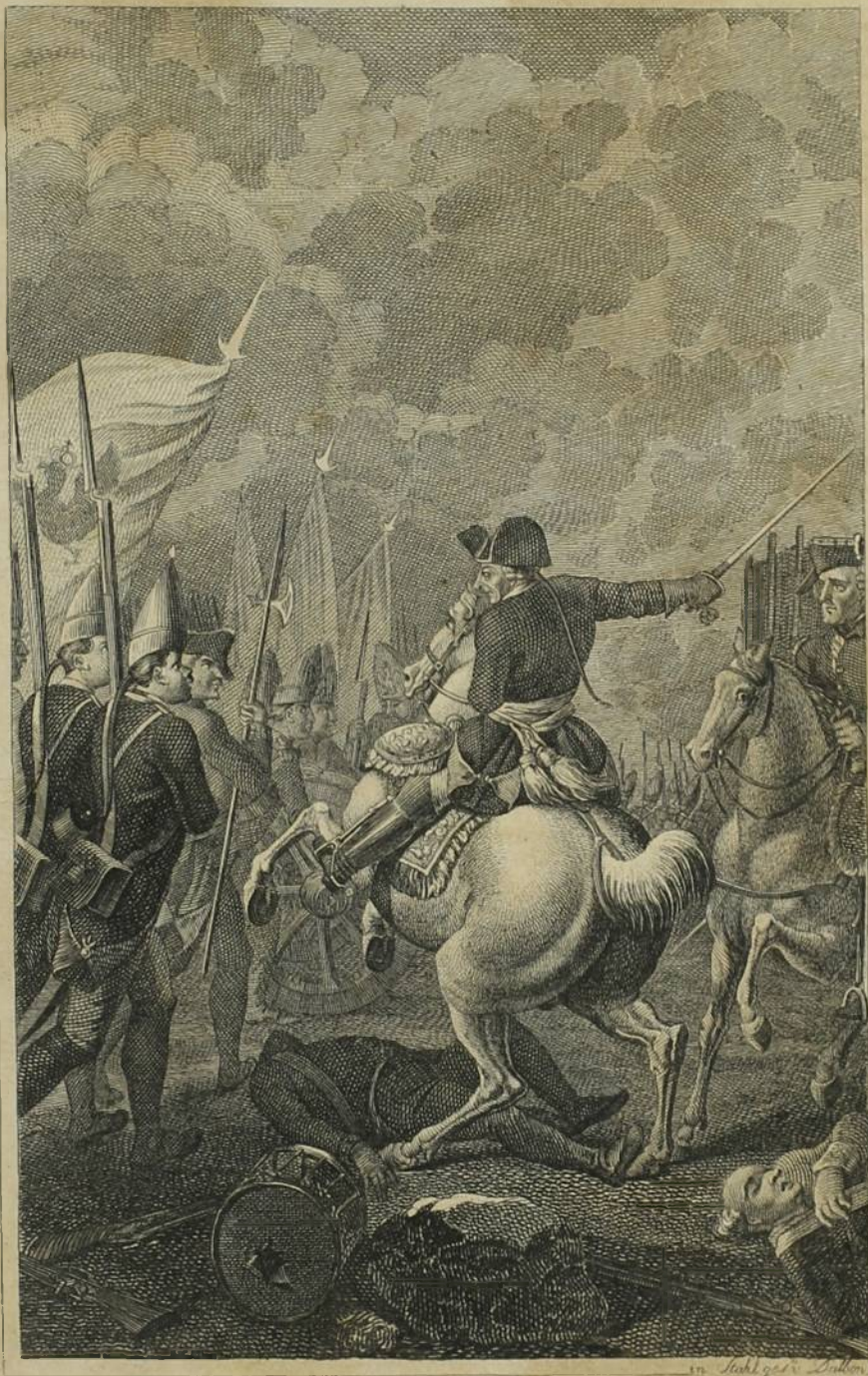
primeiros, foram os ultimos os que perderam o campo. Não podia a Italia escapar ao incendio da guerra. Declara-se o Rei de Sardenha a favor dos Austriacos. Os Inglezes obrigam o Rei de Napoles a mandar retirar as suas tropas do exercito de Hespanha. Em 1744 um exercito francez passa os Alpes commandado pelo Principe de Conti; toma Villa-Franca e Montalban, e ganha a batalha de Coni; porém a má estação o obrigou a passar outra vez os montes. Varias outras expedições se fizeram na Italia, onde muitos se declararam neutros por temor, ainda que pertencessem a algum partido; excepto Benedicto XIV, pontifice dotado de grande sabedoria, o qual obrava segundo os principios de pai commum.

A Rainha de Hungria, triumphante na Alemanha, tinha feito a paz com o Rei da Prussia, deixando-lhe a Silesia pelo tratado de Breslau. Carlos VII, fugitivo em Francfort, não tinha já senão um vão titulo de Imperador, que Maria Thereza pretendia para seu esposo. Na critica situação dos negocios, faz Luiz XV a sua primeira campanha (1744); entra pelos Paizes Baixos e toma varias praças. Sabendo-se que o Principe Carlos de Lorena tinha passado o Rheno, que está na Alsacia, onde faz progressos, deixa Luiz o theatro das suas conquistas, e vai soccorrer as provincias. Assim que chega a Metz recebe a noticia, que o Rei da Prussia tinha invadido a Bohemia com medo de que Maria Thereza, tornando-se poderosa, lhe não roubasse algum dia

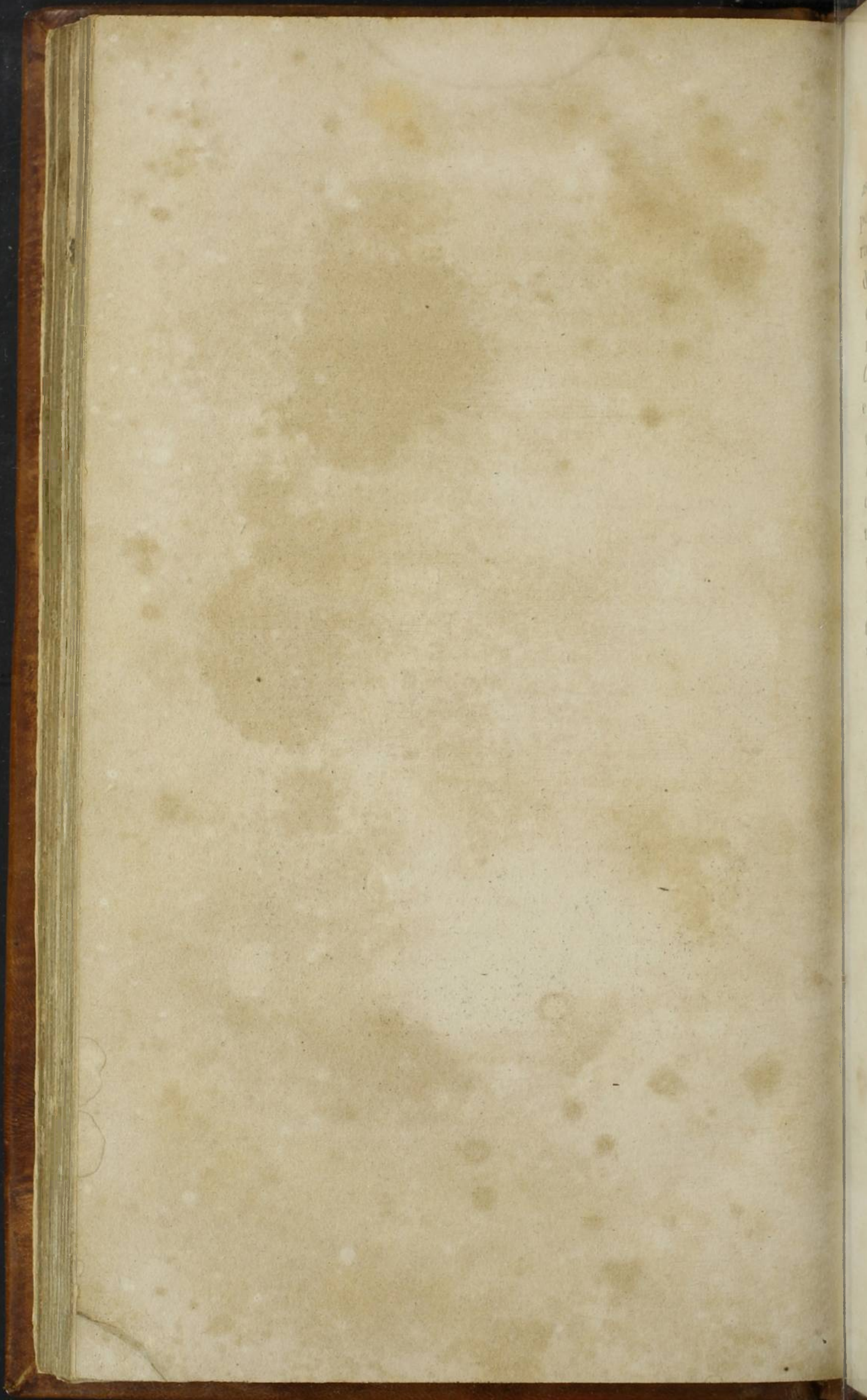
o fructo de suas victorias. Frederico acommette e toma Praga em dez dias, ficando prisioneira a guarnição de quinze mil homens. Torna a passar o Principe Carlos o Rheno, e com a velocidade do raio obriga os Prussianos a evacuar a Bohemia.

Morre Carlos VII em Janeiro de 1745, e seu filho Maximiliano José viu-se em breve tempo obrigado a desligar-se da França. Depois da morte do Imperador devia esperar-se, que esta guerra acabaria por si mesma; mas ella se tornava uma guerra de paixão. Os Inglezes ameaçados por um desembarque do Pretendente, Carlos Eduardo, entregaram-se ao odio do nome francez, e o seu dinheiro corria por toda a parte com profusão: todos os aliados pareciam estar a seu soldo. Já a herdeira da casa da Austria não só não queria ceder nada, como julgava ter direito para reclamar varias compensações. Finalmente viu-se a França obrigada a continuar a guerra com vigor, e tomou as medidas mais efficazes. Tinha-se posto sitio a Tournay; determinam os inimigos dar combate; põe-se Luiz XV em pessoa á frente do exercito, e em 11 de Maio de 1745 ganha a famosa batalha de Fontenoi contra os Inglezes, Hollandezes e Hanoverianos.

Poucos dias depois venceu o Rei da Prussia uma batalha na Silesia, e escreveu a Luiz XV, dizendo-lhe: *Paguei em Friedbergue a letra de cambio, que sacastes contra mim em Fontenoi.* A moderação de Frederico era tanta, que depois da sua victoria mandou offerecer a paz, sacrificando



FREDERICK II



as suas conquistas pela pacificação da Europa; porém não foi aceita, e bem depressa se colheram todos os fructos de Fontenoi com a entrega de Tournay, e com a submissão de todo o Condado de Flandres. Não foram menos rapidos na Italia os successos da campanha de 1745. O Rei de Sardenha, entrincheirado entre Valença e Alexandria, foi atacado e obrigado a retroceder até Casal; D. Felippe, irmão do Rei das Duas Sicilias, ficou logo senhor de Milão, Parma, Placencia, Monferrato, dos Estados de Tortona, &c. Pelo mesmo tempo o Principe Carlos Eduardo, que tinha desembarcado na Escossia com sete officiaes, fazia-se acclamar Regente em Edimburgo. Trataremos logo d'esta expedição. Triumphava-se; brevemente reinará a consternação.

Tinha obtido a Rainha de Hungria o que desejava: seu esposo, Francisco de Lorena, foi eleito Imperador em Setembro de 1745, posto que o Rei da Prussia ficasse então victorioso, e o Principe de Conti mandasse um exercito francez junto a Francfort. O Rei da Prussia, desejando fazer a paz, invade a Saxonia, ganha a batalha de Dresde, e assigna um tratado com a Imperatriz Rainha, e com o Eleitor de Saxonia Rei de Polonia, pelo qual reconheceu o Imperador Francisco I, a trôco da Silesia novamente cedida. A separação de um tão poderoso alliado não podia deixar de ter funestas consequencias para a França; immediatamente tudo mudou de figura no theatro da guerra. Assim que Maria Thereza deixou de temer o Rei da Prussia, man-

dou novas tropas para a Italia. A batalha de Placencia, em que os Francezes e Hespanhóes foram vencidos pelos Austriacos, decidiu de uma prompta retirada; Placencia abriu as portas ao inimigo, que chegando a Genova abandonada tambem, impôz-lhe as mais duras condições.

Marcham os Austriacos sobre a Provença, e passam o Var. O Marechal de Belle-Isle conseguiu suspender os seus progressos, até que tendo um bom exercito na entrada do anno de 1747 obrigou-os a retirar-se. Genova gemia debaixo da mais tyrannica oppressão; obrigada a pagar uma contribuição de vinte e quatro milhões, sublevou-se quando já tinha pago dezeseis. A côrte de Vienna, segura da vingança, exigiu além dos oito milhões, que ainda se deviam, trinta para a reparação das perdas. França e Hespanha mandaram soccorros aos Genovezes. O Duque de Boufflers, e depois o Marechal de Richelieu, salvaram aquella republica, exposta a uma ruina total. Felipe V tinha morrido com sessenta e tres annos de idade; seu filho, Fernando VI, Infante do primeiro matrimonio, subiu ao throno n'esta arriscada conjunctura. Se buscarmos a origem de todas estas infelicidades, acharemos que foi o imprevisto tratado do Rei da Prussia com Maria Thereza. Os esforços que teria sido necessario fazer contra elle, os Imperiaes os fizeram na Italia. É o interesse o que fórma geralmente as allianças, e o mesmo interesse as dissolve.

Ao mesmo tempo que na Italia soffria a França

irreparaveis contratempos, triumphava nos Paizes-Baixos do modo mais glorioso. Bruxellas tomada pelo Marechal de Saxe, depois Antuerpia pelo Rei em pessoa; Mons pelo Principe de Conti; Namur pelo Principe de Clermont; outras muitas praças vencidas rapidamente, e a victoria de Raucou perto de Liege, assignalaram a campanha de 1746. Victorioso Luiz XV não deixava de offerecer a paz; as conferencias de Breda não produziram effeito algum. Era mister resolver os Hollandezes, e para isso entrou o Rei pelas suas terras, e tomou-lhes varias praças (1747). O povo, as cidades, quando viram o Estado em perigo, pediram um Stadhouder; de maneira que se viram obrigados a restabelecer esta dignidade, abolida depois da morte de Guilherme III. Não só crearam Stadhouder a Henrique Frison, Principe de Orange da casa de Nassau Dietz, como até constituiram hereditaria esta dignidade. Os Inglezes tomam a seu soldo um exercito russo; mas antes que chegasse, ganhou o Marechal de Saxe a celebre batalha de Lawfeld contra os Inglezes, capitaneados pelo Duque de Cumberland, filho de Jorge II.

Perderam igualmente os Hollandezes a praça de Berg-op-Zoom, que reputavam invencivel. Todavia, dois mezes depois da tomada d'esta praça, veio a sanguinolenta batalha de Assieta, em que morreu o Conde de Belle-Isle, irmão do Marechal, corôar os desastres succedidos na Italia. Por outra parte a expedição do Principe Carlos Eduardo, que ao principio tinha sido

tão feliz, acabou do modo mais funesto para aquelles que se tinham compromettido a seu favor. Desembarcando na Escossia com sete officiaes, logo se lhe uniram alguns chefes das Tribus (Clans) montanhezes com mil e quinhentos homens, e com elles apoderou-se de Perth, e marchou sobre Edimburgo, onde foi aclamado Regente em lugar de Jacques III seu pai. Vem um General Inglez com mais de quatro mil homens; o Principe vôa para o combater, e alcança uma victoria completa. Depois de vencer duas vezes em Janeiro de 1746, retira-se para Inverness. O Duque de Cumberland lhe foi no alcance, e a 27 de Abril derrotou-o completamente em Culloden. Carlos Eduardo, reduzido a fugir, e a occultar-se em logares paludosos e em cavernas, pôde chegar á costa, e salvar-se em uma fragata franceza que já o esperava.

Temos que fazer uma pequena digressão sobre a America e as Indias Orientaes, onde veremos outras tantas violencias como na Europa, ou mais ainda, por causa do espirito de destruição, que se tinha apoderado de todos os conquistadores longe da civilisação europea. A superioridade dos Inglezes na Marinha lhes dava grande vantagem sobre a França e sobre a Hespanha; tanto que o commercio d'estas nações chegou a ficar á mercê dos corsarios inglezes. O *Commodore* Anson, depois de queimar Paíta nas costas do Perú, tomou o mais rico Galeão de Manilha em 1743. O Capitão Talbot, simples corsario, fez elle só uma presa aos Hespanhóes avaliada

em vinte e seis milhões de libras tornezas. Já os Inglezes meditavam a conquista do Canadá, e por fim tomaram Luisburgo, com varios navios francezes ricamente carregados. Anson, tendo chegado a ser Vice-Almirante, ganhou a batalha naval de Finisterra. No mesmo anno de 1747 venceu contra o Almirante Hawke, e a marinha franceza achou-se reduzida a uma só náu.

Porém a companhia franceza da India tinha náus de guerra e tropas; com ellas empreheendeu La Bourdonnaie, governador da ilha de Bourbon, o sitio de Madrasta na costa de Coromandel, que era o principal estabelecimento dos Inglezes. Tomada a cidade, estipulou um resgate e retirou-se. Du Pleix, Governador geral de Pondichery, desapprovou esta capitulação, destruiu uma parte de Madrasta, e perdeu o fructo da conquista. La Bourdonnaie volta para a França, é preso na Bastilha, onde esteve mais de tres annos, e morre depois de uma enfermidade contrahida na prisão.

Du Pleix salvou Pondichery em 1748, acommettida pelo Almirante Boscawen; porém metteu-se nas guerras civis entre os Nabahes, vassallos do Grão-Mogol, e foi mal succedido. Chamado para França, morreu de paixão em consequencia de um processo com a companhia da India. D'este modo La Bourdonnaie, Du Pleix, e o famoso Conde de Lalli, degolado em 1766, são grandes exemplos de infelicidades, que se iam procurar tão longe no paiz do ouro e dos diamantes. Voltemos á Europa.

A guerra da successão de Austria era desde 1741 um flagello universal. Os Inglezes pretendiam continuar a guerra. Luiz XV offerecendo a paz a cada victoria, nada podia conseguir; para pacificar a Europa era mister que os Hollandezes tremessem, e temessem por si mesmos, e tanto era assim, que dizia o Marechal de Saxe: *A paz está em Maestricht*. Um exercito de oitenta mil homens, commandados pelo Duque de Cumberland, punha obstaculo ao sitio d'esta cidade. Sem embargo, a praça foi atacada, e succumbiu a 5 de Abril de 1748. Lavrou o terror pela Hollanda, e os inimigos pediram por fim a paz, tantas vezes por elles regeitada. Assignaram-se os preliminares em Aquisgran a 30 de Abril, e o tratado definitivo a 18 de Outubro. A Pragmatica de Carlos VI foi de novo affiançada; o reino das Duas Sicilias ficou seguro para D. Carlos; firmou-se a ordem de successão para a corôa de Inglaterra a favor da casa de Hanover; os Inglezes restituiram as suas conquistas, e a França obrigou-se a não consentir os Stuarts no seu territorio.

Poucos tratados tem havido tão defeituosos como este, que já levava em seu seio o germen de novas discordias. Além do erro insigne á cerca de Parma, que ainda custou á França nove milhões, foi maior o que se commetteu a respeito da America, onde os Inglezes estavam dispostos a estenderem-se até o Canadá. Effectivamente a côrte de França, logo no anno de 1749, teve de queixar-se á côrte de Londres das empresas

que os Ingleses faziam com mão armada. Tanto desejava Luiz a paz, como a nação ingleza suspirava pela guerra. As violencias chegaram a tal estado, que a França se viu obrigada a tomar armas. Esta a origem da guerra de 1755, d'aquella guerra que viu a Europa toda armada, e que produziu successos quasi incriveis. Viu-se a França passar da gloria para o abatimento: conquistar ao principio a ilha de Minorca e o Eleitorado de Hanover, e perder os seus estabelecimentos na America, Africa e Asia: victoriosa nas primeiras batalhas, e vencida quando parecia dever confiar mais na victoria.

Viu-se a alliança fatal do Rei de Prussia com Inglaterra extinguir a grande e dilatada inimidade das casas de França e de Austria, uni-las tão estreitamente quanto se tinham cruelmente armado uma contra a outra, havia dois seculos. Viu-se aquelle indomavel Frederico prevenir, pela invasão da Saxonia, os intentos que contra si julgava formados; atear d'este modo uma guerra, de que elle mesmo podia ser a victima, conforme todas as apparencias; ter por inimigos a França, Suecia, Russia, Austria, e uma grande parte do Imperio, achando em si mesmo, nos seus talentos, valor, economia e actividade, recursos que nenhuma potencia tinha. Viram-no quasi a perder tudo, depois de uma completa derrota em Praga (1757), desbaratar no mesmo anno em Rosbach os Francezes e Imperiaes (*),

(*) Frederico tinha sido batido por primeira vez em

alcançar immediatamente depois a victoria de Lissa, e fazer-se tremendo no instante em que

Kollin pelos Austriacos commandados por Daun. Os Francezes tinham occupado Hanover e Hesse. Os Austriacos retomaram a Silesia e avançaram até Berlim. Os Suecos penetraram na Pomcrania, em quanto os Russos devastavam a Prussia, e o exercito imperial reforçado pelos Francezes avançava para a Saxonia. Frederico parecia perdido sem remedio. No dia 5 de Novembro de 1757 elle se achava postado em umas colinas perto de Rosbach, aldeia pouco distante do rio Saale, com vinte e dois mil homens tão sómente, quando chegaram os Francezes e Austriacos em numero de sessenta mil combatentes. Os Francezes, commandados por Soubise, passaram apressadamente para cortar-lhe toda a retirada, cuidando só de que o Rei lhes não escapasse com o seu pequeno exercito. Os Prussianos se conservaram tranquillos, como se não reparassem no que se estava passando; o mesmo Frederico deixou-se ficar á mesa com seus generaes com a maior indifferença. Porém quando julgou favoravel o momento, levantou-se, deu as suas ordens, e n'um abrir e fechar de olhos as tendas do campo tinham desaparecido, e o exercito estava em ordem de batalha. As suas baterias, até alli occultas, começaram a lançar a morte entre as columnas do inimigo, e com a presteza do raio Seidlitz com a sua cavallaria arremeçou-se sobre as mesmas columnas sorprendidas, e as esmagou. Foi tal a surpresa do inimigo, e a prestesa do ataque, que em menos de duas horas a batalha estava decidida, e todo o exercito francez em completa fuga. Cairam sete mil prisioneiros em mãos do vencedor, entre os quaes nove generaes e tresentos e vinte officiaes, sessenta e tres peças de artilharia, e vinte e duas bandeiras; havendo os Prussianos perdido tão sómente noventa e um mortos e du-

mais esperava morrer com honra do que sair vencedor.

Viu-se o *Pacto de familia* apertar os vinculos da natureza entre todos os ramos da casa de Bourbon. O novo Rei de Hespanha Carlos III, que em 1759 tinha succedido no throno a seu irmão Fernando VI, abandonou o systema de neutralidade seguido por seu antecessor. Os Inglezes triumpharam então da Hespanha do mesmo modo que triumphavam da França; tomaram-lhe a ilha de Cuba no golfo mexicano, e as Filipinas nas Indias Orientaes, com as immensas riquezas d'estas colonias. Finalmente depois de sete annos de destruição em todas as partes do mundo, viu-se acabar esta guerra em 1763, em virtude dos tratados de Pariz e de Hubertsburgo, do modo mais glorioso para os inimigos das

zentos e setenta e quatro feridos. Foi tanta a ignominia, que resultou aos Francezes pela perda d'esta batalha, que por muito tempo ella passou em proverbio. No Campo de Rosbach existe hoje um simples monumento de ferro, em memoria d'este dia glorioso.

Frederico, depois d'esta victoria, dirigiu-se immediatamente para a Silesia, e um mez depois (5 de Dezembro) com o mesmo exercito bateu os Austriacos em Lissa junto a Breslau. O exercito inimigo, composto de oitenta mil homens, foi de tal modo derrotado, que apenas dezeseite mil poderam ganhar a Bohemia. Os Russos retiraram-se por falta de viveres; os Suecos foram arrojados da Pomerania, e os Francezes evacuaram Hanover. Foi assim que no fim do anno a maior parte do territorio Prussiano se achava livre de inimigos; e Frederico tomou tranquillamente seus quarteis de inverno na Saxonia e na Silesia.

Casas d'Austria e de França. Por uma parte nada perdeu o Rei da Prussia dos seus dominios, e por outra Jorge III, que tinha subido ao throno de Inglaterra por morte de Jorge II em 1760, ganhou quasi duas mil leguas de terreno na America, desde o rio S. Lourenço até o Mississipi. Foi ainda necessario dismantelar as obras de Dunkerque da parte do mar.

Ao horroroso flagello da guerra accrescentemos os da natureza, os das discordias intestinas, e os dos vicios dominantes: os terremotos que destroem cidades opulentas, Lima em 1746, Lisboa em 1755, &c.: a miseria que despovoa os campos e impede a agricultura: o luxo que enriquece frivolos talentos, e tira o pão aos homens uteis: a paixão desordenada das riquezas e das delicias, que afoga os bons costumes na plebe, e que introduz a corrupção ou o desalento até nas almas nobres: as dissensões religiosas que enfraquecendo-se deixam ainda certo fermento de animosidades civis: a irreligião, que chegou no passado seculo ao excesso de querer extinguir a idéa de Deus, e aniquilar os principios fundamentaes da virtude; á vista do que temos referido, parece que os progressos da razão são de uma mediocre vantagem para a especie humana. Mas quem trazer á memoria os ferozes costumes das idades antigas, confessará que entre grandes abusos e grandes vicios, a razão aperfeiçoada abre ao menos o caminho da sabedoria e da virtude, e que ella ao menos suavisa as infelicidades da vida.

Talvez seria conveniente seguir n'este logar os passos do espirito humano no tempo da epocha de Luiz XIV, e observar os seus progressos, especialmente na carreira da litteratura e sciencias. Mas para isso seria necessario exceder os limites da presente obra, ou dar meramente noticias muito imperfeitas a respeito de objectos alias mui conhecidos. Basta observar que, durante aquella epocha e seguinte, a competencia da França e Inglaterra não era menos forte n'este genero, do que em tudo quanto pertencia aos interesses politicos. Os Inglezes ostentaram ao principio nas sciencias a profundeza do engenho, que nunca se lhes disputará; os Francezes descobriram nas Bellas-Letras os talentos agradaveis, as graças e o gosto, que os distinguem. Finalmente uns e outros participaram da gloria de dar modelos á Europa, e de a illustrar a respeito de tudo quanto póde interessar á humanidade.

CAPITULO LVI.

Do estado e das principaes revoluções da Asia nos ultimos seculos. Da China. Do Japão. Da Persia e do Mogol. Imperio Anglo-Indio.

A historia da Asia moderna deve ser um objecto unicamente para os sabios. A historia da Europa, tão ampliada e tão necessaria, inclue todos os generos de instrucção; e pôde-se ignorar sem magoa tudo quanto nos interessa muito menos. Importa todavia ter uma idéa geral d'aquellas nações, que formaram antigamente governos regulares, por ser isto parte essencial dos conhecimentos humanos. Portanto faremos por incluir em poucas palavras os factos mais memoraveis, que possam excitar a curiosidade, começando pelo Imperio

DA CHINA.

Se o Imperio da China foi ou não formado,

ha mais de quatro mil annos, é um problema historico sujeito a infinitas difficuldades. Esta prodigiosa antiguidade estabelecida, segundo illustres escriptores, por observações astronomicas indubitaveis, é combatida por outros sabios, que parecem ter profundamente estudado a materia. As fabulas espalhadas nos antigos annaes da China enfraquecem muito sem duvida todas as provas, que se dão da certeza authentica de similhantes annaes. Não é menos certo que a China, muitos seculos antes da nossa éra, constituia um Estado poderoso, civilisado, governado como hoje com boas leis, e especialmente com uma moral excellente. Confucio, esse philosopho legislador, tinha nascido quinhentos e cincoenta annos antes de J. C., quasi pelo tempo em que fallecêra Solon; o Imperio tinha já uma grandeza, a que nada igualava no mundo. Contam-se vinte e duas dynastias, que reinaram successivamente na China. Montesquieu pretende que o governo da China é despotico, e para prova-lo cita as differentes revoluções por que tem passado aquelle vasto Imperio.

Voltaire segue porém um parecer totalmente contrario. Não vê cousa que mais sabia nem mais prudente seja, do que o governo da China, onde os principaes tribunaes examinam e regulam as causas; onde o Principe é obrigado a consultar homens instruidos, e exaltados pelo seu merecimento; n'uma palavra a idéa de despotismo parece-lhe absurda a respeito da China. Com effeito outros escriptores sustentam esta opinião,

e em uma obra bem moderna encontramos o seguinte: « Por muito tempo o governo China passou por despótico; mas, segundo diz Abel Remusat, sabemos que está limitado pelo direito de representação dado a certas classes de magistrados, e ainda mais pela obrigação em que está o Soberano de escolher seus agentes, submettendo-se a regras fixas, no corpo dos letrados, os quaes formam uma verdadeira aristocracia, e esta se renova perpetuamente por meio de exames e concursos. Os mancebos de todas as condições são admittidos a concorrer ao terceiro gráu litterario: aquelles que o tem conseguido concorrem entre elles para o segundo gráu, necessario para poder exercer funcções publicas. »

« Pelos mesmos meios póde-se elevar do segundo gráu para o primeiro, o qual conduz aos primeiros logares. Esta instituição, que na sua fôrma actual chega ao seculo VII, serve de nobreza; tem contribuido muito para a longa duração do Imperio, e para manter n'elle a ordem e tranquillidade. Os titulos hereditarios são unicamente para os Principes da familia Imperial, e para os descendentes de Confucio, bem como dos de Mencio e Lao-Kinn: porém concedem-se às vezes titulos retrogrados, que ennobrecem os antepassados do homem que se quer recompensar; e a esta honra dão os Chinas um grande valor. O poder supremo é exercido exclusivamente pelo Imperador, o qual toma o titulo de *Filho do Ceo e Augusto Imperador*. A corôa é hereditaria, a successão pertence á linha mas-

culina; porém a ordem de primogenitura não se observa sempre. Segundo as idéas recebidas na China, todo Principe estrangeiro que envia uma embaixada ao Imperador, se reconhece seu subdito; e este uso tem sido a causa de que se enganassem muitos geographos. O Imperador nomêa todos os empregados, escolhendo em listas triplices apresentadas pelo conselho do pessoal. Muitos decretos e documentos officiaes se dirigem na fôrma de instrucções aos magistrados e ao povo, impressos regularmente na *Gazeta Official*, cujos extractos se reimprimem nas gazetas das provincias ».

Por poucos que fossem os sentimentos que qualquer Imperador tivesse, o *Tribunal da Historia* bastaria para moderar as suas paixões. Os Mandarins, de que se compõe este tribunal, registram exactamente tudo quanto o Imperador diz, e faz digno de observação, interessante para o bem do Estado, fecham as suas folhas assignadas em um cofre, o qual não se abre senão depois da morte do Principe reinante. São estes os materiaes da historia do seu reinado; e é commum opinião de que não ha cousa que possa obrigar os Mandarins, encarregados de tão nobre missão, a faltar á verdade. A famosa muralha de quinhentas leguas de extensão, de quarenta e cinco pés de altura, e de dezoito pés de grosso, edificada antes da nossa éra para se livrarem da invasão dos Tartaros, não lhes serviu de obstáculo para conquistarem duas vezes a China: primeiramente no seculo XIII, no reinado

de Genghiz-kan e de seus filhos, e depois no xvii. Trataremos tão sómente d'esta ultima revolução, que de certo modo alterou alguma cousa as instituições do paiz, no que toca á milicia regular.

Algumas violencias, commettidas contra os Tartaros Mantchús, irritaram aquelle povo livre e bellicoso, que se vingou por meio das armas. Emquanto estes conquistavam as provincias Septentrionaes, um Mandarim China sublevou-se (1644), e se apoderou das provincias do Meiodia com Pekim, capital do Imperio, cidade immensa onde se contam dois milhões de habitantes. A frouxidão e cobardia do Imperador eram taes, que não cuidou em defender-se. A Imperatriz tinha-se enforcado; quarenta mulheres mais do Imperador enforcaram-se tambem por ordem sua; degolou uma filha que tinha, e acabou por enforcar-se a si mesmo fóra da cidade, onde foi esperar as ultimas noticias de uma perda inevitavel. Taitson, chefe dos Tartaros, adiantou sempre as suas conquistas. Na menoridade de Chang-ti seu sobrinho, que lhe succedeu, foi morto o Mandarim usurpador, e os conquistadores subjugaram quasi o Imperio todo. Finalmente a sua dominação se achou solidamente estabelecida no tempo de Kam-hi, successor de Chang-ti seu pai. Depois de trinta annos de guerra toda a China ficou sujeita a uns barbaros terriveis, mas tão prudentes, que adoptaram as suas leis e os seus usos.

Vê-se como Kam-hi, cujo reinado principia em 1661, cultivava as sciencias, e favorece os

missionarios Jesuitas, que se tinham introduzido por sua mediação no palacio Imperial. O Christianismo fez então grandes progressos na China; porém as competencias e disputas entre os Jesuitas e os outros Missionarios: as accusações de idolatria feitas em Roma a respeito dos ritos dos Chinas: o animo contencioso dos Europeus, que animava a discordia entre um povo tão pacifico; especialmente o temor de suas ambiciosas empresas, cobertas tantas vezes com o véo da religião: todas estas differentes causas arruinaram inteiramente a obra das suas prégações e do seu zelo. Yontching, successor de Kam-hi, abrogou em 1722 as leis de seu pai a favor do Christianismo, e mandou demolir as Igrejas; despediu sómente os Missionarios, e conservou os mathematicos, os sabios e os artistas, cuja utilidade não ignorava. « Se eu mandasse para o vosso paiz, disse Yontching aos Jesuitas, uma companhia de Bonzos e de Lamas (Monges e Padres da China), como os recebeis vós? »

Em todo o tempo o Imperador se impôz a si proprio uma obrigação de animar e honrar a agricultura. Bem conhecida é a cerimonia annual, com que o mesmo Principe dá o exemplo de cultivar a terra. Os Mandarins observam igualmente esta cerimonia nas provincias. Uma ordenação imperial declara: *A maxima dos nossos antigos era, que se houvesse algum homem que não lavrasse, ou alguma mulher que não se occupasse em fiar, alguma haveria que padcesse fome*

ou frio no Imperio. Os Chinas não conservam mais do que os animaes necessarios, porque para alimentar o povo nada sobeja. A decima do producto das terras fórma o rendimento prodigioso do Imperador. Uma parte põe-se em armazens para as publicas necessidades; e contudo, se acaso ha algum anno de penuria, o povo morre aos milhares, que tão numeroso é. Que seria em um governo, cuja administração fosse menos suave e menos perspicaz? (Vejam-se *Voyages d'un phitosophe.*)

Se no seculo xvii os Tartaros Mantchús conquistaram a China, pôde dizer-se que pouco depois, no remanso da paz, conquistaram os Chinas os seus vencedores. Com effeito, a civilização comparativamente superior do *Imperio Celestial*, ajudada por sua religião e moral, por suas artes e sciencias, manteve sobre os soldados Tartaros um distincto predominio; a autoridade civil ficou sendo superior á militar em força e influencia: as letras sobrepujaram as armas. Vê-se muitas vezes, diz Davia, andar a pé um Mandarim militar de superior graduação, e ao mesmo tempo o official civil de classe ordinaria se julgaria desautorizado se não apparecesse de palanquim levado por quatro homens; e nem os Mandarins militares tem permissão para andarem como este. Pelo que toca a tudo o mais, nada se poupa afim de dar impulso á educação militar. A dynastia actual estabeleceu exames, mediante os quaes se qualificam por cathogorias os candidates á milicia, segundo o seu adian-

tamento. Todos os militares do Imperio estão sujeitos ao tribunal especial de Keping. As melhores tropas Tartaras estão arregimentadas sob as divisas de oito estandartes, o que dá o cumpulo effectivo de oitenta mil combatentes.

Além d'esta tropa regular ha uma milicia local nas provincias. O numero total dos combatentes a soldo do governo, comprehendendo as milicias locais, avalia-se em setecentos mil homens, que pela maior parte residem em seus districtos nataes, cultivam a terra ou seguem outras profissões. Emquanto á divisão administrativa e topographica, divide-se o Imperio China *em paizes inteiramente submettidos, paizes tributarios, e paizes vassallos e protegidos*. A primeira classe comprehende a China propriamente dita, é o nucleo do Imperio, e fórma com uma fracção do paiz dos Mantchús, que é o paiz natal da familia reinante, e uma parte da pequena Bukaria, as dezoito provincias da China. O commercio interior da China é mui superior ao seu commercio exterior: aquelle faz-se pelos rios e canaes, e consiste principalmente na troca das producções naturaes ou industriaes das diversas provincias. No commercio estrangeiro deve distinguir-se o commercio maritimo, e o que se faz por terra. *Cantão* é o porto e principal emporio do commercio estrangeiro.

O governo China tem limitado os logares onde os negociantes europeus podem ser admittidos, o logar onde podem habitar, e o tempo que podem morar em *Cantão*; não lhes é per-

mittido escolher os negociantes indigenas, com os quaes possam negociar, confiando o monopolio do commercio europeu a commerciantes privilegiados, cujo numero se fixou em doze até 1790, e depois augmentou-se até dezoito. O commercio estrangeiro por terra faz-se por cinco fronteiras principaes. Algumas cidades ha na China, como Pekim por exemplo, que pelo grande numero de instituições, recordam a civilisação das grandes cidades europeas. Se os Chinas não possuem grandes sabios, tiveram pelo menos o bom discurso de applicar-se ao essencial, a uma moral sensata e benefica, que com poucos preceitos e muita pratica tolhe as desordens, une por mutuos respeitos todos os membros da sociedade, e perpetúa a paz no Estado. Um povo governado d'este modo pelos costumes, por muitos defeitos que possa ter, será sempre mais feliz do que outras nações levadas por theorias, e dominadas pela moda (*).

(*) A antiguidade e a importancia da *Litteratura Chinezza* nos movem a separar-nos do nosso plano para offerecer aos nossos leitores um resumo do estado das bellas letras, das sciencias e bellas artes n'este paiz célebre, a fim de destruir com factos positivos uma multidão de prejuizos, uns demasiado favoraveis, outros muitissimo desvantajosos para os Chinas. « A litteratura chinezza, diz um célebre professor de lingua china, é sem duvida a primeira da Asia, pelo numero, importancia e authenticidade dos monumentos. As obras classicas, chamadas *King*, são d'uma epocha antiquissima: ellas servem de base aos philosophos da escola de Confucio para os seus

Actualmente espera o mundo civilizado pelo resultado da luta entre os Inglezes e os Chinas

trabalhos sobre a moral e a politica. A historia foi sempre o objecto da attenção dos Chinas, e os seus annaes formam o corpo mais completo e melhor seguido que existe em nenhuma lingua. O uso dos concursos deu um grande impulso á eloquencia politica e philosophica. A historia litteraria, a critica dos textos, e a biographia formam o assumpto d'uma multidão de obras notaveis pela ordem e regularidade que n'ellas se observam. Possuem muitas traducções de livros sanscritos sobre a religião e metaphysica. Os letrados cultivam a poesia, a qual está sujeita ao dobrado jugo da medida e da rima; tem poemas lyricos e narrativos, e sobre tudo poemas descriptivos, comedias, novellas de costumes, e outras, nas quaes entra o maravilhoso; um grande numero de compendios, bibliothecas e encyclopedias, e no ultimo seculo começaram a impressão d'uma collecção de obras escolhidas em 180,000 volumes. As notas, glosas, commentarios, catalogos, indices, extractos por ordem de materias contribuem para achar facilmente os objectos que se procuram. Os Chinas tem excellentes dictionarios, nos quaes se explicam todos os signaes da sua escripta e todas as palavras da sua lingua com o maior cuidado, e na melhor ordem. Os livros estão impressos em papel de seda, e como é demasiado fino estão impressos só d'um lado; as differentes partes estão classificadas, numeradas e compaginadas; finalmente, não ha, incluindo a Europa, nação que tenha tantos livros, nem livros tão bem feitos, tão commodos para serem consultados, e tão baratos. »

A geographia tem sido cultivada pelos Chinas desde a mais remota antiguidade, como se prova pela descripção do imperio, dada pelo *Chu-King*, cinco seculos antes de nossa era; porém os seus mappas não estavam graduados. Os jesuitas fizeram um novo mappa do im-

por causa do iniquo contrabando do opio, que aquelles faziam em Cantão. Muito embora trium-

perio por ordem do Imperador Kang-hi, desde 1707 até 1715; uma nova edição mais perfeita, em 104 folhas, foi publicada em 1760 por ordem do Imperador Kiang-lung, debaixo da direcção dos missionarios. M. Klaproth deve publicar um grande trabalho geographico sobre a China e Asia-Central, o qual está fundado sobre este mappa, e n'um grande numero d'outros materiaes preciosos. A geographia imperial fórma 260 vols. em 4.º, com plantas e mappas: ella abrange tudo; topographia, hydrographia, descripção dos monumentos, antiguidades, curiosidades naturaes, a industria, as producções, o commercio, a agricultura, o governo, a população, a historia geral, a biographia, e bibliographia.

A astronomia sempre foi muito honrada na China; porém os seus progressos tem sido medianos: os seus conhecimentos nas mathematicas parecem ser muito limitados; empregam o systema decimal e executam rapidamente todas as operações da arithmetica com uma machina cujo uso tem passado á Russia e á Polonia.

A theoria da sua tactica militar está sabiamente combinada, e chamou a attenção d'alguns generaes da escola do grande Frederico; porém a sua artilheria é má, as espingardas não são melhores, e a polvora não presta para nada. Comtudo elles souberam fabrica-la longo tempo antes do que nós, da mesma maneira que a arte de fazer fogos artificiaes produzindo um effeito surprevedora.

A medicina dos Chineses está misturada com praticas supersticiosas, e fundada n'uma theoria absolutamente imaginaria: sua pharmacopea é assaz rica, e tem livros de historia natural medica, acompanhados com estampas, que podem ser-nos muito uteis; só os medicos, como acontecia entre nós na idade media, cultivam a historia natural.

phem os Inglezes; ainda assim não conseguirão estabelecer como maxima o *direito de envenenar toda uma nação*. Comquanto pareçam violentos os meios, de que o governo China lançou mão para acabar de uma vez aquelle infame commercio, não o será para quem pense reflectidamente no procedimento dos Inglezes ácerca do trafico de Africanos. Como tem elles tratado os Portuguezes só a pretexto de elles reputarem este commercio illegitimo e inhumano? Será por ventura mais legitimo ou mais humano o commercio do opio? Os Inglezes poderão justificar esta guerra com todos os titulos do seu orgulho nacional e de seus interesses offendidos, mas

As artes do desenho são imperfeitamente cultivadas pelos Chinas; não empregam a perspectiva; pintam bem só as plantas, as flores, as casas, os barcos, n'uma palavra, a natureza inanimada. Sua esculptura distingue-se pelo modo tão precioso com que acabam suas obras, executando na madeira relevos de finura extraordinaria. A ordem e bellas côres com que adornam os seus edificios produzem um effeito seductor. A magnificencia, excluida das construcções particulares, está reservada para os monumentos publicos, taes como os palacios do Imperador, os templos, as torres, os arcos triumphaes, as muralhas e as portas das cidades. As pontes, os canaes, os caes, e sobre tudo os diques para conter as aguas do rio Amarello offerecem os resultados d'uma industria aperfeçoada e applicada a grandes objectos. O merito dos seus jardins é indisputavel. A musica chinesa, fundada n'um systema mui complicado, não tem, segundo a opinião dos Europeos, harmonia, nem melodia.

nunca a poderão tornar justa nem legitima á face do mundo Christão.

DO JAPÃO.

Varias ilhas formam o Imperio do Japão, situado a leste da China. Os Japonezes nunca foram subjugados. Sendo altivos, valerosos, indomáveis, de um character atroz, por maneira que fazem do suicidio um divertimento, obedecem todavia ás leis mais tyrannicas e mais capazes de irritar aquella ferocidade de costumes. Havia seiscentos e sessenta annos antes da era Christã, que elles tinham por Imperador um Pontifice chamado *Dairi*. Pelos fins do seculo xvi experimentou a mesma revolução, que experimentaram os Califas, successores de Mafoma. O General das tropas assenhoreou-se do verdadeiro poder, e não lhe deixou mais que um titulo pomposo, com varias mulheres, riquezas e luxo, de que gosa em *Miyako* ou Meaco, sua capital. Uma cousa muito digna de notar-se no Japão, na China, e em quasi toda a Asia, é a tolerancia concedida aos differentes cultos. Esta tolerancia facilitou o estabelecimento e os progressos do Christianismo. Se só a verdadeira religião se viu depois privada de uma vantagem, que tantas scitas absurdas possuem, os ambiciosos projectos dos Europeus, e os defeitos de muitos missionarios são a verdadeira causa d'isso.

Os Portuguezes pelo meiado do seculo xvi descobriram o Japão, onde fizeram um grande

commercio. A prata, o ouro, o chá, a porcelana, &c., attrahiam-nos para aquella região, d'onde tiravam immensas riquezas. S. Francisco Xavier, Jesuita portuguez, foi para lá guiado pelo zelo apostolico. Como era habil, animoso e incançavel, não respirando senão conversões, e não tendo outra ambição mais do que a da corôa do martyrio, teve pasmosos successos, os quaes podem-se attribuir em parte ás correlações de uma moral austera, e esperança de uma vida bemaventurada, com a situação e costumes dos Japonezes. Os missionarios concorreram, e a Fé Christãa deitou raizes tão fortes como dilatadas. Facil é julgar qual seria a raiva dos Bonzos. Kempser, viajante hollandez de raro merecimento, os representa como fanaticos interessados, escravos da superstição por meio da qual reinavam, prégando a moral, e ao mesmo tempo vendendo o merecimento de suas obras. Estes Bonzos eram os inimigos de uma religião, que descobria a sua impostura. Comtudo Gregorio XIII em 1585 recebeu uma embaixada de tres Principes do Japão. A Igreja Romana e os Jesuitas triumpharam.

O Imperador quasi pelo mesmo tempo receiando que o progresso do Christianismo não motivasse commoções no Estado, ou alguma invasão de estrangeiros, prohibiu sob pena de morte o exercicio d'esta religião. Desde então principiam os supplicios: todos concorreram para o martyrio: os Missionarios foram então mais fervorosos, e mais numerosos os proselytos. A

perseguição durou muito tempo, afrouxou e reanimou-se por intervallos. Os Portuguezes e os Hespanhóes, sujeitos então ao mesmo Rei, depois de Felippe II, continuavam o seu commercio n'aquelle paiz, onde podiam consequentemente chegar novos prégadores; porém a inveja dos Hollandezes destruiu todas as esperanças, fazendo crêr ao Imperador do Japão, em 1637, que os Hespanhóes conspiravam contra o Estado. Embora clamaram estes contra a calumnia, a rebelião dos Christãos Japonezes de Arima veiu confirmar a denuncia dos Hollandezes. Tal foi a causa do famoso Edicto, pelo qual ficou interdicta a entrada do Japão aos estrangeiros, com prohibição de não sair tão pouco do paiz nenhum Japonez.

O mesmo Edicto condemna todos os Christãos á prisão, e promete uma quantia consideravel a todo aquelle que descobrir um padre Christão. O unico favor que os Hollandezes obtiveram, foi poder chegar a uma ilha perto de Nangazaki, jurando que a sua religião era diversa da religião dos Portuguezes. Apesar da multidão de seitas estabelecidas entre os Japonezes, nunca entre elles ha, conforme Kempser, disputas de religião; o que é prova de que se não perseguiu nem destruiu o Christianismo, senão pelo temor de uma revolução no Estado. Nunca o Japão e a China teriam tratado cruelmente os Christãos, se não fossem as disputas, as intrigas e as idéas interessciras, que se confundiram brevemente com a santidade do Evangelho. A similhaça

de muitas praticas religiosas do Japão com as nossas, é uma particularidade digna de reflexão: a mesma ordem jerarchica, procissões, peregrinações, penitencias, austeridade monastica; e o que parece mais extraordinario, usa-se no Japão, entre aquellas scitas, o signal da cruz, e uma especie de contas para rezar.

DA PERSIA.

Esta vasta região que abrange os paizes elevados situados entre a bacia do Tigre e a do Indo, formou em differentes epochas, e com differentes dynastias, o Imperio da Persia. O uso faz que ainda conserve este ultimo nome, posto que ha muito não pertença a um mesmo soberano, e que os Reis actuaes da Persia não estendem o seu dominio mais do que á metade occidental d'esta vasta superficie. A Persia foi dividida depois da morte de Thamas Kuli-Kan em 1747; e na actualidade conta quatro Estados independentes: o Reino de Iran ou da Persia propriamente dita, o Reino de Kabul ou dos Afghanes: o Reino de Herat ou do Khorassan oriental: e a Confederação dos Belutchis. A palavra Iran comprehendia no tempo dos Darios e dos Sapores todos os paizes situados entre a Mesopotamia e a India, por opposição á palavra Turan, que indicava o paiz dos Scitas, e os que estão situados ao norte do Oxus, com os quaes estavam frequentemente em guerra estes Reis. Por um sentimento de

orgulho ridiculo o debil monarcha da Persia tem posto em uso aquelle nome.

No tempo de Chardin, celebre viajante, que falleceu em 1713, formava a Persia um Imperio florescente. A capital de Ispahan podia-se comparar com Londres. Tauris e Cachan eram cidades consideraveis e commerciantes. Sha-Abbas, Principe cruel, mas politico e valeroso, tomando aos Turcos as conquistas feitas na Persia, expulsando os Portuguezes de Ormuz, e abolindo uma milicia similhante á dos Janisaros e Strelitz, tinha constituido mais absoluta a sua autoridade. Este Principe morreu em 1629. Os Sophis, ou Reis seus successores, foram despoticos sem vigor, governados por Eunucos, a quem abandonavam o Imperio. D'aqui procederam, como sempre succede, as infelicidades, os tumultos e as revoluções. Perdeu-se Bagdad, que os Turcos tomaram em 1638. Os Aguanos, colonia Tartara, estabelecidos nas montanhas de Candahar para a parte do Mogol, sublevaram-se contra um governo cobarde e cruel. O mesmo fizeram as provincias do norte. O Sophi, sitiado na capital em 1722, sujeitando-se ao chefe dos rebeldes, concedeu-lhe sua filha em casamento.

Ao mesmo tempo que a Persia era presa de um usurpador, os Turcos por uma parte, e por outra os Russos, se aproveitavam d'estas desordens para a assolar. Apareceu então o celebre Nadir ou Thamas-Kuli-Kan (*), filho de um

(*) Isto é, Kan escravo de Thamas. Com esta apparente

pastor, e elle mesmo pastor, o qual se atreveu a tentar e a executar uma revolução. Tendo ajuntado alguns salteadores, offereceu os seus serviços ao Principe Thamas, filho do ultimo Sophi, e em breve tempo se viu com um exercito. Ispahan e toda a Persia se sujeitaram ás leis, que elle impôz. Vencido o usurpador, e preso, foi condemnado a ser degolado. Kuli-Kan, que combatia sómente pela sua fortuna, depois de ter affectado o titulo de escravo do Principe, recolheu só todo o fructo das suas victorias. Mandou tirar os olhos a Thamas, e fez-se Rei da Persia em 1736, com o nome de Sha-Nadir. Os Turcos, varias vezes vencidos, concluíram com elle um tratado, por meio do qual entregaram todas as suas conquistas, excepto Bagdad. Victorioso por toda a parte, estende o conquistador da Persia a sua ambição até o Mogol, e declara-lhe a guerra.

O Imperio do Mogol, cujo nome procede dos Tartaros de Genghis-Kan, inclue uma grande parte da India; paiz o mais rico do Universo, já pelas preciosas produções da natureza, já pelas quantias immensas, que os Europeus lhe levam para satisfazer o seu luxo. No meiado do seculo xvii, Aurengzeb, um dos filhos do Grão-Mogol, privou seu pai do throno, assassinou seus tres irmãos, cúmplices de sua rebelião, e subjugou varias regiões da Peninsula occidental

submissão e profundo respeito encubria Kuli-Kan a sua ambição.

da India, da parte d'aquem do Ganges. Grande é a admiração que causa a quem lê a descrição, que Tavernier faz do seu throno, onde doze columnas de ouro, enriquecidas com grandes perolas, sustentam um docel de pedras preciosas, sobre o qual se eleva um pavão, cuja cauda é formada de diamantes, e de tudo quanto ha no mundo de mais precioso. Com esta fastuosa opulencia, e com os effeminados costumes que ella inspira, não se pôde resistir contra inimigos acostumados ao exercicio das armas.

Sha-Nadir, mais conhecido com o nome de Thamas Kuli-Kan, atacou o neto de Aurengzeb, fê-lo prisioneiro, apoderou-se de Delhi, capital do Imperio; tomou seus thesouros avaliados em mais de quatro milhares, uniu á Persia tres reinos do Indostão; e deixando um Vice-Rei n'esses novos Estados, voltou a Ispahan, onde acabou infelizmente a sua carreira, assassinado por seu sobrinho. A Persia e o Indostão sempre estiveram depois expostos a guerras civis, nas quaes entraram por ambição os Francezes e os Inglezes, estabelecidos n'aquellas costas. Quanto aos Indios, sujeitos por uns barbaros, em vez de fazer progressos, não podiam deixar de cair em decadencia. Este povo, constituido tão humano e tão engenhoso pela natureza, inventor do jogo do Xadrez, das cifras, e verosimilmente das sciencias mathematicas, acha-se reduzido ao mesmo estado que os Gregos, cujo abatimento é tão infame. A doutrina da transmigração ali-

menta ainda os seus sentimentos de humanidade a respeito dos animaes.

O actual governo da Persia é o despotismo militar mais desenfreado; o paiz e os habitantes são considerados como uma propriedade do Soberano, que os governa segundo sua vontade absoluta. Mas isto não se applica ás tribus *nomadas*, as quaes são governadas pelos seus Kans respectivos, cuja autoridade é ás vezes muito limitada. Os Turcos são a nação dominante do reino da Persia; os Afghanes, dos de Kabul e de Herat. Fath-Aiy, actual Rei da Persia, pertence aos Katchars, tribu Turca. O governo de Belutchistan pôde ser considerado como uma *monarchia representativa*, pois todas as suas tribus gosam do direito de eleger os seus chefes ou *Serdars*; mas parece que este cargo chega ás vezes a ser hereditario. O governo do reino de Kabul era uma monarchia limitada hereditaria; porém desolado pela guerra civil e invasões dos *Scikhs*, desde o principio d'este seculo, está n'uma verdadeira anarchia; outro tanto podemos dizer do reino de Herat.

IMPERIO ANGLO-INDIO.

A maior parte d'este vasto paiz formava ao principio do seculo passado um dos Imperios mais poderosos do mundo, conhecido com o nome de *Imperio do Grão-Mogol*. Durante a longa anarchia, que succedeu á invasão de Thamas Kuli-Kan, os *Subahes e Nabaes* fizeram-se inde-

pendentes nas suas respectivas provincias: muitas nações bellicosas saíram das suas montanhas e invadiram os paizes, que estavam ao seu alcance: os Reis de Kabul e Maissur, os Seikhs, os Maháratas, o Nidzan e os Inglezes se disputaram a rica herança de Akbar e Aurengzeb. O valor pessoal de um governador da companhia Ingleza, a sabia politica de outro, a prudencia e a lealdade de um terceiro, auxiliados por circumstancias mais ou menos favoraveis, deram em poucos annos aos Inglezes o senhorio de quasi toda a India, offerecendo nos nossos dias o espectaculo, ainda novo nos annaes do mundo, d'um punhado de Europeus, pagos por uma companhia de commercio, conquistando um dos imperios mais ricos da terra, e governando tranquillamente mais de cem milhões de Asiaticos.

Murray, na sua Geographia, diz o seguinte: « Contemplando o Indostão conforme existe agora, o poder da Grã-Bretanha parece inteiramente predominante. O dominio absoluto que exerce uma ilha, comparativamente tão pequena, sobre um Imperio de cem milhões de habitantes, situado quasi nos seus antipodas, e accessivel unicamente por um circuito tão vasto d'agua, apresenta um dos phenomenos mais extraordinarios na historia do mundo. Comtudo a sujeição é completa, e quasi universalmente pacifica; os presagios da sua curta duração, publicados por algumas pessoas, são pouco menos que quimericos. O numero de Europeus, que sujeitam tão vastos dominios, apenas passa de vinte mil.

Mas este numero se multiplica pelo caracter particular dos Indios, que faz com que elles se convertam em instrumento para sujeitar o seu proprio paiz. » O Asiatico, diz M. Traser, combate porque lhe pagam, e defenderá a causa d'aquelle, cujo pão come, contra amigos, patria e familia.

N'esta conformidade, os Cipães (*Sepoys*, tropas Indias mandadas por officiaes Inglezes e disciplinadas á européa) se consideram tão sufficientes como as melhores tropas Inglezas; e emquanto não se intromettem com a sua religião e prejuisos, são igualmente fieis. O seu numero ascende a mais de duzentos e trinta mil de infantaria, e vinte e seis mil de cavallaria. As tropas puramente Européas, que mantem a companhia, não passam de oito mil homens; porém um grande corpo das tropas do Rei se emprega sempre na India, e o seu numero anda por vinte mil. A companhia paga soldo dobrado a todas as tropas do Rei, empregadas no seu territorio. A India Ingleza deve ser dividida em duas partes distinctas: *As possessões immediatas da Inglaterra*, que são governadas por autoridade do Rei; esta é a parte menos consideravel, pois só comprehende a ilha de Ceilão, que fórma o governo d'este nome: e *as possessões da Companhia das Indias Orientaes*, subdivididas em *possessões mediatas*, e *possessões immediatas*. Estas ultimas formam um dos Estados mais ricos e poderosos do globo, porque abrangem as mais bellas provincias do antigo

Imperio do Grão Mogol, e são governadas por empregados escolhidos pela Companhia.

Estes vastos territorios formam tres grandes governos, chamados: *Presidencia de Calcutá*, *Presidencia de Madrasta*, e *Presidencia de Bombaim*. Cada uma d'estas grandes divisões está subdividida em districtos administrados por um juiz, por um recebedor geral e outros empregados (*).

(*) Hoje que a questão do opio e a guerra da Grã-Bretanha contra a China attrahem a attenção da Europa sobre a península indostanica, é um estudo mais que nunca interessante o indagar como é dirigida essa enorme administração; como a riqueza é distribuida no continente indiano; quaes os elementos d'esse imperio commercial, equivoco em sua origem, fecundo por seus productos, embaraçoso por sua propria grandeza, objecto de ciúme para todas as potencias, e de difficuldades para aquella que o possue.

No Indostão, como em toda a Asia, a terra pertence ao monarcha, que a concede ao cultivador, mediante uma retribuição, que faz as vezes de imposto. Este imposto é que alimenta os cofres do governo indo-britannico, substituido aos antigos soberanos, antes pela força das cousas do que pela vontade livre. Ao lado d'estes cultivadores vereis alli outras classes inteiramente privilegiadas: primeiramente a dos *Brahmines*, cuja occupação é dormir; depois, a dos rendeiros de certas terras isentas de tributos, que se chamam *Lakhiradjars*; em fim a dos mercadores das cidades, as grandes familias musulmanas, que os Inglezes tratam com consideração, e os destroços das raças nobres indigenas. A todas estas variedades da condição humana, cada uma das quaes fôrma uma anomalia isolada e sem laço commum, accrescem os productos da fusão das raças ingleza e india. A população britannica, apesar das asserções dos mis-

As Possessões Mediatas são governadas pelos seus Principes respectivos, muitos dos quaes são

sionarios inglezes, fica fóra do quadro dos elementos diversos que acabamos de passar em revisão; ella os domina, os contem, os amedronta, os submete a seus tributos, sem poder todavia captar suas sympathias e alterar os habitos de seus antigos costumes. A raça india e musulmana tem a indolencia e a indifferença por muralhas, e defendem-se com a propria molleza. As artes e a educação britannica nenhum progresso tem feito na Peninsula. A mór parte dos pais recusam enviar os filhos ás escolas; e o mais mediocre *Pundit* tem maior credito scientifico entre os Aborigenas que todos os sabios da sociedade asiatica reunidos. Se a conquista commercial da India acha-se completa; se a conquista politica, apesar da visinhança e do poder dos Seikhs e do rei de Lahora, está quasi concluida, a conquista moral não está nem começada, e a conquista religiosa mais remota fica ainda.

Entretanto, pode-se considerar a companhia ingleza como soberana bem consolidada do mundo que subtilmente conquistou. Ella o rege com condições pouco onerosas; mas cumpre confessar, que nada tem feito para melhorar a sorte das povoações que possui. Verdadeira filha do commercio e do negocio, colheu o mais dinheiro que pôde, importando-lhe pouco os deveres da generosidade.

Mostrou-se recta, quanto ás proporções estreitas da equidade prescripta pela jurisprudencia, segundo os habitos commerciaes; resultando d'ahi que nada tem a exprobrar-se segundo o codigo do commercio, e que milhões de homens, que morrem de fome, não podem em rigor de direito queixar-se.

Dissemos o como a sociedade indostanica se acha composta; seria mais exacto affirmar que alli não existe sociedade. Segundo os documentos e as relações dos

vassallos ou aliados da Companhia; porém quasi todos lhe pagam um tributo. Eis-ahi o que jul-

viajantes, a vida commum falta a todos aquelles homens; e é cousa por certo singular o ver uma agglomeração de alguns milhões de individuos que vivem juntos sem formar, comtudo, um corpo social. Se se curvam cobardemente ao jugo de um pequeno grupo disciplinado de Inglezes, não é que lhes falleça o talento natural, mas é porque lhes falta um laço social. Só se encontram alli unidades fraccionadas: o curso dos seculos dividiu e subdividiu aquelle povo.

Os homens ricos e os herdeiros das grandes familias, indifferentes a tudo, descuidosos do porvir, entregam-se a voluptuosidades que lhes abreviam a existencia, depois de fazer de sua adolescencia uma velhice prematura. E se alguns de seus antepassados fizeram serviços a um dos tyrannos do paiz, e obtiveram pela força ou manha a isenção dos tributos, são contados no numero dos *Lakhiradjars* « possuidores de terras sem tributos. » Não é cousa facil arrancar tal privilegio a esta nobreza usurpadora, por baixo da qual morre sem colera e sem esperanza uma população esfaimada. A Inglaterra o tentará talvez; os politicos mais esclarecidos o reclamam; mas esta tentativa, que os conquistados não apoiariam, seria perigosa para os conquistadores.

Os outros consumidores improductivos são, como dissemos, os *Brahmines*, que vivem dos tributos do povo. A ociosidade dispendiosa e a consideração hereditaria d'esta classe a tornam um inimigo mortal das reformas. Elles mantem a ignorancia do povo e sua aversão para as escolas européas; promovem assim a causa de seu egoismo e interesse, parecendo defender as recordações nacionaes; e esse resto de religião, que faz as vezes de patria nas nações extinctas, seria um primor de politica, e um rasgo de mestre o interessar os *Brahmines* na reorganisação social do Indostão. Os Inglezes pode-

gamos a proposito dizer sobre a Asia moderna, sem intrometer-nos nas differentes guerras sustentadas pela Companhia para ampliar o seu vasto Imperio, ou para assegura-lo ainda mais; porque isto interessa muito pouco á historia do mundo civilizado, e não serviria senão para augmentar a lista das infelicidades do genero

riam, sem duvida alguma, resolve-los a isso por meio de vantagens pessoaes; seria mister favonear a um tempo seu amor proprio e sua ambição. O Brahmine é, aos olhos do Indo, uma derradeira sombra do passado, do saber, da ordem e da nacionalidade moribunda.

Uma terceira classe vem sobrecarregar com seu peso a miserrima população d'estas regiões. Entre os que pagam tributos para ter o direito de cultivar as terras, muitos as arrendam a outros mais pequenos agricultores, e estes as arrendam em terceira mão. O governo lança o imposto sobre o primeiro; este o duplica sobre o segundo, que pela sua vez esmaga o terceiro, resultando d'esta gradação de extorsões successivas que o pobre *riiot* ou lavrador, collocado sob esta pyramide de oppressores, não tira do seu trabalho um lucro que baste mesmo para comprar arroz ou alugar um tugurio de bambou. Este paiz, que é a terra da opulencia, e cujo solo verte por torrentes a subsistencia do homem, é entretanto o paiz natal da fome. Todo o mundo soffre alli fome, como na Irlanda; e todos querem ter um palmo de terra para cultivar como em Irlanda. O solo está subdividido, e as cabanas cheias de esqueletos humanos, que perecem inanidos, debaixo do céu o mais fértil, e a latitude mais magnifica do globo.

Este terrivel effeito da subdivisão das terras e da falta de grandes dominios merece attrahir a attenção dos economistas e dos homens de estado.

humano. Omittimos tambem fallar de varios outros paizes da India Transgangetica, porque não tendo nenhuma importancia historica, só pertencem ao dominio da Geographia por sua posição no globo.

INDICE

DO QUARTO VOLUME.

CAPITULO XLV.

Christovam Colombo, ou descobrimento do novo mundo. Vasco da Gama e as Indias Orientaes. Conquista do Mexico e do Perú. Luiz XII. Veneza. Leão X. Lutherô. Estados do Norte. 225

CAPITULO XLVI.

Carlos V. Imperador. Francisco I. Henrique VIII. Adriano VI. Clemente VII. Os Protestantes. Lutherô ante a Dieta de Worms. Paulo III. O Concilio de Trento. Paulo IV. Henrique II. Maria de Inglaterra. Philippe II. Litteratura. 253

CAPITULO XLVII.

Francisco II. Guerras da religião em França. Carlos IX. Isabel. Maria Stuart. Pio V. De l'Hôpital. S. Bartholomeu. Henrique III. O Principe d'Orange. Os Guisas. Sixto V. 272

CAPITULO XLVIII.

Henrique IV. Alexandre Farnese. Mauricio, Principe de Orange. Gregorio XIV. Clemente VIII. Fim de Philippe II. Philippe III. Fim de Isabel. Jacques I. Paulo V e os Venezianos. Fim de Hen-

INDICE

rique IV. Luiz XIII. Principio da guerra dos trinta annos. Frederico V. Fernando II. Conspiração de Veneza. Reflexões sobre a Hespanha. 290

CAPITULO XLIX.

Ministerio do cardeal Richelieu. Continuação da guerra dos trinta annos. Fernando II. Gustavo Adolfo. Wallenstein. O Duque de Saxonia-Weimar. Philippe IV. D. João IV. Fim do reinado de Luiz XIII. Morte de Richelieu. Estado da Inglaterra e execução de Carlos I. 308

CAPITULO L.

Observações ácerca dos governos e dos costumes. A Religião e a Igreja. As sciencias e a litteratura. 323

CAPITULO LI.

Epocha de Luiz XIV. Sua exaltação ao throno. Regencia de Anna d'Austria. O Cardeal Mazarino. Continuação da guerra dos trinta annos. Tratado de Westphalia. Cromwell. Christina. Luiz XIV governando por si só. Colbert. 337

CAPITULO LII.

Continuação da epocha de Luiz XIV. Carlos II da Hespanha. O Imperador Leopoldo. Tratado secreto. Conquista de Flandres. Turenne. Condé. O Principe d'Orange. Montecuculli. Ruyter e Duquesne. João Sobieski. Innocencio XI. Revogação do edicto de Nantes. Fim do reinado de Carlos II de Inglaterra. Jacques II. Guilherme III. 354

CAPITULO LIII.

Fim da epocha de Luiz XIV. Liga de Augsburgo. Paz de Riswick e de Carlowitz. Morte de Carlos II de Hespanha. Philippe V. Morte de Guilherme III. Anna de Inglaterra. Frederico I, Rei da Prussia. O Principe Eugenio. Marlborough. Villars. Vendôme. José I. Carlos VI. Tratado de Utrecht. Jorge I. Morte de Luiz XIV. 372

INDICE

CAPITULO LIV.

As potencias do Norte. Pedro Grande. Carlos XII. Augusto Rei da Polonia. Achmet III. Frederico IV de Dinamarca. Catharina I. Isabel. Catharina II. 392

CAPITULO LV.

Guerra com os Turcos. O Cardeal Alberoni. O Systema de Law. O Duque d'Orleans. Luiz XV. Duas abdições. Carlos Manoel III. Jorge II. Maria Theresa. Frederico II. O Principe Carlos de Lorena. O pretendente Carlos Eduardo. Francisco de Lorena, Imperador. O Marechal de Saxe. Henrique Frison. Stathouder. O Tratado de Aquisgrau. Carlos III. Jorge III. Tratados de Hubertsburgo em 1763. 409

CAPITULO LVI.

Do estado e das principaes revoluções da Asia nos ultimos seculos. Da China. Do Japão. Da Persia e do Mogol. Imperio Anglo-Indio. 430

FIM DO INDICE.

010365

